

Reorientação Curricular do 1º ao 9º ano

Currículo em Debate - Goiás

SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS - CONVITE À AÇÃO

HISTÓRIA

6.7

GOIÂNIA - 2009

Governador do Estado de Goiás

Alcides Rodrigues Filho

Secretaria de Estado da Educação

Milca Severino Pereira

Superintendente de Educação Básica

José Luiz Domingues

Núcleo de Desenvolvimento Curricular

Flávia Osório da Silva

Maria do Carmo Ribeiro Abreu

Coordenadora do Ensino Fundamental

Maria Luíza Batista Bretas Vasconcelos

Gerente Técnico-Pedagógica do 1º ao 9º ano

Maria da Luz Santos Ramos

Elaboração do Documento

Equipe do Núcleo de Desenvolvimento Curricular

Equipe de Apoio Pedagógico

Maria Soraia Borges, Wilmar Alves da Silva

Equipe Técnica das Subsecretarias Regionais de Educação do Estado de Goiás

Anápolis, Aparecida de Goiânia, Campos Belos, Catalão, Ceres, Formosa, Goianésia, Goiás, Goiatuba, Inhumas, Iporá, Itaberaí, Itapaci, Itapuranga, Itumbiara, Jataí, Jussara, Luziânia, Metropolitana, Minaçu, Mineiros, Morrinhos, Palmeiras de Goiás, Piracanjuba, Piranhas, Pires do Rio, Planaltina de Goiás, Porangatu, Posse, Quirinópolis, Rio Verde, Rubiataba, Santa Helena de Goiás, São Luís de Montes Belos, São Miguel do Araguaia, Silvânia, Trindade, Uruaçu

Equipes escolares

Diretores, secretários, coordenadores pedagógicos, professores, funcionários, alunos, pais e comunidade

Assessoria (6º ao 9º ano)

Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária (CENPEC)

Presidente do Conselho Administrativo: Maria Alice Setubal

Superintendente: Maria do Carmo Brant de Carvalho

Coordenadora Técnica: Maria Amábile Mansutti

Gerente de Projetos: Anna Helena Altenfelder

Coordenadora de Projeto: Meyri Venci Chieffi

Assessoria Pedagógica: Maria José Reginato

Assessoria da Coordenação: Adriano Vieira

Assessoria por área de conhecimento: Adriano Vieira (Educação Física), Anna Josephina Ferreira Dorsa (Matemática), Antônio Aparecido Primo (História), Conceição Aparecida Cabrini (História), Flávio Augusto Desgranges (Teatro), Humberto Luís de Jesus (Matemática), Isabel Marques (Dança), Lenir Morgado da Silva (Matemática), Luiza Esmeralda Faustiloni (Língua Inglesa), Margarete Artacho de Ayra Mendes (Ciências), Maria Terezinha Teles Guerra (Arte), Silas Martins Junqueira (Geografia)

Apoio Administrativo: Solange Jesus da Silva

Parceria

Fundação Itaú Social

Vice-Presidente: Antonio Jacinto Matias

Diretora: Ana Beatriz Patrício

Coordenadoras do Programa: Isabel Cristina Santana e Maria Carolina Nogueira Dias

Supervisão Editorial

Felícia Batista

Docentes da UFG, PUC-GO e UEG

Adriano de Melo Ferreira (Ciências/UEG), Agostinho Potenciano de Souza (Língua Portuguesa/UFG), Alice Fátima Martins (Artes Visuais/UFG), Anegleyce Teodoro Rodrigues (Educação Física/UFG), Darcy Cordeiro (Ensino Religioso/CIERGO), Denise Álvares Campos (CEPAE/UFG), Eliane Carolina de Oliveira (Língua Inglesa/UFG), Eduardo Gusmão de Quadros (Ensino Religioso/PUC-GO), Eguimar Felício Chaveiro (Geografia/UFG), Lucielena Mendonça de Lima (Língua Espanhola/UFG), Maria Bethânia S. Santos (Matemática/UFG), Noé Freire Sandes (História/UFG)

Digitação e Formatação de Texto (versão preliminar)

Equipes das áreas do Núcleo de Desenvolvimento Curricular

Projeto e Editoração gráfica

Ana Paula Toniazzo Antonini

SUMÁRIO

Apresentação	7
Carta aos Professores e Professoras.....	9
Um Diálogo entre a Universidade e a Rede Pública de Ensino	11
Os desafios do processo de elaboração das sequências didáticas	13
Ensino de História: o Cotidiano da Sala de Aula	19
Sequência Didática 6º Ano - Memória da Infância: Brinquedos e Brincadeiras como Patrimônio.....	23
Atividades para Apresentação da Proposta.....	25
1º Atividade: Apresentação da Proposta.....	26
2º Atividade: Sensibilização.....	27
Atividades para Identificação dos Conhecimentos Prévios.....	29
1º Atividade: Brincadeiras que Conhecemos.....	29
Atividades para Ampliação dos Conhecimentos.....	33
1º Atividade: Brincadeiras, Brinquedos e Memória: sua Relação com Diferentes Modos de Vida, em Diferentes Espaços e Tempos.....	33
2º Atividade: Brincadeiras em Dois Tempos Diferentes.....	37
3º Atividade: Ideia e os Conceitos de: Memória, Patrimônio, Cidadania, História Local.....	41
4º Atividade: Entre Memória e História.....	42
5º Atividade: Entrevista com Moradores Antigos.....	44
6º Atividade: Trabalhando com os Resultados da Entrevista.....	44
7º Atividade: o Consumo de Brinquedos na Atualidade.....	45
Atividades para Sistematização dos Conhecimentos.....	46
1º Atividade: Produção e Sistematização do Conhecimento.....	46
Atividades para Avaliação dos Conhecimentos.....	46
1º Atividade: Avaliação.....	46
Referência.....	47

Sequência Didática 6º Ano - **História e Memória de Tempos Vividos.....49**

Atividades para Apresentação da Proposta.....	51
1ª Atividade: Apresentação da Proposta.....	52
2ª Atividade: Sensibilização.....	52
Atividades para Identificação dos Conhecimentos Prévios.....	53
1ª Atividade: Sobre História e Memória.....	53
Atividades para Ampliação dos Conhecimentos.....	54
1ª Atividade: Ampliação do Conhecimento.....	54
Atividades para Sistematização dos Conhecimentos.....	58
1ª Atividade: Sistematização.....	58
Atividades para Avaliação dos Conhecimentos.....	59
1ª Atividade: Avaliação.....	59
Referência.....	59

Sequência Didática 7º Ano - **O Sertão Está em Toda Parte.....61**

Atividades para Apresentação da Proposta.....	64
1ª Atividade: Apresentação da Proposta.....	64
2ª Atividade: Sensibilização.....	65
Atividades para Identificação dos Conhecimentos Prévios.....	66
1ª Atividade: Diagnóstico.....	66
Atividades para Ampliação dos Conhecimentos.....	67
1ª Atividade: o Mar Tenebroso e Desconhecido.....	68
Atividades para Sistematização dos Conhecimentos.....	75
1ª Atividade: Sistematização do Conhecimento.....	75
Atividades para Avaliação dos Conhecimentos.....	75
1ª Atividade: Avaliação.....	75
Atividade Complementar.....	75
Referência.....	76

Sequência Didática 7º Ano - **Sertão Goiano: da Formação das Ideias à Construção dos Lugares.....79**

Atividades para Apresentação da Proposta.....	80
1ª Atividade: Apresentação da Proposta.....	80
2ª Atividade: Sensibilização.....	81
Atividades para Identificação dos Conhecimentos Prévios.....	82
1ª Atividade: Diagnóstico.....	82

Atividades para Ampliação dos Conhecimentos.....83

1º Atividade: Texto Expositivo: "O Caminho da Águas" 83

2º Atividade: Trabalhando o Texto..... 86

3º Atividade: Texto Expositivo: "Os Tropeiros e as Cidades" 87

4º Atividade: Lendo Poemas..... 89

5º Atividade: Documento de Época - Populações Indígenas de Goiás..... 94

6º Atividade: Mapa - Regiões Ocupadas por Povos Indígenas
no Estado de Goiás no Final do Século XIX..... 96

7º Atividade: No Tempo dos Bandeirantes: Meninos - Homens..... 98

8º Atividade: Texto Historiográfico - Ocupação
do Território Por Quilombos..... 99**Atividades para Sistematização dos Conhecimentos..... 101**

1º Atividade: Produção e Sistematização do Conhecimento..... 101

Atividades para Avaliação dos Conhecimentos..... 101

1º Atividade: Avaliação..... 101

Texto Complementar..... 102

Referência..... 106

Sequência Didática 7º Ano - Festas Populares Regionais..... 109**Atividades para Apresentação da Proposta..... 111**

1º Atividade: Apresentação da Proposta..... 112

2º Atividade: Sensibilização..... 112

Atividades para Identificação dos Conhecimentos Prévios..... 113

1º Atividade: Diagnóstico..... 113

Atividades para Ampliação dos Conhecimentos..... 113

1º Atividade: Leitura dos Textos..... 113

2º Atividade: Construção de um Roteiro para Análise do Filme Shrek 3..... 113

3º Atividade: Música "O Violêro" de Elomar..... 116

4º Atividade: Leitura do Texto "Os Mascarados"..... 118

Atividades para Sistematização dos Conhecimentos..... 120

1º Atividade: Sistematização do Conhecimento..... 120

Atividades para Avaliação dos Conhecimentos..... 120

1º Atividade: Avaliação..... 120

Referência..... 121

APRESENTAÇÃO

A Secretaria de Estado da Educação entrega à comunidade escolar o Caderno 6, da série *Currículo em Debate*, um valioso subsídio que oferece contribuições didáticas aos professores e possibilita o desenvolvimento de atividades mais dinâmicas em sala de aula e a participação ativa dos estudantes. A série integra o processo em que se discute o currículo nas escolas públicas promovido pelo Governo do Estado de Goiás: o programa de reorientação curricular.

Todos os cadernos da série foram escritos em parceria com as Universidades Federal, Católica e Estadual de Goiás, com o Centro de Estudos e Pesquisa em Educação, Cultura e Ação Comunitária (Cenpec), com a Fundação Itaú Social e com professores da rede pública estadual. Este caderno, especificamente, contém sequências didáticas para o ensino de conteúdos do 1º ao 7º ano do Ensino Fundamental, apresentando sugestões metodológicas com propostas de atividades diversificadas.

Desejamos que este documento seja uma referência positiva para todos os docentes goianos, pois as sugestões apresentadas revelam o que os professores estão desenvolvendo na sala de aula. Afinal, para nosso orgulho, as *Sequências Didáticas* foram elaboradas por professores e professoras da nossa rede que transformam o fazer pedagógico em experiências significativas.

Esta publicação reafirma nossa convicção de que a educação pública em nosso Estado contribui, de modo efetivo, para a formação integral do ser humano e para a transformação das relações sociais e ambientais, apontando caminhos em direção a um mundo melhor para todos.

Conheçam as *Sequências Didáticas*, apropriem-se delas e valorizem os autores e colaboradores responsáveis pela elaboração destes Cadernos que revelam, em cada sugestão, em cada página, caminhos para que a educação pública em Goiás beneficie cada vez mais o estudante. Considerem o *Caderno 6* como mais um instrumento a ser utilizado no processo de ensino e de aprendizagem.

Com justo reconhecimento, dedicamos esta publicação a todos os professores de Goiás, que se esforçam por uma educação mais humana, educando e construindo, no dia-a-dia, novas e criativas formas de pensar e agir. Façam bom uso dela.

Milca Severino Pereira

Secretária de Estado da Educação de Goiás

Caros professores e professoras,

Há muito veicula entre nós, educadores da rede Estadual, a série **Currículo Em Debate**. Desde as primeiras ideias, em 2004, até a elaboração final dos cadernos 5 e 6 que compõem esta série, sempre conta com a participação efetiva daqueles que acreditam e fazem a Educação em nosso Estado. Ao longo desse trabalho, partilhado, construído, a muitas mãos, a partir das **Oficinas Pedagógicas** por área do conhecimento, realizamos seminários, encontros de formação, acompanhamento pedagógico e muitas outras ações. As equipes escolares, em cada município do Estado organizaram grupos de estudos, elaboraram e enviaram-nos suas experiências e feitos. Assim, num cirandar de ideias, verdades e realidades das diferentes regiões do estado, legitimamos, através dos cadernos as experiências que revelam a importância do papel de cada um de nós na reorientação curricular em curso. E, ao mesmo tempo, valorizamos o seu fazer, professor(a), divulgando as boas iniciativas que na maioria das vezes você realiza sem alarde, de forma anônima e silenciosa. Tudo isso vem fomentando a formação continuada e em serviço, numa grande ciranda, dialogando sobre o currículo, as particularidades de cada área do conhecimento, suas concepções, metodologias e tantas outras questões que envolvem o ensino e a aprendizagem na **Educação Básica em Goiás**.

Hoje, concluindo o 6º caderno - sequências didáticas do 1º ao 7º ano, em versão final, e o caderno 7 - sequência didáticas do 8º e 9º anos, em versão preliminar, sentimo-nos realizados ao vê-los circulando entre os profissionais que atuam no ensino fundamental, subsidiando o trabalho pedagógico, fomentando as discussões num faz e refaz constante. É gratificante quando nos chegam os depoimentos daqueles que se sentem representados, acolhidos, ao ver suas contribuições e experimentos registrados. Nossa expectativa é de que essas vivências, agora disponibilizadas para a comunidade escolar do estado, contribuam para despertar, em todos os educadores goianos, o desejo de ler, pesquisar, planejar atividades desafiadoras e significativas, e, sobretudo para a reflexão de que não é a atividade em si que promove a aprendizagem, mas sim, o contexto didático em que ela está inserida.

Infelizmente muitos são os que ainda não tiveram acesso aos cadernos. Acreditamos que para o sucesso da nova proposta curricular é imprescindível que todos os professores os tenham em mãos. Vale conferir o resultado do trabalho. Leia, analise as experiências que vêm sendo vivenciadas e compartilhadas por nossos colegas **EDUCADORES** que assumiram o desafio de se tornarem melhores, de construir uma prática pedagógica diferenciada. Caso você ainda não tenha os cadernos 1, 2, 3, 4 e 5 procure imediatamente sua subsecretaria. Esta providenciará exemplares para todos os professores. Você pode também ter acesso aos cadernos por meio do site da Seduc: www.seduc.gov.br.

O Currículo em Debate, em todas as áreas do conhecimento, tem sido objeto de estudo nos encontros pedagógicos das escolas, das subsecretarias e da Suebas. Por isso, reiteramos que sua presença e participação efetiva nesses encontros é de fundamental importância.

Desta forma, com a realização de reuniões de estudos por área do conhecimento, com a ampliação de espaços para discussões coletivas, planejamentos e replanejamentos do trabalho pedagógico, conseguiremos transformar nossa prática, num esforço conjunto, e atender as exigências educacionais de nosso tempo e espaço. Assim buscamos vencer um grande desafio posto para todos nós, educadores - professores, coordenadores e gestores: a qualidade social do ensino nas escolas públicas de Goiás; o crescimento de nossos estudantes no domínio da leitura e da escrita, em todas as áreas do conhecimento; sua permanência, com sucesso, na escola fundamental e a terminalidade desse nível de ensino na fase prevista.

Contamos com o seu trabalho, professor, professora... com o seu esforço e compromisso nessa importante tarefa!

Superintendência de Educação Básica
Equipe do Núcleo de Desenvolvimento Curricular

UM DIÁLOGO ENTRE A UNIVERSIDADE E A REDE PÚBLICA DE ENSINO

Eliane Carolina de Oliveira¹

O exercício da docência é uma tarefa desafiante, cuja aprendizagem implica um processo complexo que abarca fatores de naturezas diversas. Ao entender que tanto a universidade quanto a escola são agências formadoras, é necessária a aproximação e a busca constante de parcerias entre estes *loci* principais de formação de professores. A consecução de um projeto neste modelo pode ser viabilizada unicamente a partir da conjunção de esforços entre Poder Público, Instituições de Educação Superior e Comunidade Escolar – fato este que vem se materializando nos últimos cinco anos em nosso Estado.

Nesse sentido, o processo de Reorientação Curricular em Goiás se constituiu na concretização dessa desejada parceria na qual todos os participantes tiveram garantida a sua condição de produtores de conhecimento. O espaço de interlocução, de partilha e democratização de saberes e conhecimentos entre os professores das escolas regulares, os técnicos da Superintendência da Escola Básica e os consultores do CENPEC e das universidades goianas tem sido significativo na construção dos produtos ora apresentados resultando em experiências enriquecedoras e ganhos qualitativos para todos os envolvidos.

Para a universidade, esse estreitar de laços propiciou uma visão mais ampla e concreta acerca da realidade fora do âmbito da academia e, nesse sentido, pôde-se discutir e propor subsídios teórico-metodológicos que melhor pudessem contribuir para a educação oferecida aos alunos nas várias áreas do conhecimento. Pôde, ainda, possibilitar aos futuros professores um contato mais direto com aqueles que estão envolvidos no processo de reorientação curricular e, eventualmente, aproximá-los das realidades educacionais e das reais exigências que encontrarão ao adentrarem o campo profissional.

Desafio e continuidade parecem ser as palavras-chave da parceria iniciada em 2004. Acreditamos que os trabalhos desenvolvidos durante todo o processo se constituirão em campos propícios ao desenvolvimento de atividades de pesquisa, de interlocução e aprendizagem contínuas. Que possamos continuar a fomentar as atividades de ensino e favorecer a articulação entre as diversas atividades empreendidas por todos os parceiros que compartilham da mesma intencionalidade que é garantir uma educação pública de qualidade para todos.

¹ Doutora em Linguística Aplicada (UFMG), professora universitária (UFG). Consultora da Reorientação Curricular de Língua Inglesa na Seduc/GO.

OS DESAFIOS DO PROCESSO DE ELABORAÇÃO DAS SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS

Equipe Cenpec¹

“Um passo à frente e já não estaremos mais no mesmo lugar”

Chico Science

I. O processo: uma escrita a muitas mãos

“a continuidade”

O processo de reorientação curricular, implementado na rede a partir de 2004, pela parceria entre Suebas, Cenpec, Universidade Federal de Goiás, Universidade Estadual de Goiás, Pontifícia Universidade Católica de Goiás e Fundação Itaú Social, é fruto de várias ações e projetos desenvolvidos na rede estadual de ensino, que, gradativamente, produziram as condições para que, nesse dado momento, a partir dos indicadores educacionais de evasão e repetência e do questionamento do currículo em vigência, fossem desencadeadas ações de debate sobre a situação do ensino no estado de Goiás.

Esse amplo processo atravessou duas administrações, num esforço coletivo para caracterizá-lo como ação de estado e não de governo, razão pela qual, acreditamos que apesar das adversidades e contradições próprias da implementação de qualquer política pública, ele pode crescer, se consolidar e, agora, ter potencial para permanecer.

Nesse esforço, foram produzidos os cadernos “Currículo em Debate” que expressam os momentos vividos pela rede no processo de reorientação curricular, durante os últimos anos, culminando com a elaboração das matrizes curriculares, como referência para o estado, e com exemplos de sequências di

1 Adriano Vieira; Maria José Reginato e Meyri Venci Chieffi: Assessores do Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária -CENPEC

dáticas, por área de conhecimento, que ajudassem os professores a visualizar a concretização da metodologia proposta para sua área específica. Para legitimar as matrizes e as sequências didáticas, o processo de produção foi acompanhado de um processo de validação pela rede, que orientou as mudanças necessárias.

Acreditamos que a natureza da parceria, envolvendo um órgão governamental, universidades locais, uma organização da sociedade civil e uma fundação empresarial, assim como a participação de diferentes segmentos da rede estadual de ensino, durante todo o processo, foram fatores determinantes para que não houvesse interrupção na construção e implementação do projeto de reorientação curricular. É nesta continuidade que apostamos, às vésperas de novas mudanças no executivo.

“ a unidade na diversidade”

O estado de Goiás tem 38 subsecretarias de educação, com realidades distintas. Envolver toda a rede no mesmo processo, contemplando as diferenças regionais e as diferenças de formação, foi um grande desafio na elaboração das matrizes e das sequências didáticas.

O que garantiu a unidade na diversidade foram as concepções de currículo, de ensino e aprendizagem e seus pressupostos, bem como as diretrizes e os eixos da proposta curricular que perpassaram tanto os objetivos educacionais quanto a metodologia de ensino de cada área do conhecimento.

Assim, os conteúdos curriculares e as expectativas de aprendizagem apontadas no caderno 5 , bem como as atividades das sequências didáticas do caderno 6 (sexto e sétimo anos) e do caderno 7 (oitavo e nono anos, a ser publicado em 2010) tem como pressupostos os eixos já apontados nos cadernos 1,2,3 e 4, como: o direito de toda criança e de todo adolescente de aprender e concluir o ensino fundamental com sucesso; a democratização da escola como condição para a realização de uma educação humanizadora e o trabalho coletivo como garantia do envolvimento de todos. Esses pressupostos se expressam nas diretrizes da reorientação curricular, quais sejam: reduzir a evasão e repetência no estado, ampliar os espaços coletivos nas escolas e no sistema e desenvolver um currículo significativo que considere o universo cultural dos alunos. Expressam-se, também, nos eixos das propostas específicas de cada área do conhecimento, que afirmam o compromisso de todas elas com a leitura e produção de textos, a valorização da cultura local e da cultura juvenil e a proposição de uma metodologia dialógica. Desta forma, os cadernos do 1 ao 7 se interrelacionam, buscando as mesmas conquistas. No que toca, propria-

mente, aos conteúdos curriculares, há uma integração muito grande entre os cadernos 3- concepção das áreas, caderno 5- matrizes curriculares e cadernos 6 e 7- sequências didáticas. Cabe esclarecer que as próprias sequências didáticas conferem unidade às áreas do conhecimento, na forma de organização dos conteúdos, em momentos específicos do processo de ensino e aprendizagem.

II. O que entendemos por sequência didática

É uma situação de ensino e aprendizagem planejada, organizada passo a passo e orientada pelo objetivo de promover uma aprendizagem definida. São atividades sequenciadas, com a intenção de oferecer desafios de diferentes complexidades para que os alunos possam, gradativamente, apropriarem-se de conhecimentos, atitudes e valores considerados fundamentais.

Nessa direção, optamos pelas sequências didáticas como forma de organizar os conteúdos escolhidos ou indicados pelos professores, para concretizar situações exemplares de ensino e aprendizagem, como apoio metodológico à rede.

A estrutura das sequências

As sequências didáticas seguem a seguinte estrutura: apresentação da proposta de trabalho; levantamento dos conhecimentos prévios dos alunos; ampliação do conhecimento em questão; sistematização e avaliação. Ressaltamos que os momentos citados não são lineares nem estanques, mas se interpenetram, podendo até um conter o outro, como no caso de se promover a ampliação do conhecimento e uma sistematização, no próprio momento de levantar os conhecimentos prévios.

1. apresentação da proposta

É o anúncio do que vai ser estudado, o compartilhamento da proposta de trabalho com os estudantes, fornecendo uma visão geral do processo a ser desenvolvido e explicitando os pontos de chegada.

2. levantamento dos conhecimentos prévios

Os conhecimentos prévios são aqueles que os alunos adquiriram em suas experiências anteriores, dentro e fora da escola, sobre o assunto a ser estudado.

É importante conhecê-los para relacioná-los intencionalmente ao que se quer ensinar.

É o momento de se fazer o mapeamento do conhecimento que os alunos têm sobre os principais conceitos que serão trabalhados. Para ativá-los, problematizamos, de diversas formas, os temas em questão, propondo desafios, de modo que ponham em jogo o que sabem. Este momento pode ser desenvolvido por meio de rodas de conversa, leitura de imagens e/ou textos escritos, resolução de problemas, debates, dentre outras estratégias.

O registro dos conhecimentos prévios pode ser reapresentado ao final da sequência para fornecer elementos de avaliação ao professor e ao próprio estudante.

3. ampliação do conhecimento

Este é um momento importantíssimo que requer do professor segurança em relação ao conteúdo e às formas de desenvolvê-lo, considerando a heterogeneidade dos níveis de conhecimento e a faixa etária dos adolescentes e jovens.

As atividades devem proporcionar um “mergulho” no tema, por isso, no material, são propostas estratégias bem diversificadas: aulas dialogadas, projeção de vídeos e filmes, leitura e produção de textos, pesquisas em bibliotecas, na internet, nos livros didáticos adotados pela escola, entrevistas, saídas em campo.

4. sistematização do conhecimento

Consiste na retomada do percurso, organizando as principais noções e conceitos trabalhados, por meio de registros, promovendo a apropriação das aprendizagens desenvolvidas pelos alunos e permitindo a professores e alunos uma visão geral do trabalho que foi feito, com os avanços e as dificuldades encontradas. É um momento de síntese e de divulgação dos produtos finais do trabalho.

5. avaliação

A marcha da aprendizagem define a marcha do ensino, que tem como referencial as expectativas de aprendizagem definidas para tal, no caso, as apontadas pelas matrizes curriculares.

Daí a importância da avaliação processual, no decorrer das sequências, por meio de reflexões e registros do professor e dos alunos a respeito das aprendizagens realizadas, dos avanços, das dificuldades.

É importante, também, desenvolver um processo de auto-avaliação,

para que os alunos aprendam a identificar o que aprenderam, as dificuldades que tiveram, as dúvidas que ainda precisam ser esclarecidas. Esse exercício irá torná-los conscientes do próprio processo de aprendizagem, desenvolvendo a sua autonomia intelectual.

III. Um convite

Como é possível constatar, um grande trabalho foi feito e muitos participaram desta construção.

Por isso, acreditamos na possibilidade da continuidade, permanência e enraizamento deste processo.

Sendo assim, convidamos todos os professores da rede estadual de Goiás a fazer um debate crítico sobre as sequências didáticas ora apresentadas, discutindo-as no interior das escolas e em encontros nas subsecretarias, para que sejam apropriadas e se tornem de fato instrumento de trabalho, ajudando no planejamento e desenvolvimento das aulas, da maneira mais adequada à realidade de cada escola, cada professor, cada sala de aula.

E, que nessas discussões, se pense muito nos estudantes e na forma como eles veem respondendo às propostas das sequências, pois eles são os destinatários desse trabalho; são eles, afinal, que dão sentido à nossa profissão de professor.

ENSINO DE HISTÓRIA: O COTIDIANO DA SALA DE AULA

Adriane Álvaro Damascena¹

Amélia Cristina da Rocha Teles²

Janete Romano Fontanezi³

Márcia Aparecida Vieira Andrade⁴

Maria Geralda de Almeida Moreira⁵

A Sequência Didática é uma forma de organização de conteúdos para promover a aprendizagem. Entretanto é preciso ressaltar que o meticoloso planejamento de uma situação de ensino tem por objetivo levar o educador a refletir sobre sua prática. O que se pretende é registrar, em minúcias, as etapas de uma experiência de ensino com base em conteúdos abrangentes que permitam romper a excessiva fragmentação da História ensinada tradicionalmente.

O processo da Sequência Didática, como totalidade, deve contemplar as seguintes etapas: diagnóstico ou levantamento dos conhecimentos prévios dos estudantes; ampliação do conhecimento, sistematização do conhecimento e avaliação.

Essas etapas constituem parte de qualquer planejamento de ensino, entretanto o que se pretende é incentivar a formulação de sequências como forma de aprimorar a qualidade do trabalho desenvolvido pelos professores e, para tanto, é essencial acreditar no trabalho coletivo e na troca de experiências como caminho essencial para o trabalho docente. Nessa direção, o educador se torna responsável pelo seu processo de crescimento intelectual, buscando assegurar a melhoria na qualidade do ensino ao estabelecer a necessária relação entre ensino e pesquisa.

O processo de Reorientação Curricular, teve sua continuidade no caderno 05 com a definição das expectativas de aprendizagem voltadas para o perfil de um estudante capaz de se inserir no processo de aprendizagem como sujeito autônomo (Seduc-2008). Para tanto, foi necessário pensar o currículo como espaço de pesquisa e de construção de novos saberes, possibilitando ações que desenvolvam o espírito de pesquisa, atitude fundamental no processo de aprendizagem.

A seleção de conteúdos feita pelo professor parte sempre de uma escolha que carrega intencionalidade, revelando uma concepção de educação, de cur-

1 Mestre em Educação, Professora da SEDUC

2 Especialista em História, Professora da SEDUC

3 Mestre em História, Professora da SEDUC

4 Mestranda em História, Professora da SEDUC

5 Mestre em História, Professora da SEDUC e da UEG.

rículo e de História. Em meio ao imenso repertório de conteúdos, é preciso selecionar os que se revelarem significativos, ou seja, os que permitam valorizar a experiência social dos estudantes e os que são historicamente acumulados. A percepção de que os conteúdos não existem por si mesmos, pois se apresentam conectados aos conceitos que fundamentam a compreensão da experiência humana no tempo, é condição necessária para o envolvimento dos estudantes como agentes de seu aprendizado.

O conceito de memória foi selecionado na elaboração das sequências do 6º e 7º anos como uma estratégia para a discussão da História como disciplina. A valorização da História local, bem como dos aspectos culturais da sociedade, exige a reflexão sobre os pressupostos do conhecimento histórico. A memória formula uma representação do passado com base na vivência dos contemporâneos, apresentando uma primeira interpretação dos eventos. A História elabora outro tipo de conhecimento fundado na elaboração de hipóteses a serem confrontadas com a documentação. Neste caso, a memória é fonte para o historiador.

A relação entre memória e história constitui um espaço privilegiado para que o estudante perceba a construção do conhecimento histórico, com base na metodologia da história oral. A valorização das brincadeiras, tema da sequência didática do 6º ano elaborada pela SEDUC, “Memória da infância: brinquedos e brincadeiras como patrimônio”, enquanto objeto histórico repõe a experiência familiar como fonte para a reconstituição do passado. Na sequência didática do 7º ano, “O Sertão está em toda parte” e “Sertão goiano: da formação das ideias à construção dos lugares”, partimos do conceito geral do sertão para o sertão goiano, dando ênfase às imagens e representações do homem sertanejo/tropeiro na ocupação do território goiano. A coleta de depoimentos e experiências vividas são fontes para a história e a crítica ao documento; são práticas que podem transformar a sala de aula em laboratório de produção do conhecimento histórico. Com base nessa abordagem, os conteúdos ganham novos significados: as Sequências Didáticas, portanto, pretendem transformar a sala de aula em espaço de discussão e elaboração de conhecimentos significativos.

O primeiro momento de uma sequência é o *Diagnóstico*, atividade introdutória que visa identificar conhecimentos prévios dos estudantes. Esses conhecimentos foram adquiridos nas suas vivências e experiências para além dos muros da escola. Esta atividade deve ser realizada por meio de situação problema e contextualizada, objetivando despertar o interesse do estudante para a temática e seu posterior compromisso com a pesquisa. Neste momento, embora haja também atividades que ampliam os conhecimentos e os sistematizam, o olhar do professor está voltado a perceber o que os estudantes conhecem daquele conteúdo que será trabalhado, dando-lhes pistas de como articular estes saberes àqueles que pretende desenvolver.

A *Ampliação do Conhecimento* é a etapa do processo que requer maior quantidade de aulas. Devem ser utilizados os mais diversificados procedimentos pedagógicos: leituras orientadas, exposição do(a) professor(a), projeção de vídeos com roteiro para os estudantes observarem, discutirem, fazerem registros, visitas monitoradas e pesquisas direcionadas, depoimentos, análise de gravuras, músicas, charges, documentos, leituras de textos literários, textos jornalísticos para que os estudantes ampliem seu conhecimento. É de fundamental importância o papel do educador como mediador e orientador do processo de aprendizagem.

A *Sistematização* é a organização e apresentação de todo o trabalho realizado na sequência: a retomada do processo e verificação do que foi aprendido pelos estudantes, o momento da divulgação dos registros realizados e corrigidos, individual e coletivamente, enfim, o resultado final da sequência didática. Além disso, ela deve promover apropriação crítica dos conhecimentos, recuperar e socializar as experiências mais significativas vividas pelo grupo e possibilitar a reflexão e análise na retomada de pontos importantes dos conteúdos trabalhados.

A *Avaliação* deve ser processual, contínua e cumulativa. Isto significa que em todo momento o professor(a) está avaliando – por meio da oralidade dos estudantes, da discussão nos trabalhos em grupos, das leituras etc.

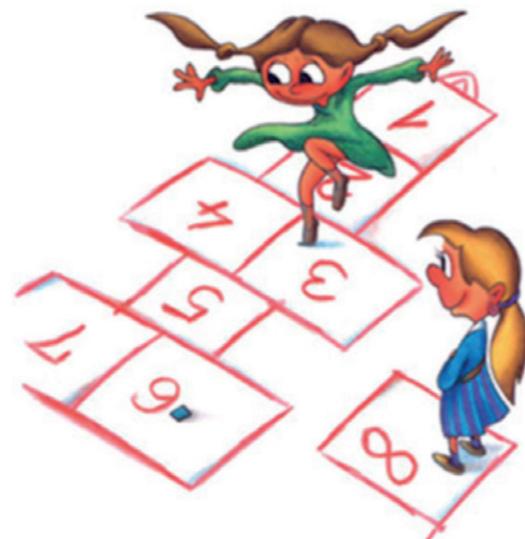
No decorrer da sequência didática, há certamente atividades mais próprias para avaliar a aprendizagem dos estudantes. Daí a importância do registro, pelo professor (a), desses momentos mais relevantes do processo para se ter um panorama geral do nível de apropriação do conteúdo estudado pelo estudante, ao final das sequências.

A História de Goiás foi um dos grandes desafios para o ensino de História na rede pública. Somente o compromisso do professor(a) com os temas locais e regionais pode superar o déficit da formação nessa área e impulsionar a produção de material didático sobre a região. A valorização da cultura local, proposta na Reorientação Curricular, pode representar uma estratégia capaz de incentivar a produção de conhecimentos sobre Goiás e, para isso, é fundamental a compreensão do papel de protagonista que o professor-pesquisador deve desempenhar na formulação e execução das Sequências Didáticas.

REFERÊNCIAS

BITTENCOURT, Circe Maria. *Ensino de História: fundamentos e métodos*. São Paulo: Cortez, 2004.

SCHMITDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. *Ensinar História*. São Paulo: Scipione, 2004.



http://2.bp.blogspot.com/_rP11HoTDgM/Sb-NKDZkG7I/AAAAAAAAABE/_8THqBKpMLk/s320/brincadeiras.JPG

SEQUÊNCIA DIDÁTICA – 6º ANO

MEMÓRIA DA INFÂNCIA: BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS
COMO PATRIMÔNIO

HISTÓRIA

“Os estudos realizados foram muito bons porque enriqueceram nosso conhecimento por meio de trocas de experiências...”

Professora da Subsecretaria de São Luís de Montes Belos
Maria Francisca Perreira de Costa.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA: 6º ano

MEMÓRIA DA INFÂNCIA: BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS COMO PATRIMÔNIO

Equipe de História:

Adriane A. Damascena

Amélia C. da Rocha Teles

Janete Romano Fontanezi

Márcia Aparecida Viera Andrade

Maria Geralda de Almeida Moreira

CONSIDERAÇÕES GERAIS DA RELAÇÃO ENSINO E APRENDIZAGEM EM HISTÓRIA

Sequência Didática em História

Esta Sequência Didática foi elaborada pela equipe de História da SEDUC para ser executada nas salas de aula do Estado de Goiás, objetivando contribuir para a prática cotidiana dos professores, na implementação do Programa de Reorientação Curricular.

Eixos temáticos:

- Diversidade Cultural: encontros e desafios.
- Terra, propriedade: poder e resistência.
- Mundo dos cidadãos: lutas sociais e conquistas.

Objetivo:

Criar uma ação permanente voltada à preservação da memória e do patrimônio a partir das noções de brinquedo (cultura material) e brincadeiras (cultura imaterial). Por meio da construção dessas noções busca-se compreender a produção cultural no cotidiano, as noções de permanências e mudanças e a relação entre História, Memória e Patrimônio.

Expectativas de aprendizagem

- Reconhecer diferentes fontes históricas: escritas, orais, iconográficas, imagéticas, materiais e eletrônicas.
- Registrar a memória local, por meio de entrevista com pais, avós, sobre brinquedos e brincadeiras de suas juventudes.
- Inventariar brinquedos que exemplifiquem permanências e mudanças (diferentes tempos históricos).
- Compreender a importância das normas de segurança para fabricação e uso dos brinquedos como direito à cidadania.
- Reconhecer, por intermédio de brinquedos e brincadeiras, as lembranças da infância e juventude.
- Sensibilizar, através de objetos significativos a importância do patrimônio pessoal e o reconhecimento do patrimônio social como parte integrante de identidade social.
- Reconhecer, ao longo da sequência, as diferenças entre história, memória e patrimônio cultural.
- Compreender a construção da ideia de criança e infância na História.

Material Necessário e Equipamentos

- Som, CD, balões, textos fotocopiados, imagem, varal de parlendas, cartolina, pincéis, papel A-4 e materiais para confecção de brinquedos.

Quantidade de aulas

- Aproximadamente 12 aulas

1- Apresentação da Proposta

Memória da infância: brinquedos e brincadeiras como patrimônio

Esta **Sequência Didática** foi pensada para você professor (a) trabalhar na sala de aula com estudantes do 6º ano da Rede Estadual, na implementação da Reorientação Curricular em curso no Estado de Goiás. O fato de o currículo ter sido repensado a partir de três eixos: leitura e escrita; cultura local e cultura juvenil, levou a equipe de História a pensar conceitos de memória e patrimônio por meio de brinquedos (cultura ma-

terial) e brincadeiras (cultura imaterial) e de como essa produção cultural pode ajudar na compreensão das relações socioculturais que deram origem aos espaços, lugares e identidades.

Assim, a visão de memória e patrimônio deve ser ampliada para ultrapassar as fronteiras da escola, dos museus e da cidade. Os conceitos de História e Memória, abordados por meio dos estudos dos brinquedos e das brincadeiras, propiciam aos estudantes o entendimento de que brincar é uma atividade histórico-cultural. Possibilita ainda, por meio da rememoração dos brinquedos e brincadeiras dos idosos, a promoção da interação entre as gerações num determinado fragmento de tempo.

2- Sensibilização

Professor(a), para promover a sensibilização dos estudantes para o assunto proposto, sugerimos o uso da seguinte canção *Bola de meia, bola de gude* (mas você pode usar outras canções). A canção deve ser ouvida coletivamente pelo grupo, chamando-o para pensar sobre memórias da infância.

Nesse momento a intenção é a de promover uma reflexão acerca das memórias da infância. Assim pergunte aos estudantes:

- Do que a canção trata?
- Quais as coisas bonitas retratadas?
- Que partes da canção falam da infância? Como vocês sabem disso?

É importante fazer um trabalho com esse gênero textual-canção. Você pode, por exemplo, debater com os estudantes a respeito do compositor da canção, dos possíveis sentidos que ela pode ter, das palavras que conhecem e das que desconhecem. Faça esse trabalho de forma sucinta e divertida. Lembre-se de que é um momento de sensibilização.

Bola de Meia, Bola de Gude

Milton Nascimento

Composição: Milton Nascimento

Há um menino
Há um moleque
Morando sempre no meu coração
Toda vez que o adulto balança
Ele vem pra me dar a mão

Há um passado no meu presente
Um sol bem quente lá no meu quintal
Toda vez que a bruxa me assombra
O menino me dá a mão

E me fala de coisas bonitas
Que eu acredito
Que não deixarão de existir
Amizade, palavra, respeito
Caráter, bondade alegria e amor
Pois não posso
Não devo
Não quero
Viver como toda essa gente
Insiste em viver
E não posso aceitar sossegado
Qualquer sacanagem ser coisa normal

Bola de meia, bola de gude
O solidário não quer solidão
Toda vez que a tristeza me alcança
O menino me dá a mão
Há um menino
Há um moleque
Morando sempre no meu coração
Toda vez que o adulto fraqueja
Ele vem pra me dar a mão

CD Maria Maria e o último trem – Duplo (2000)

3 - Diagnóstico dos conhecimentos prévios dos estudantes sobre memória da infância: brinquedos e brincadeiras como patrimônio

Professor (a), este momento é fundamental para identificar os conhecimentos que os estudantes têm a respeito do tema. Os jovens têm muitos saberes que devem ser socializados e considerados como ponto de partida no processo de ampliação dos conhecimentos. Este é o momento de propiciar a eles a oportunidade de expressar noções a respeito de memória e patrimônio. Essas noções podem contribuir para a discussão desses conceitos.

Para levantar esses conhecimentos é interessante propor uma situação-problema. Aqui sugerimos que ela seja feita por intermédio da brincadeira com balões, onde far-se-á verificação dos conhecimentos prévios dos estudantes, a partir de uma produção inicial oral e, posteriormente escrita, em relação ao tema em questão (memória da infância: brinquedos e brincadeiras como patrimônio).

3.1- Brincadeiras que conhecemos

Professor (a) é necessário organizar com antecedência os balões e as tarjas para que os estudantes possam utilizá-los na hora de fazer a brincadeira.

Esta atividade, com balões, deve ser desenvolvida com os estudantes, na seguinte sequência:

- distribua para cada estudante um balão, sendo que todos os balões deverão ser da mesma cor, em seguida dê para cada aluno uma tarja de papel;
- peça para cada um, sem se identificar, responder por escrito, na tarja de papel, a questão: **qual o brinquedo ou brincadeira de que você mais gosta? Por quê?**
- solicite aos estudantes que respondam a pergunta, coloquem o papel respondido no balão, encham o mesmo, brinquem com os balões jogando-os e quando você contar até três, todos, ao mesmo tempo, deverão estourar o balão que tiverem em mãos;
- cada estudante deverá recolher uma tarja de papel, ler a resposta e comentá-la;
- depois pergunte aos estudantes: é importante preservar os brinquedos e brincadeiras locais? Por quê?
- se a resposta do estudante for sim pergunte: como preservar?
- ao ouvir as respostas, anote no cartaz o que considerar importante, em relação ao patrimônio material e imaterial, bem como as lembranças relacionadas ao espaço de vivência das brincadeiras;

- o cartaz com as anotações, deverá ser afixado em local visível da sala de aula, para posterior retomada das discussões;
- discutir a respeito de memória e patrimônio alicerçado nas respostas dos estudantes.

Dica:

- Professor (a), esta dinâmica pode ser realizada também, com a caixa de sapato.
 - Faça um círculo.
 - Distribua aos estudantes tarja de papel.
 - Escreva no quadro a seguinte pergunta: Qual o brinquedo ou brincadeira de que você mais gosta? Por quê?
 - Estudante, escreva sua resposta na tarja e coloque na caixa de papel.
 - Colocar música de fundo e quando a música parar, o estudante tira uma pergunta da caixa e faz a leitura e o comentário.
- Faça os questionamentos necessários.

Professor (a), esta é mais uma indicação para enriquecer o seu trabalho.

O que significa a memória para a História?

-Não há História sem Memória. O fundamental é marcar essa diferença.

- Quando a história toma a memória como objeto, ela cria um olhar distanciado e faz a seguinte pergunta: por que é importante lembrar? E por que as sociedades históricas são lembradas? Em diferentes momentos da trajetória humana, os usos do passado são diferenciados.

Se achar necessário leia a entrevista de **Ana Maria Mauad** disponível no site: www.tvebrasil.com.br/salto. Aqui temos uma parte da mesma.

Salto: O que é memória do ponto de vista histórico?

Ana Maria: Do ponto de vista histórico, a gente trabalha com a memória a partir dos referenciais históricos que são importantes. Fundamentalmente, você tem uma memória individual, que é uma memória “co-dividida”, que está cada vez mais se tornando objeto da História, na medida em que você está recuperando um pouco o papel do indivíduo nos processos sociais. Por outro lado, a gente trabalha com uma memória social, que longe de ser o somatório das memórias individuais, está ligada ao sentido de comunidade, à construção das identidades sociais e aos processos sociais como um todo.

Salto: Qual é a diferença entre memória social e a memória coletiva?

Ana Maria: A memória coletiva é um conceito que está ligado a uma determinada abordagem da memória social e que tem uma linha de perfil sociológico com a Sociologia do Durkheim, que pensa que as comunidades, elas são o somatório dessas memórias individuais, a partir de uma espécie de identidade coletiva. Essa abordagem foi muito criticada e a noção de memória coletiva, ela está sendo superada pela noção de memória social. Ou seja, são os atores sociais vivendo em comunidade que elaboram e processam essa memória, que tem a ver com a comunidade, com um conjunto de pessoas vivendo ao longo de um determinado tempo. Pode ser uma geração, podem ser várias gerações. Então, essa noção de memória social, ela vem dar uma complexidade à noção de coletivo, na medida em que você caracteriza melhor esse sentido do espaço aonde essa memória é gerada. Nada é gerado espontaneamente, existe um processo social através do qual essas memórias são operadas. Fundamentalmente, a discussão sobre memória superou a noção de memória coletiva, na medida em que você dá identidade à voz dos atores sociais. Então, quando você trabalha com essa identidade múltipla, essa identidade trans-individual, você está, necessariamente, trabalhando com uma abordagem mais social. Trabalhando o grupo humano como um grupo social que envolve representações, códigos de comportamento e, também uma operação ao longo do tempo. A noção de geração é muito importante para a discussão sobre memória social.

Salto: O que significa a memória para a História?

Ana Maria: É uma discussão que vem se consolidando no Brasil, a partir dos anos 80, com o processo de redemocratização. É a necessidade que as sociedades que saem de períodos autoritários, de períodos traumáticos, têm de fazer lembrar. Então, o movimento social trouxe à tona a discussão sobre memória. No campo dos estudos históricos, a preocupação em tomar essa memória como objeto da História significa, necessariamente, criar um problematização. Ou seja, transformar essa memória plural, quer seja a partir da trajetória dos indivíduos, como as biografias sociais, quer seja através da vida em comunidade, quer seja através de conflitos ou até mesmo dos monumentos, que são os lugares de memória. Você vai tomando e problematizando essa memória como objeto da história. Ela não é mais alguma coisa que seja a própria História, ela é alguma coisa sobre a qual a História se debruça para poder estudar e para poder entender melhor.

Pergunta: Mas não há História sem memória...

Ana Maria: Não há História sem memória. E o fundamental é marcar essa diferença. Você tem um trabalho de rememoração, quando eu rememoro com os meus filhos a trajetória daquilo que gerou a nossa família. Então, isso é um trabalho de rememoração. Ele constrói identidade, cria significado e cria coesão de grupo. Quando a história toma a memória como objeto, ela cria um

olhar distanciado. E faz a seguinte pergunta: por que é importante lembrar? E por que as sociedades históricas são lembradas? Em diferentes momentos da trajetória humana, os usos do passado são diferenciados. O papel da memória, por exemplo, para os gregos antigos, era muito mais importante que o papel da história científica. Porque, para os gregos, era muito mais importante a epopéia dos antepassados trazida pela poesia épica do que a história contada, que era muito mais alguma coisa ligada ao evento, ao acontecimento. À medida que as sociedades se tornam mais complexas do ponto de vista da própria organização das suas atividades sociais e os grupos também se tornam mais diversificados, você vai começar a ter disputas em torno da identidade. E a memória vai ter um papel fundamental, no sentido de criar essa identidade social e de estabelecer, às vezes dentro do próprio grupo, parâmetros para gerenciar os conflitos sociais. Não há história sem memória, mas as duas coisas não são sinônimos.

Professor (a) esta é uma segunda indicação de texto que você pode utilizar para discutir a questão do patrimônio.

Patrimônio cultural pessoal,

como objetos, vestuário e mobiliários que fazem parte da vivência dos antepassados e permanece no seio da família como forma de manutenção da memória de um tempo. Patrimônio cultural pessoal não está relacionado ao seu valor econômico, mas ao valor afetivo. Por intermédio dos objetos, pode-se contar a história de uma família e do grupo social da qual ela faz parte.

Patrimônio público: ambiental, arquitetônico e histórico, como monumentos, praças, florestas, lugares e edificações, preservados e tombados. Existem patrimônios históricos que são reconhecidos por um órgão oficial de preservação, entretanto há também bens que são reconhecidos apenas por uma determinada comunidade. Neste caso esta se incumbirá de sua preservação levando os bens para as gerações futuras.

Tombamento de bens da cultura material: O tombamento pode ser feito pela União através do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN, pelo Governo Estadual através do Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico e Arquitetônico do Estado -CONDEPHAAT ou pelas administrações municipais, utilizando leis específicas ou a legislação federal. O tombamento não se restringe aos bens materiais. Os bens imateriais, como as manifestações culturais, danças, festas, culinária, ritmos musicais, também podem ser tombados.

Para saber mais sobre a preservação e registros da cultura imaterial, veja Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial, outubro de 2003-UNESCO.

<http://www.unesco.org.br/images/cabeçalho.ipg> e <http://www.brasilia.unesco.org/areas/cultura/areastematicas/patrimonioimaterial>

4. Ampliação dos conhecimentos sobre memória da infância: brinquedos e brincadeiras como patrimônio

Professor (a) organize uma caixa de brinquedos e leve para a sala de aula.

4.1- Brincadeiras, brinquedos e memória e sua relação com diferentes modos de vida, em diferentes espaços e tempos.

Neste momento pretendemos relacionar brinquedos e brincadeiras com diferentes modos de vida, de diversas sociedades, em diferentes espaços e tempos. Aqui, vamos também sensibilizar os estudantes para o trabalho em grupo.

Apresente aos estudantes a CAIXA DE BRINQUEDOS como elemento de motivação e convide-os para a atividade coletiva.

A caixa de brinquedos deve ficar acessível aos estudantes para que manipulem os mesmos, explorando o seu conteúdo: tipo de brinquedos, uso coletivo ou individual, brinquedos artesanais ou manufaturados, local de uso dos brinquedos etc.

Atividade coletiva: dividir a turma em 4 grupos, distribuindo-lhes diferentes textos. Em seguida, explique que cada um vai fazer uma atividade diferente para depois socializar com a classe.

O primeiro grupo lembrará canções infantis que conhecem; o segundo pesquisará parlendas e adivinhas; o terceiro e o quarto farão leitura de textos sobre brincadeiras infantis.

Grupo 1 – Canções Infantis da Cultura Popular

Cultura popular infantil: canções infantis, brincadeiras populares, parlendas e adivinhas. Essa atividade vai tratar mais especificamente da cultura imaterial (canções infantis, brincadeiras populares, parlendas e adivinhas).

Professor (a), fale um pouco sobre o gênero canção.

Peça aos estudantes para lembrarem das canções infantis aprendidas na escola ou em casa que serão cantadas para os colegas e expostas no varal. Você poderá cantar para eles as canções de sua infância.

Grupo - 2 Parlendas e Adivinhas

Promova o intercâmbio com o(a) professor de Língua Portuguesa que poderá orientar os estudantes sobre o que são parlendas, adivinhas e como trabalhá-las.

Dica:

Professor (a), “por meio das adivinhas, encontramos respostas para questões diversas. A estrutura do jogo é simples e corresponde a uma fórmula muito comum de questionamentos: o que é, o que é? À medida que se lança a questão, respostas possíveis ou não começam a ser apresentadas pelos ouvintes. Quem comanda o jogo, é aquele que sabe o que se esconde por trás das palavras, geralmente mantém a situação sob controle por meio de silêncios e gestos. Encontrar a resposta ou mesmo conhecê-la significa o comando... A sugestão...o caminho para aquilo que se esconde. Segundo Veríssimo de Melo, as adivinhações são de origem africana, porém de destaque europeu. Há muito as pessoas costumavam brincar de suposições e geravam com essa brincadeira uma espécie de oportunidade para se testar a capacidade reflexiva de quem participava (...). ainda de acordo com Veríssimo de Melo, na antiguidade, as adivinhações desempenhavam papel de importância na sociedade. Não eram meras brincadeiras infantis, mas verdadeiros desafios para ao adultos, prova de inteligência e capacidade.

As **parlendas** são versinhos com temática infantil que são recitados em brincadeiras de crianças. Possuem uma rima fácil e, por isso, são populares entre as crianças. Muitas parlendas são usadas em jogos para melhorar o relacionamento entre os participantes ou apenas por diversão. Muitas parlendas são antigas e, algumas delas, foram criadas, há décadas. Elas fazem parte do folclore brasileiro, pois representam uma importante tradição cultural do nosso povo.

Fonte: <http://www.suapesquisa.com/folclorebrasileiro/parlendas.htm>

Professor (a) monte um varal com **parlendas e adivinhas** e oriente o grupo para produzir outras parlendas e adivinhas para ampliação do varal;

O grupo socializará com a turma.

Grupo 3 – O Jogo da Peteca

Distribua o texto para o grupo, orientando-os para a leitura e desafiando-os a encontrar nele, a origem do jogo. Eles deverão anotar as informações que chamaram mais a sua atenção e depois socializar com os colegas.

Em relação à peteca, alguns especialistas apontam a origem estritamente brasileira, proveniente de tribos tupis do Brasil e que se expandem em regiões densamente populadas pelos indígenas, como Minas Gerais. Considerada a partir de 1985 como esporte oficial, genuinamente brasileiro, a peteca, antes confeccionada em palha de milho, com enchimento de areia ou serragem, e com penas de galinha, hoje aparece padronizada com rodela de borracha sobrepostas e quatro penas brancas de peru.



Crianças jogando peteca

A enciclopédia Mirador Internacional (1976, p. 1344) afirma ser a peteca uma espécie de bola achatada de couro ou palha, em que se enfiam penas, cuja origem é indígena (em tupi, “bater” é “peteca”, em guarani, é “petez”). Brinquedo de inverno no Brasil, seu uso coincide com a colheita de milho e com as festas de Santo Antônio, São João e São Pedro.

Depoimentos de Manoel Tubino reafirmam essa origem, chamando a atenção para sua disseminação em Minas Gerais, a partir de 1931, em reduto antigamente habitado por indígenas (Folha de S. Paulo, 2-6-87). Entretanto, Grunfeld (1979, p. 254), na obra *Jeux du Monde*, refere-se à peteca como um jogo que se lança de um para o outro, com uma bola munida de penachos ou plumas, que se pratica na China, Japão, Coréia, há mais de 2000 anos. Afirma que antigamente se usava tal jogo para treinamento militar. Pensava-se que tal tipo de jogo melhorava as habilidades físicas do soldado. Na Coréia, os mercadores ambulantes jogavam as petecas uns para os outros pra se aquecerem do frio.

Uma versão menos prática do jogo é aquela em que se utilizam palhetas de madeiras, as raquetes. Em certos desenhos da Grécia clássica, encontra-se um jogo similar ao da raquete ou peteca. Em alguns países, é um jogo tradicional para meninas; no Japão ele faz parte das celebrações do ano novo, e na Inglaterra, sob a Dinastia dos Tudor, servia para pedir graças.

De origem indígena, este jogo teve sua prática regulamentada, por muitos anos, nos Clubes América e Regatas São Cristóvão do Rio de Janeiro. Conta-se que, em 1928, nas Olimpíadas de Antuérpia, os brasileiros exibiram esse jogo, desconhecido dos europeus, causando-lhes tão boa impressão que foi solicitada, ao médico esportivo Dr. José Maria de Melo Castelo Branco, sua regulamentação. Posteriormente, tornou-se, o jogo, mais di-

fundido na Finlândia do que no Brasil, conforme declaração de atletas, em recente visita ao país.

É comum, em clubes esportivos e nas praias, indivíduos se reunirem em círculo, tendo ao centro um elemento que recebe e distribui a peteca aos demais. O do centro é substituído pelo que deixa a peteca cair. O objetivo é mantê-la em trajetórias aéreas, impulsionada pela palma das mãos.

São realizadas, também, competições rudimentares, em grupos de 2 a 3 elementos, em cada campo, separados por um cordel esticado, contando ponto quando a peteca não é rebatida e vai ao chão⁶.

Grupo 4 – Cama de Gato

Professor(a), oriente os estudantes para fazerem a leitura coletiva do texto, e grifarem os pontos relevantes.

Em seguida, peça aos estudantes para elaborarem uma lista de palavras desconhecidas e procurarem os significados em dicionários.

Proponha a discussão das idéias centrais do texto e a socialização destas com a turma.

Peça para dizerem se já conheciam essas brincadeiras e, se sim, para explicarem com quem aprenderam.

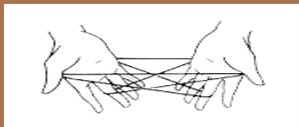
Cama de Gato

“O “fio” sempre simbolizou o “atar”, o “amarrar”. Talvez uma das grandes ofensas que se pode proferir seja a de se chamar alguém de “marionete” de outrem, já que o “marionete” é um boneco, que por estar atado a fios, se movimenta segundo a vontade do manipulador. (...) O instrumento “corda” ou “fio”, portanto, é útil no trabalho masculino e feminino. E quando unido, tramado e tecido, dá origem à vida. Ou a “cama-de-gato”, que simboliza todo esse universo. (...) Crianças em todo o mundo brincam de “cama-de-gato”: em duplas, enlaçam um barbante nos dedos e este é torcido, enrolado, formando desenhos e estruturas, que são passadas de uma criança para outra, sendo que, se hábeis os jogadores, infinitas serão as possibilidades.”⁷

6 Disponível em: <http://www.terrabrasileira.net/folclore/manifesto/jogos/j-peteca.html>. Acesso em: 14.08.09

7 O texto completo está disponível no site: <http://www.terrabrasileira.net/folclore/manifesto/jogos/j-gato.html>

Dica:



Professor (a), pegue um cordel (barbante ou fio), não muito grosso, com 1 m a 1,50m de comprimento e ate as duas extremidades. Todas as figuras aqui descritas se elaboram a partir do anel assim formado. O jogo consiste em evocar, com o cordel, diferentes objetos por meio de uma série de manobras e de entrelaçamentos. Para a clareza das

explicações, os dedos serão designados de 1 a 5 a partir do polegar. A letra D indica que se trata da mão direita e a letra E da mão esquerda.

Introduzir as mãos no anel à exceção dos polegares. O cordel passa, portanto, entre D1 e D2, E1 e E2, estando as palmas frente a frente.

Os quatro dedos da mão direita metidos no anel passam, pela frente de si, abaixo do fio E1-D1 (como se esfregassem as palmas de baixo para cima). Puxar. Efetuar a mesma operação com a outra mão.

D3 introduz-se sob o cordel que passa através da palma esquerda e puxa. E3 faz o mesmo. Apresentar o berço, dirigindo as mãos para o chão.

<http://www.terrabrasileira.net/folclore/manifesto/jogos/j-gato.html>

4.2- Socialização

Proponha a apresentação dos quatro grupos, direcionando a conversa para o objetivo da atividade: relacionar brinquedos e brincadeiras com diferentes modos de vida, em diferentes espaços e tempos.

Você pode fazer isso, questionando a classe com algumas perguntas como: que brincadeiras já conheciam? Em que lugares eram ou são desenvolvidas? Quem brinca ou brincava assim?

Ao final desse processo sistematize com os estudantes os pontos mais significativos da discussão. Destaque as noções de permanências e mudanças, memória e patrimônio. Peça aos estudantes que registrem tais pontos e proponha a atividade seguinte para continuar aprofundando na discussão.

Este é um bom momento para você, professor(a), registrar como seus estudantes estão se apropriando dos conceitos históricos trabalhados.

4.3 - Brincadeiras em dois tempos diferentes

Leitura de Imagem

Professor(a), nessa atividade trabalharemos com leitura de imagens, assim é necessário fotocopiar as imagens de brincadeiras de crianças e pedir aos estudantes que, individualmente, as observem, tecendo comentários no coletivo, sob sua orientação. A primeira foi pintada por um artista holandês Pieter Bruegel, em 1560. A segunda é uma criação do pintor brasileiro Candido Portinari, no ano de 1935.

Aqui, busca-se trabalhar com a pintura enquanto documento histórico, tendo como foco os brinquedos e as brincadeiras, particularmente em dois tempos históricos: 1560 e 1935.



Pieter Bruegel - 1560



Portinari - 1935

Professor (a), para análise das referidas imagens, enquanto documento histórico, oriente os estudantes com o seguinte roteiro:

- O que as imagens retratam?
- Que relações podem ser feitas entre elas e o tema da sequência didática?
- Que tipo de brincadeiras podem ser encontradas nestas imagens?
- Que objetos aparecem nelas?
- Como são as pessoas que aparecem no espaço da cena da gravura?
- Como estão vestidas?
- Quais as semelhanças e diferenças entre as duas imagens?

É importante registrar as conclusões, objetivando a retomada das observações em momentos posteriores. Assim, registre em cartaz ou no quadro as conclusões do grupo, concedendo um espaço de tempo para que os estudantes anotem essas conclusões em seus cadernos.

Peça aos estudantes que desenhem o cenário das imagens de Bruegel e de Portinari em uma folha de papel com cenas de brincadeiras atuais, colocando título e data no desenho.

Dica:

Professor(a): esta é uma nova estratégia que você poderá utilizar para enriquecer o trabalho em sala de aula. Para tanto, você deve cortar as datas das referidas imagens. Após a leitura, informar quem fez as pinturas, quando e o espaço que retratam: Pieter Brueghel (1560, atual Holanda) e Candido Portinari (1935, Brasil).

Solicitar que os estudantes identifiquem qual delas é mais antiga. O objetivo é verificar como eles se localizam no tempo cronológico.

Depois disso, pedir que leiam as biografias dos autores das pinturas.

Peça aos estudantes para falarem sobre os desenhos feitos, comentando as razões de suas escolhas. Direcione a conversa com as seguintes questões:

A rua é um lugar onde as crianças brincam? Por quê? E os parques e praças? Quem pode brincar lá? Por quê? Há crianças que brincam sozinhas? O que você acha disso?

É interessante a reflexão, também, sobre a oferta ou não de possibilidades de lazer, na região, para crianças e jovens.

Proponha à turma a produção individual de um texto a respeito do conteúdo estudado. Você poderá fazer o roteiro com os estudantes, de modo a auxiliá-los no momento da escrita.

Texto 1: Biografia de Candido Portinari

Peça aos estudantes para fazerem a leitura do texto.

Candido Portinari nasceu no dia 29 de dezembro de 1903, numa fazenda de café em Brodoswki, no Estado de São Paulo. Filho de imigrantes italianos, de origem humilde, recebeu apenas a instrução primária. Desde criança manifestou sua vocação artística. Aos quinze anos de idade foi para o Rio de Janeiro em busca de um aprendizado mais sistemático em pintura, matriculando-se

na Escola Nacional de Belas Artes. Em 1928 conquista o Prêmio de Viagem ao Estrangeiro da Exposição Geral de Belas-Artes, de tradição acadêmica. Vai para Paris, onde permanece durante todo o ano de 1930. Longe de sua pátria, saudoso de sua gente, Portinari decide, ao voltar para o Brasil em 1931, retratar nas suas telas o povo brasileiro, superando aos poucos sua formação acadêmica e fundindo a ciência antiga da pintura a uma personalidade experimentalista e anti-acadêmica moderna. (...)

A inclinação muralista de Portinari revela-se com vigor nos painéis executados no Monumento Rodoviário na estrada Rio de Janeiro-São Paulo, em 1936, e nos afrescos do novo edifício do Ministério da Educação e Saúde, realizados entre 1936 e 1944. Estes trabalhos, como conjunto e como concepção artística, representam um marco na evolução da arte de Portinari, afirmando a opção pela temática social, que será o fio condutor de toda a sua obra a partir de então. Companheiro de poetas, escritores, jornalistas, diplomatas, Portinari participa da elite intelectual brasileira numa época em que se verificava uma notável mudança da atitude estética e na cultura do país.

Fonte: <http://www.casadeportinari.com.br/notas1.htm>, acessado em dezembro 2008.

Texto 2: Biografia de Pieter Brueghel

Pieter Brueghel, “O Velho” (Breda, 1525/1530 — Bruxelas, 9 de setembro de 1569) foi um pintor, célebre por seus quadros retratando paisagens e cenas do campo.

Pieter Brueghel, conhecido como Pieter Brueghel, “O Velho” (para distingui-lo de seu filho mais velho), foi o primeiro de uma família de pintores flamengos. Assinou como Brueghel até 1559, depois seus filhos retiraram o “h” do sobrenome.

“O Velho”, considerado um dos melhores pintores na Flandres do século XVI, é o membro mais importante da família. Provavelmente nasceu em Breda, nos Países Baixos (popularmente conhecida como Holanda).

Foi admitido como mestre na guilda de São Lucas com 26 anos, em 1551, e aprendiz de Coecke Van Aelst, artista de Antuérpia, escultor, arquiteto e “designer” de tapeçarias e vitrais. É nesta altura que Brueghel viaja para a Itália, onde produz uma série de pinturas, a maior parte das quais representando paisagens. Sua primeira obra assinada e datada foi produzida em Roma, em 1553.

Em 1553, se estabeleceu em Antuérpia e dez anos depois mudou para Bruxelas permanentemente. Casou-se com Mayken em 1563, filha de Van Aelst, seu mestre.

Os seus quadros, que realçam o absurdo na vulgaridade, estão no entanto

plenos de animação e pequenos detalhes, expondo as fraquezas e loucuras humanas. Sua fama cresceu através das gravuras publicadas por Cock, mas a sua paixão pela figura humana (não abandonando, no entanto, o seu interesse pelas paisagens) tornou-o o mais representativo pintor flamengo do século XVI.

Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Pieter_Brueghel_o_velho, acessado em dezembro de 2008.

4.4- Ideia e os Conceitos de: Memória, Patrimônio, Cidadania, História Local

Dica:

Professor (a), se você achar necessário, pode utilizar outras linguagens, como a poesia de Cora Coralina “Antiguidades” para trabalhar os conceitos básicos da sequência (memória, patrimônio, história local).

Professor (a) é do seu conhecimento que um dos eixos da Reorientação Curricular é promover a leitura, produção de textos e a reescrita destes, tarefa do profissional de cada área do conhecimento e não apenas do de Língua Portuguesa. Assim, para contemplar esta expectativa, você encontrará textos de diferentes gêneros, referentes à temática desta sequência didática: Memória, Patrimônio e Cidadania.

A intenção agora é provocar uma reflexão sobre as brincadeiras em Goiás em diferentes tempos e dar continuidade ao desenvolvimento das noções de memória, patrimônio histórico, mudanças e permanências como expressão do modo de vida.

Antes da leitura do texto “Brincadeiras populares em Goiás”, estimule a participação dos estudantes por meio de problematização:

- leia com atenção o título.
- pelo título, que informações você espera encontrar ao fazer a leitura do texto?
- você conhece alguma coisa referente a este assunto?

Brincadeiras Populares em Goiás

Os brinquedos pertencentes à natureza eram práticas tanto da cidade, como das fazendas. Pequenos insetos, como os vaga-lumes ou pirilampus, vulgarmente conhecidos como “caga-fogos”, faziam parte das brincadeiras noturnas dos meninos e das meninas goianos. Quando presos nas mãos, em caixinhas, em vidros ou brilhando nas roupas, as “famílias” dos insetos fosforescen-

tes iluminavam a criançada. Eram descobertos em bandos e depois apanhados pelos meninos, que saíam cantando e gritando:

Vaga-lume tem-tem

Seu pai ta aqui

Sua mãe também

Na região Centro-Oeste, o uso da natureza como brinquedo era para todos, inclusive para as crianças Xavante, que se equilibravam, alegremente, em legítimas pernas-de-pau, feitas de bambu, com suporte para os pezinhos dos curumins.⁸

Professor, oriente os estudantes para que:

- realizem a leitura silenciosa do texto proposto;
- grifem as palavras desconhecidas e as ideias que considerarem mais importantes;
- elaborem uma lista de palavras desconhecidas e consultem o dicionário;
- mapeiem o texto com as ideias centrais grifadas;
- construam em grupos, questões referentes ao texto;
- registrem todas as questões e respostas no caderno;
- socializem as contribuições dos grupos.

Professor(a), observe se os estudantes trabalharam com os conceitos referidos no início da atividade e se entenderam temporalidade e espaço. Se você quiser abordar as brincadeiras afro-brasileira sugerimos o sit.www.tvebrasil.com.br/salto.

4.5- Entre Memória e História

Para se trabalhar com o texto proposto:

- faça a leitura conjunta com seus estudantes, depois lembre-os dos trabalhos realizados sobre a memória (lembranças de brincadeiras, canções populares, parlendas e adivinhas).
- após a primeira leitura, peça aos estudantes que façam uma nova leitura do texto.

8 VALDEZ, Diane. *História da Infância em Goiás, século XVIII E XIX*. Goiânia: Alternativa, 2003.

Nem sempre é fácil lembrar-se do passado. Do que de fato lembro? Será que estou certo de que o que estou lembrando é o que ocorreu? Há um álbum de imagens dentro de mim. Lá as imagens não estão ordenadas, coladas e separadas por uma folha de papel de seda branca, como é comum nos álbuns de retratos das famílias. Ao contrário, tudo parece meio confuso: algumas vezes lembro-me das brincadeiras do passado, junto com meus irmãos, dos casos contados tantas vezes que não sei ao certo se me lembro do que vivi ou se conservo a lembrança do que foi contado. Contamos e recontamos as histórias que nos aproximam. Uma lembrança em especial é sempre rememorada em minha família. Passávamos férias em uma pequena cidade na beira do rio São Francisco, Propriá. A festa de Bom Jesus dos Navegantes reunia toda a família. A quermesse nos seduzia com seus brinquedos, barraquinhas e guloseimas. Mas havia uma atração especial: a mulher que virava macaco, a mulher-monga. Todos entraram em uma sala escura onde se escondia o mistério: uma bela jovem era apresentada ao público, mas em alguns minutos a metamorfose se iniciava, pelos surgiam na face da jovem que, subitamente, se transformava em um bicho medonho e aos urros rompia a grade que a separava do público. Lembro da correria e do medo que me dominou. Corri feito um louco em direção a casa do meu avô. No meio do caminho, percebi que havia perdido os óculos, mas faltava-me coragem para buscá-lo. Esbaforido e cansado tive que confessar o vexame. Conclusão: a história ganhou corpo e ainda hoje, decorridos quase quarenta anos daquele episódio, o acontecimento é lembrado entre risos e gargalhadas. Lembramos, com gosto, os episódios que conferem identidade à nossa família e esquecemos, ou nos recusamos lembrar, dos acontecimentos que nos afastam. Enfim, a memória está diretamente ligada ao grupo – família, amigos, instituições – e responde ao anseio de ordenar a vida em comum, ou seja, o que permite que nos reconheçamos como uma comunidade.

A história tem um sentido diverso. O que dela lembramos decorre do que nos foi ensinado. Os historiadores ordenam um passado distante que evoca o modo como nossa sociedade reflete sobre si mesma. Mas esse passado não pode ser lembrado de qualquer maneira. O passado é recomposto por meio do método histórico, cujo fundamento reside na crítica às fontes. Todo registro do passado, seja escrito, sonoro ou com imagens podem ser pensado como documento, mas o que importa mesmo é o diálogo e as questões que podem ser respondidas por meio da pesquisa.

A memória familiar pode ser pensada na perspectiva indicada, entretanto, é preciso estar atento para que as histórias narradas possam ser submetidas

9 Doutor em História e Professor da Universidade Federal de Goiás.

ao controle do método histórico. As entrevistas devem seguir um roteiro previamente traçado. A entrevista gravada deve ser transcrita com fidelidade, a pessoa entrevistada deve ler e atestar a sua fidelidade, autorizando o seu uso. A entrevista gravada e transcrita pode fazer parte de um arquivo e qualquer cidadão pode consultá-la como fonte histórica. Então a memória vivida torna-se outra coisa, torna-se história.

Nesse movimento, algo se perde. A afetividade das histórias familiares, contadas para reforçar os laços de família, nem sempre se conserva nessa outra forma de narrativa. Mas outro é o compromisso da história: se a história não mais pode ser considerada mestra da vida, ainda assim, é a compreensão do passado que permite avaliar o sentido do presente e, mais ainda, o futuro que queremos construir.

4.6- Entrevista com moradores antigos

Após a leitura e o debate do texto, os estudantes devem realizar uma entrevista sobre brinquedos e brincadeiras em Goiás em diferentes tempos. Proponha que façam entrevista com moradores antigos do bairro onde moram.

Prepare os estudantes para a realização de entrevistas com pessoas idosas do bairro, possibilitando a elas contarem sobre as brincadeiras e os brinquedos da época de sua infância. Para tanto, torna-se necessário observar os seguintes passos:

- envolver os familiares nesse trabalho;
- elaborar com os estudantes, as perguntas a serem realizadas na entrevista;
- lembrá-los que esse planejamento deve ser cuidadoso (iniciar pelas definições de data, horário, local, quem será entrevistado, como fazer o convite, quem fará o contato etc);
- sugerir a descrição detalhada de pelo menos uma brincadeira lembrada pelos pais, avós etc;
- sugerir a relação entre o brinquedo e da infância, descrevendo como a fase da infância foi vivida em uma sociedade marcadamente rural;
- definir com os estudantes o tempo da entrevista e da apresentação dos resultados.

4.7- Trabalhando com os resultados da entrevista

Oriente os estudantes a organizarem os resultados apresentados no caderno com o objetivo de montar um quadro-síntese/tabela sobre os tipos de brincadeiras citadas, as mais citadas etc.

Organize um debate com a turma dando ênfase às brincadeiras e brinquedos que surgiram na entrevista, nas relações que os entrevistados fazem com o tempo em que brincavam na infância; destacando a diferença entre o que era e o que é, com o que permaneceu e o que mudou.

Aqui é o momento para aprofundar a reflexão sobre a relação entre memória e história: duas formas de visitar o passado. A memória busca a vivência, proximidade, afeto, enquanto a história formula um saber abstrato, fundado na seleção de acontecimentos e processos que pretendem explicar o passado da sociedade.

Após o debate com a turma, elabore um quadro coletivo, se acaso houver fotos do momento da entrevista, elas podem ser afixadas em um local visível da sala de aula.

4.8 - O consumo de brinquedos na atualidade

Neste momento, retoma-se a noção de cultura material para trabalhar com os brinquedos que se compram e verificar o que eles podem revelar do modo de vida no presente. Que brincadeiras são possíveis diante de brinquedos industrializados e induzidos a serem consumidos em massa pelos veículos de comunicação? Por que não se preservam os brinquedos? Por que, rapidamente, as crianças se desinteressam pelos brinquedos que seus pais compram?

Professor (a), peça que os estudantes pesquisem e tragam propagandas atuais de brinquedos publicadas em jornais e revistas. Recolha e selecione algumas que incentivam o consumismo das crianças e promova uma discussão.

Para finalizar, apresente o texto a seguir e ressalte a importância de se ter critérios para escolher os brinquedos a consumir.

Faça uma breve discussão a respeito dos dados presentes nos anúncios.

Peça aos estudantes para fazerem a leitura do texto, segundo os passos estipulados no primeiro texto da ampliação dos conhecimentos.



BRINCAR É IMPORTANTE E NECESSÁRIO

Criança adora brinquedo – e não é para menos. Com eles, ela descobre o mundo, ativa a imaginação, a criatividade e a percepção.

Mas a escolha de um brinquedo exige algum cuidado e deve levar em consideração o gosto, o interesse, as habilidades e as limitações da faixa etária da criança.

http://www.alana.org.br/banco_arquivos/Arquivos/downloads/ebooks/cartilha_brinquedo_proteste.pdf

Após a leitura do texto, utilize as propagandas levadas para a sala de aula pelos estudantes e verifique se nelas estão contidas as orientações que vem no texto.

Se possível, planeje uma visita a uma loja de brinquedos e peça para pesquisarem:

- os brinquedos tradicionais que ainda podem ser encontrados no mercado e os mais novos. Aqui os estudantes podem fazer uma lista, contendo seus respectivos preços;
- destacar se os brinquedos observados contém as informações necessárias;

Depois organize os dados com os estudantes e, em parceria com o professor de Matemática, monte uma tabela contendo os preços dos brinquedos, aqueles que contém informações e aqueles que não contém.

Professor (a), aqui é importante retomar as atividades anteriores para comparar a maneira de brincar na atualidade com a maneira de brincar em outro tempo e em outro espaço. Nesse sentido, você continuará construindo com os estudantes as noções de permanências e mudanças, semelhanças e diferenças, ampliando a noção de tempo, compreendido como modo de vida.

5- Produção e Sistematização do Conhecimento

Professor (a), oriente os estudantes a utilizar todo o material produzido até o momento, organizando um pequeno livro sobre a memória da infância, destacando brinquedos e brincadeiras locais, a partir das entrevistas feitas.

Além disso, pode-se também:

- montar uma brinquedoteca na escola com brinquedos antigos e com invenções dos estudantes, envolvendo os profissionais de todas as áreas do conhecimento;
- montar um banco de dados com entrevistas como possíveis fontes históricas produzidas;
- criar um mini dicionário.

6- Avaliação

Diagnóstica, processual e contínua, por meio:

- da observação pontual nos debates; registros dos cadernos;
- das leituras dos textos individuais, coletivos e dos desenhos;
- construção da entrevista, confecção do *livrinho*, banco de dados e a construção dos brinquedos.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. *Infância e história: destruição da experiência e origem da história*. Belo Horizonte: UFMG, 2005.
- BENJAMIN, Walter. O narrador. In: Benjamin, Adorno, Horkheimer, Habermas. *Os pensadores*. Textos escolhidos. São Paulo: Abril Cultural, 1980, p.59-74.
- BORGES, Geruza Helena. *Coleção Arco Íris*. São Paulo: Mazza Edições Ltda, 1993.
- BOSI, Éclea. *Memória e Sociedade: Lembranças de velhos*, 3ªed, São Paulo: Cia. das Letras. 1994.
- Brinquedo é Coisa Séria. Cartilha da Associação Pró-teste-Consumidores. Rio de Janeiro: Pró-teste-Consumidores, 2007.
- DEL PRIORE, MARY. *História das Crianças no Brasil*. 4ª ed. São Paulo, Contexto, 2004.
- FRIEDERICHS, Lidiane Lurdes. O brincar através dos tempos. In: www.ufjf.br/tramse/tridi/2006/08/0brincar_atravs_dos_tempos.html. Acesso em: 19/03/2009.
- FURNARI, Eva. *Adivinha se Puder*. São Paulo: Editora Moderna, 1999.
- GALLOIS, Dominique Tikin (Org.). *Patrimônio Cultural Imaterial e Povos Indígenas*. Petrobrás. IEP Instituto de Pesquisa e Formação em Educação Indígena. 2006.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembra, escrever, esquecer*. São Paulo: Ed. 34, 2006.
- GOIÁS. Secretaria de Educação - SEE. Currículo em Debate: Expectativas de Aprendizagem - Convite à Reflexão e à Ação. Caderno 5. Goiânia: SEE - GO, 2008.
- LIMA, Ana. *O gênero memórias*. Na ponta do lápis. Almanaque do Programa Escrevendo o Futuro, nº 2, 2005, p. 5.
- MAUAD, Ana Maria. História e Memória. Entrevista concedida ao Salto para o Futuro: In: www.tvebrasil.com.br/salto.
- MORLEY, Helena. *Minha vida de menina*. São Paulo: Cia. das Letras, 1ª. edição, 1999.
- PORTO, Cristina Laclette, Jogos e Brincadeiras: Desafios e Descobertas. In: www.tvebrasil.com.br/salto/boletins2003/jbbd/index.htm. Acesso em 19/03/2009.
- ROCHA, Ruth, *O que é o que é*. 7ªed. São Paulo: Quinteto Editorial. Coleção Enigma. 1995.
- TAVARES, Regina Márcia Moura. *Brinquedos e Brincadeiras: Patrimônio Cultural da Humanidade*. Campinas: Pontes, Unesco, 2004.



TERRA BRASILEIRA. Jogos Infantis: A Peteca-brinquedos do folclore brasileiro. In: www.terrabrasileira.net/folclore/manifesto/jogos/j-peteca.html. Acesso em 19/03/2009.

TVE BRASIL. Tindolê: Brinquedos, brincadeiras e a criança afro-brasileira. Disponível em: www.tvebrasil.com.br/salto. Acesso em 19/03/2009.

VALDEZ, Diane. *História da Infância em Goiás, Séculos XVIII e XIX*. Goiânia-GO. Alternativa, 2003.



SEQUÊNCIA DIDÁTICA – 6º ANO

HISTÓRIA E MEMÓRIA DE TEMPOS VIVIDOS

HISTÓRIA

“Foi muito bom, pois aprendi como montar uma sequência didática, valorizando temas como a história da África e dos Povos Indígenas do Brasil.”

Depoimento de Professora da Subsecretaria de Anápolis.
Dilma de Lourdes Silva.

HISTÓRIA E MEMÓRIA DE TEMPOS VIVIDOS

Subsecretarias de Educação: São Luís de Montes Belos; Planaltina; Anápolis

HISTÓRIA E MEMÓRIA LOCAL

Objetivo

Diferenciar os conceitos de história e memória.

Eixos Temáticos

- Diversidade Cultural: encontros e desafios
- Mundo dos cidadãos: lutas sociais e conquistas

Expectativas de Aprendizagem

- Relacionar história individual, familiar com a história do grupo;
- Rompar distintas narrativas históricas e diferenciar a escrita pessoal de outras modalidades de narrativas;
- Registrar a memória local por meio de entrevistas com pais;
- Valorizar a história de vida dos idosos e identificar no bairro e/ou município os projetos voltados para o atendimento desse segmento e sua importância na construção da cidadania;
- Reconhecer diferentes fontes históricas: escritas, orais, iconográficas, imagéticas, materiais e eletrônicas;
- Comparar os registros da memória obtidos nos relatos com outros registros históricos sobre o bairro e a cidade;
- Identificar as características sociais e culturais da comunidade atento às marcas da permanência e mudança;
- Despertar no estudante o interesse pela preservação da memória local.

Material Necessário e Equipamentos

Livro Didático que contenha a discussão entre História e Memória.

Retroprojeter

Aparelho de som

CD's

Fichas para registro

Gravador\mp3

1. Apresentação da Proposta

A presente Sequência Didática é resultado da confluência de sequências elaboradas por professores(as) de quatro Subsecretarias de Educação da Rede Estadual, que foram escolhidas por contemplarem uma importante e difícil temática - **História e Memória** -, considerada fundamental para a aprendizagem de História desde o 6º ano e ao longo da vida escolar dos estudantes.

2. Sensibilização

Para fazer a sensibilização sobre o que é História e memória o/a professor (a) poderá utilizar a canção a seguir. Sugere-se como trabalho que os(as) estudantes escutarem a canção e escolher uma ou duas palavras para expressar as emoções sentidas e comparem às lembranças de Gabriel O Pensador com as suas.

Na casa da vovó bisa tem: gostosura
Na casa da vovó bisa tem: travessura
Na casa da vovó bisa tem: travesseiro
Na casa da vovó bisa tem: brigadeiro
Na casa da vovó bisa tem: tem um cheiro
O cheiro do pescoço da vó bisa é bom demais
(Oh! cheirinho bom do pescozinho da vovó)

Na casa da vovó bisa tem: bombom
Na casa da vovó bisa tem: batom
Na casa da vovó bisa tem: Monteiro Lobato
Na casa da vovó bisa tem: canjica no prato
Na casa da vovó bisa tem porta-retrato com foto da família reunida no Natal
Tem titio, tem titia, tem o primo, tem a prima
Tem o neto, tem a neta, tem o filho, tem a filha...

(...)Todo mundo reunido, todo mundo convidado
Todo mundo convidado, todo mundo reunido
O enteado, a enteada, a cunhada e o cunhado
Padrinho, madrinha, padrasto, madrastra
O sogro, a sogra, o genro, a nora
Todo mundo tá chegando, mas ninguém quer ir embora.

(...)
(Vovó bisa eu sei que tem, num esconde a guloseima que eu tô chegando. Eu quero, eu quero, eu quero mais!!)

Fonte: Cd - Gabriel o Pensador - Gabriel o Pensador para Crianças¹⁰

3. Diagnóstico – Sobre história e memória

Em uma roda de conversa, instigar os estudantes a falarem sobre sua história de vida.

Após a conversa na roda, o professor distribuirá uma tarja de papel para que os estudantes respondam as questões abaixo usando um codinome para, só posteriormente, ser identificado.

10 CD - Gabriel o Pensador para Crianças; 2007, Editora: Nova Escola. Música sugerida por professores da Subsecretaria de Educação de Aparecida de Goiânia, durante o encontro da Coef Itinerante, 2008.

- Quais as melhores lembranças que você tem do ano passado?

Em seguida o professor (a) passará uma caixa, onde serão colocadas as respostas.

Professor(a), balance a caixa para que cada estudante retire uma resposta.

Alguns estudantes farão a leitura da resposta socializando com a turma.

Nesse momento, recolha todas as respostas e faça um breve comentário sobre as respostas lidas, destacando a relevância da memória para a história.

Minemosine era uma deusa, que representava a memória para os gregos. Sua função era guardar os fatos e acontecimentos dos deuses. Era uma titânide, mãe de nove filhas chamadas de Musas que eram criaturas que tinham o objetivo de inspirar o homem e os deuses. Entre suas filhas havia uma chamada Clio a deusa da história.

4. Ampliação do Conhecimento

Professor (a) nesse momento você irá retomar a discussão iniciada com a música Na casa da vovó e apresentar o livro Bisa Bia, Bisa Bel.

Atividades a serem realizadas:

- Apresente o livro, sua autora e a editora aos estudantes.
- Peça para observarem a capa, o título e anteciparem o conteúdo da história.
- Conte, de forma envolvente, a história da menina Bel, parando algumas vezes para mostrar as ilustrações (deixe o livro à disposição dos/as estudantes).
- Peça para eles/as escolherem as partes mais interessantes do livro e contar se já viveram situações semelhantes.
- Pergunte aos estudantes:
 - O que a personagem Bel conta da sua Bisa?
 - O que significa a palavra bisa para você?
 - Compare as lembranças de Bel com as suas.



Bisa Bia, Bisa Bel

A menina Bel encontra um dia uma foto de sua bisavó Bel, entre as coisas de sua mãe. A partir daí, ela inicia uma relação de muitas descobertas com essa pessoa tão importante na vida de sua família e na da própria. Uma relação de amizade e troca, capaz de emocionar a todos.

Fonte: http://www.anamariamachado.com/livros/livro.php?cod_livro=217

Professor(a), chame atenção dos estudantes para a importância da pesquisa e o trabalho do historiador, destacando a necessidade do cuidado com os documentos manuseados.

Professor(a), nesse momento, será importante instigar novamente os estudantes a refletirem sobre as diferenças entre história e memória. Para ampliar as discussões, mostre-lhes que o registro de suas lembranças, sua certidão de nascimento, suas fotos, desenhos e roupas constituem os documentos que possibilitam escrever o texto expondo a história de sua vida. Depois oriente-os a consultar o livro didático para saber como ele aborda a temática **HISTÓRIA E MEMÓRIA**. Ajude-os a fazer a leitura do texto expositivo didático: destacar o vocabulário, localizar as idéias principais, identificar os exemplos utilizados para complementar a explicação. Depois faça uma conversa com a classe para verificar a compreensão e as dificuldades dos estudantes.

A partir dos indicativos presentes no texto, solicite que exponham as diferenças e semelhanças entre suas idéias e as dos autores do livro. Para finalizar, organize uma discussão e registro coletivo sobre os conceitos de história e memória.

Agora é o momento mais adequado para apresentar por meio de um esquema, texto ou aula-pesquisa, os diversos sentidos das palavras História, Memória e as diferentes fontes históricas (registros, fotos, documentos pessoais) utilizando os recursos disponíveis na escola. Peça aos estudantes para registrarem em seus cadernos os principais pontos referentes a esta aula.

Em seguida, oriente os estudantes a escreverem suas histórias de vida (autobiografia) consultando registros de sua vida: *documentos escritos* (certidão de nascimento, carteira de vacinação, boletim escolar...), *documentos visuais* (fotografia, desenhos, pasta de atividades de anos escolares anteriores...) e *materiais* (roupas, brinquedos...). Chame a atenção para tratar sobre tudo que considerar importante para a construção de sua história, incluindo as características físicas (cor dos olhos, pele, tipo de cabelo), acessórios que usa (óculos, boné, aparelho ortodôntico...).

O texto deve ser expositivo e, para tanto, é necessário sugerir um roteiro.

Professor (a), seguem algumas dicas sobre texto expositivo:

“São voltados para a transmissão e ampliação dos conhecimentos como o artigo enciclopédico, o ensaio, o relatório, a conferência, o texto didático, o seminário, a resenha informativa, o resumo, o relatório oral de experiência. Como buscam a compreensão das idéias expressas, utilizam linguagem clara, objetiva, adequada ao público a que se destina. Usam verbos predominantemente no presente do indicativo. Neles são usados, frequentemente, termos específicos da área à qual se referem”.

Para fixar melhor a noção de tempo cronológico, solicite aos estudantes que construam em seu caderno a linha do tempo de sua vida, recorrendo aos dados contidos no texto por eles elaborados. Após a construção da referida linha, peça, ainda, para desenharem sua árvore genealógica até a sua bisavô. Aqui, é importante estimular a criatividade.

Dialogando com outras disciplinas, como Arte, será interessante utilizar a pesquisa, textos, desenhos da autobiografia do estudante, na produção de um livro. A linguagem do Rap poderá ser utilizada para a exposição da história de vida desde sua bisavô até o momento atual.

Professor(a), na construção do texto acima referido, é necessário ressaltar a importância dos conceitos *história* e *memória*, para tanto, faça uma correção individual dos mesmos, indicando precisão nas datas (tempo), referência aos documentos utilizados, identificação dos sujeitos responsáveis pelas informações (memória oral), dos sujeitos que fazem parte de sua história de vida, dos fatos marcantes e onde aconteceram. Caso os conceitos não estejam claros, retome o que achar pertinente.

Valorizando os Idosos e Escrevendo sobre a História Local

Narradores do Tempo: Conversando com o Idoso

Toda sociedade produz história e também memória. Aquelas que não tem escrita guardam e transmitem sua memória por meio de narradores que em geral são os idosos, estes por sua vez, são responsáveis pela preservação dos valores do grupo e pela memória coletiva. Aqui, destacamos a importância da memória através dos tempos e dos povos.

A Memória, a África e os Griots

Griot, Griots ou contadores de histórias vivem hoje em muitos lugares da África ocidental, incluindo Mali, Gâmbia, Guiné e Senegal e estão presentes entre outros povos. Eles eram considerados verdadeiras bibliotecas ambulantes; a importância deles era tão grande que chegavam a ser poupados até pelos inimigos nas guerras. Lendas, feitos heróicos e lições de vida, tudo era adorado e servia de alimento para o espírito alegre e guerreiro do povo do continente africano.

Quando falecia, o corpo de um Griot era colocado, literalmente, dentro de uma gigantesca árvore chamada Baobá, para que suas histórias e canções pudessem continuar brotando e alegrando todos aqueles que as consumiam.

Fonte: http://www.griots.org.br/porque_griots.asp

A Memória Indígena.

Anciãos Transmitem Cultura Indígena

“Na maior parte das sociedades indígenas a transmissão dos elementos culturais como a mitologia, os rituais e os costumes é feita oralmente e são os idosos que desempenham essa função fundamental para a sobrevivência dos povos.

A transmissão oral da cultura acontece em narrativas de todos os continentes. No Brasil, existem cerca de 220 etnias indígenas e, em grande parte delas, a figura do ancião é valorizada como um arquivo vivo. Os saberes tradicionais englobam vários aspectos da vida nas aldeias, desde a medicina, com as curas através dos conhecimentos dos remédios feitos de ervas e dos rituais xamânicos, até os cantos e as danças para os dias de festas”.

Fonte:<http://www.comciencia.br/reportagens/envelhecimento/texto/env06.htm>.

Atividades para trabalhar o texto:

Professor(a), depois da leitura dos textos acima, promova um debate entre os estudantes para que procurem ver as diferenças e semelhanças entre as sociedades acima referidas e a importância dos mais velhos para elas. Agora é o momento de perguntar: você conhece alguém que guarda a memória na sua comunidade?

Proponha a leitura da política nacional do idoso, lei nº 8.842 de 4 de janeiro de 1994 e decreto nº 1948 de 3 de julho de 1996 (chame a atenção para o gênero do texto – Legal).

Depois divida a turma em dois grupos e solicite a cada grupo entrevistar pessoas com 70 ou 80 anos de idade, para lembrar os fatos importantes de sua vida e da história da cidade. Os estudantes deverão organizar o roteiro da entrevista na sala de aula, sob a orientação do professor(a). Eles deverão registrar a entrevista (em papel ou gravar) e recolher os documentos que sejam disponibilizados pelos entrevistados.

No decorrer da atividade os estudantes deverão procurar se informar sobre os locais de encontro ou de acolhida aos idosos, por exemplo: grupos da melhor idade, asilos existentes em seu bairro etc.

Dentre os locais listados pelos estudantes, escolha um para levar a turma.

Faça uma visita ao local escolhido, orientando os estudantes para uma apresentação com trechos das entrevistas realizadas.

Orientações para a realização da entrevista:

Saber abordar o entrevistado (dirigir-se respeitosamente a ele, explicitar os objetivos da entrevista, agendar combinar a melhor forma e lugar etc.); respeitar valores éticos (por exemplo, pedir autorização para gravar ou filmar); elaborar as perguntas tendo em vista os objetivos da entrevista; incentivar o entrevistado a falar mais sobre um assunto que interessa; usar estratégias para que o entrevistado não se desvie do foco da entrevista; fazer anotações e outros tipos de registro; transcrever respostas sem distorcer o que foi falado; (...).

Inicie uma conversa que desperte no entrevistado lembranças de sua infância ou juventude ou de aspectos da cidade de antigamente:

- Modos de viver do passado nessa cidade: brincadeiras infantis, diversões dos jovens, jeito de namorar e de casar, a vida na escola, modos de vestir, de cozinhar, de ganhar a vida, de se relacionar com os pais e vizinhos etc.

- Como eram as casas, os meios de transporte, a indústria e o comércio, as ruas e praças.

- As transformações ocorridas em ruas, praças, construções, fábricas, escolas, lojas etc.

- Eventos, acontecimentos marcantes, ocorrências trágicas, fatos curiosos ou pitorescos etc. (MARINHO, América A. C. SILVA, Zoraide I.F. Ensinar para valer. São Paulo: Fundação Volkswagen/CENPEC, 2005, módulo introdutório, p. 42).

Proponha aos estudantes que organizem um painel em sala de aula que represente as mudanças e permanências ocorridas no cotidiano dos idosos e da cidade, comparando as entrevistas realizadas e o estudo feito com a memória indígena e a memória dos Griots.

Professor(a), se a classe estiver motivada sugira aos estudantes a produção de um texto de opinião com as seguintes questões: como o idoso é tratado na região onde você mora?

- O idoso é respeitado na região onde você mora? Justifique a sua resposta a partir dos estudos feitos.

- Para realizar a atividade, dialogue com a área da Língua Portuguesa.

Artigo de opinião:

O artigo de opinião parte sempre de uma questão polêmica. É necessário fazer uma lista dos argumentos contrários. O autor do texto deve tomar uma posição e explicar os argumentos que a sustentam, buscando convencer os leitores.

5. Sistematização

Este é um momento muito importante porque possibilita a organização e a sistematização dos conhecimentos trabalhados, podendo se observar se os estudantes aproximam-se das expectativas de aprendizagem desejadas. Para tanto, propomos um painel sobre a “História do local onde os estudantes moram”,

a partir das informações que obtiveram nas diversas atividades desenvolvidas nessa sequência didática.

A história de vida dos estudantes, a entrevista com idosos e os diferentes materiais coletados (documentos) fornecerão conteúdos para escreverem sobre as mudanças e permanências no modo de vida da localidade.

Ao elaborar o painel os estudantes perceberão que a memória, quer seja expressa pelos sujeitos em sua oralidade ou quer seja expressas pelos documentos (cartas, panfletos, boletos, fotografia, objetos), é fonte para esse texto. E então poderão entender a relação entre História e Memória, objetivo maior dessa sequência didática.

Além disso é possível realizar uma exposição com os objetos coletados, fazer uma linha do tempo da história local, expor árvores genealógicas.

6. Avaliação

- Os estudantes serão avaliados processual e continuamente por intermédio de todos os procedimentos elaborados pelos professores, tais como: roda de conversa, entrevista, pesquisa, montagem de texto e exposição.

REFERÊNCIAS

MODERNA. *Projeto Araribá*. Obra coletiva da Editora Moderna. São Paulo: Moderna.

GOIÁS. Secretaria de Educação - SEE. *Currículo em Debate: Expectativas de Aprendizagem - Convite à Reflexão e à Ação*. Caderno 5. Goiânia: SEE - GO, 2008.

GRIMAL, Pierre. *Dicionário da Mitologia Grega e Romana*. São Paulo: Bertrand Brasil. 4ª Ed. 2000.

SUBSECRETARIA DE EDUCAÇÃO DE SÃO LUIS DE MONTES BELOS

Adjanira Maria de Jesus Martins
Antonio Rodrigues dos Santos
Eliene Brito de Cerqueira
Lourdes Alves da Silva
Luce-Leide Toledo
Maria da Fraga Melo
Maria José Alves do Carmo
Meiry Moraes de Souza
Milena aparecida de Carvalho
Sirlene das Graças de Souza Pereira
Tatiane Alves da Silva

PLANALTINA

Anita Ribeiro Silva
Ciro Cesar dos Reis
Clara Fernanda de Almeida Souza
Edson Wilsom Mendes de Almeida
Lilian Rosália Nascimento
Raquel de Sousa Gonçalves
Wilma dos Santos Feitosa

ANÁPOLIS

Cleide Maria dos Santos Cadete
Dalva M. P. Herold
Elizabeth R. S. Pinheiro
Fátima R. P. Menestrino
Gislene Borges Miranda Lima
João Batista da Silva
Joelma Pires pereira
Lais de Siqueira Machado
Luciana M. Alves
Maria Claudisélia Gomes Chaves
Rogéria Vitalina Theodoro Silva
Simone Aparecida Lavorato Caixeta
Simone Pescara de Freitas
Sirley Messias Gomes
Suely de Oliveira Santos
Walquíria Pinheiro Lima Aguiar



SEQUÊNCIA DIDÁTICA: 7º ano

O SERTÃO ESTÁ EM TODA PARTE

HISTÓRIA

“As oficinas trabalhadas são um momento de buscar motivação para o nosso trabalho em sala de aula. A sequência didática é uma grande ajuda para o trabalho no dia-a-dia da sala de aula...”

Professora da Subsecretaria de Morrinhos.
Paulênia L. da Silva

SEQUÊNCIA DIDÁTICA: 7º ano

O SERTÃO ESTÁ EM TODA PARTE

Equipe de História:

Adriane A. Damascena
Amélia C. da Rocha Teles
Janete Romano Fontanezi
Márcia Aparecida V. Andrade
Maria Geralda de Almeida Moreira

Sequência didática em História

Esta Sequência Didática foi elaborada pela equipe de História da SUEBAS para ser vivenciada nas escolas estaduais de Goiás com o propósito de efetivar as expectativas de ensino e aprendizagem em História.

Eixos temáticos

- Diversidade Cultural: encontros e desafios.
- Terra, propriedade: poder e resistência.
- Mundo dos cidadãos: lutas sociais e conquistas.

Objetivo

Relacionar o sertão, espaço desconhecido, com o processo de expansão marítima européia, entre os séculos XV e XVII, com destaque para a simbologia, os medos e o impulso para a conquista dos diferentes grupos sociais envolvidos na aventura dos descobrimentos.

Expectativas de aprendizagem da Matriz Curricular

- Analisar as grandes navegações sob a perspectiva da expansão européia.
- Compreender o lugar da América no imaginário europeu.

- Identificar as técnicas de navegação e o sentido de aventura (medos, mitos e mistérios) na conquista do Atlântico.
- Demonstrar por meio de desenhos, os monstros que eram descritos pelos viajantes e avaliar o que eles podem expressar.

Material Necessário e Equipamentos

Aparelho de som, CD, papel branco A-4, lápis de cor, mapas, livros e revistas, internet.

Quantidade de aulas

07 aulas

1. Apresentação da Proposta

Estas sequências didáticas foram pensadas para você professor(a) trabalhar com estudantes do 7º ano da Rede Estadual, na implementação da Reorientação Curricular em curso no Estado de Goiás. O fato de o currículo ter sido repensado a partir de três eixos: **leitura e escrita; cultura local e cultura juvenil** levou a equipe de História a estudar o conceito de sertão que será desenvolvido em duas sequências didáticas. Estas poderão ser trabalhadas em conjunto ou separadamente; muitas vezes, o/a professor(a) poderá ser alertado para recorrer às orientações contidas na primeira parte, “O Sertão está em toda parte” ou na segunda “O sertão goiano: da formação das ideias a construção dos lugares”.

Na Sequência Didática “O Sertão está em toda parte”, buscar-se-ão os conteúdos das *Grandes Navegações* presentes no livro didático, mas com uma nova abordagem. O medo como foi evidenciado, no processo da expansão ultramarina (diante da necessidade de enfrentamento dos mares) e o estranhamento no processo de colonização dos primeiros contatos das culturas européia/ameríndia serão comparados com a ocupação do sertão como lugar desconhecido e estranho.

Propõe-se, também, uma reflexão a respeito da categoria sertão, presente na ocupação do espaço conhecido como América Portuguesa. Do encontro entre “contrários”: do litoral desenvolvido, civilizado e do sertão – “espaço vazio” – atrasado e inculto que se expressa de diversas maneiras e em diversas linguagens.

O sertão como lugar desconhecido

2. Sensibilização – Barquinho



Para iniciar o estudo sobre a noção de sertão com base no imaginário constituído nos séculos XV e XVII, período chamado Grandes Navegações, sugere-se criar uma atividade lúdica com dobraduras e a partir dela questionar o significado de viagem e de desconhecido.

Para sua realização propõem-se os seguintes passos:

-Formar um círculo. Pedir para os estudantes construírem uns barquinhos de papel com folha de papel A-4 ou outra a seu critério.

-Colocar um fundo musical - Peixinhos do Mar - (Milton Nascimento).

- Pedir aos estudantes para movimentarem seus barquinhos ao som da canção.

-Em seguida, solicitar que respondam a primeira pergunta indicada abaixo (deixar que falem à vontade). Anotar as respostas.

-Depois que todos responderem, fazer a segunda pergunta, solicitando que as respostas sejam objetivas.

-As respostas devem ser socializadas pelos estudantes numa roda de conversa, depois registradas no caderno, destacando o que mais chamou atenção.

1º - O que você levaria neste barquinho em uma grande viagem pelo mar?

2º - E quais as suas expectativas para essa viagem?

Peixinhos do Mar

Milton Nascimento - Album Sentinela

Composição: Lulu Santos e Nelson Motta

(...)Quem me ensinou a nadar
Quem me ensinou a nadar
Foi, foi marinheiro
Foi os peixinhos do mar

Ei nós, que viemos
De outras terras, de outro mar
Temos pólvora, chumbo e bala
Nós queremos é guerrear (...)

Dica: Falar cada um na sua vez, ouvir com atenção as ideias dos outros, respeitar as opiniões, aproveitar para observar a capacidade de expor suas ideias, de forma clara, respeitando as diferenças de opinião.

A canção Peixinhos do Mar será utilizada para acompanhar a atividade introdutória. Nesse momento, não é necessário se deter na linguagem, gênero canção. Entretanto, é importante explicar para os/as estudantes que essa canção faz parte do repertório musical popular, chamada de cantiga de marujada. Tem sua origem no século XVII, no Pará e é cantada em vários lugares do Brasil. Em cada um desses lugares, ela toma características próprias, por exemplo: “a marujada do nordeste e de outras partes do país, é uma dança dramática, de inspiração náutica, de origem ibérica, com diversas denominações diferentes, de região para região: Nau Catarineta, Barca, Fandango ou Chegança de Marujos. São danças realizadas através de um auto dramatizado da tragédia Nau Catarineta, com o domínio do canto sobre a dança¹¹.

3. Diagnóstico

Professor(a), é fundamental identificar os conhecimentos que os estudantes têm a respeito do tema. Os adolescentes têm muitos saberes que devem ser socializados e considerados como ponto de partida no processo de ampliação dos conhecimentos. Explore o texto juntamente com os estudantes, objetivando a compreensão dos conceitos: sertão; expansão marítima/grandes navegações; conhecimentos científicos/metodologias e senso-comum.

Para levantar esses conhecimentos é importante propor uma situação problema que, nessa sequência, será potencializada pela pergunta abaixo.

“Onde fica o sertão para você?”

Professor (a), aqui é necessário usar mapas como recurso para melhor localizar e ilustrar as referências de sertão apontadas pelos estudantes seja no mapa de Goiás e/ ou no do Brasil. Pode ocorrer de a imagem que eles têm do sertão não se encontrar em mapas políticos. Ex.  Sertão é a casa do avô.

¹¹ Estas e outras informações sobre a marujada podem ser encontradas nos seguintes sites: Marujada de B(pa): (des)construções e construções. Luínda Azevedo, L. E. <http://www.revistas.uepg.br/index.php?journal=folkcom&page=article&op=view&path%5B%5D=473&path%5B%5D=306>. Acesso em: 09.09.09. A Nau Catarineta: resistência e tradição em Cabedelo. Noemi Paes Freire, Maria Adailza Martins de Albuquerque. www.prac.ufpb.br/anais/IXEnex/.../2.../2CCENDGEOCMT01.pdf. Acesso em 09.09.09.

Professor (a):

-Distribuir tiras de papel para todos da sala.

-Pedir para cada estudante responder a pergunta e colocar seu nome (a identificação poderá ser utilizada para avaliação da compreensão dos conhecimentos que os estudantes têm do tema).

-Em seguida, as respostas deverão ser apresentadas e debatidas com o grupo.

-Num segundo momento, afixar o mapa num local visível para toda a sala e solicitar aos estudantes para localizarem os lugares por eles indicados nas respostas.

-Nesse instante, as respostas deverão ser comparadas, identificando-se as semelhanças e diferenças entre elas.

4. Ampliação do conhecimento

Para ampliar o conhecimento sugere-se desenvolver atividades em diferentes linguagens e gêneros: documentos de época, textos didáticos expositivos, poemas. Cada uma delas deve acompanhar os procedimentos que ajudarão o estudante a desenvolver habilidades de leitura (compreensão e interpretação); de escrita (produção de textos). A partir dessas atividades o professor(a) avaliará as possibilidades de conhecimento dos estudantes.

Professor (a), além do trecho do texto abaixo citado da historiadora Janaina Amado, que pode ser encontrado completo no site: <http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/169.pdf>. Sugerimos também o seguinte texto:

“A origem da palavra sertão seria contemporânea ao descobrimento. Machado (apud SZTUM, 1995) registra que uma de suas primeiras referências encontra-se no Diário de viagem, de Vasco da Gama, em 1498. Aos portugueses, sem dúvida, não passaram despercebidas as grandes distâncias, as imensas vastidões, a raridade de marcas humanas, implicando um isolamento físico, psíquico e cultural nos ambientes dos chapadões, cerrados e caatingas, parecidos com os da África. De fonte etimológica duvidosa, a crença geral é a de que essa palavra foi uma invenção dos portugueses para definir o “deserto” africano, por onde se aventuraram antes das navegações. O termo seria, portanto, uma corruptela de grande deserto... sertão.

Fonte: “Em busca do poético do sertão: um estudo das representações”. Maria Geralda Almeida, In: Geografia: Leituras culturais. Almeida e Ratts, Goiânia: Alternativa, 2003.

Você deve ter percebido, na atividade anterior realizada com os seus colegas, que há várias interpretações para o que se chama de sertão, palavra conhecida desde a época das grandes navegações. Nas conquistas ultramarinas do século XV e XVII, além dos interesses econômicos de expansão territorial, havia o sentido mitológico da busca do paraíso terrestre. Assim, para os navegantes, o mais comum era entender o sertão como

o lugar distante ou desconhecido, como a própria América. Numa visão do paraíso, que na realidade, muitas vezes, se transformou num infernal encontro com realidade.

O mar tenebroso e desconhecido

a- Texto expositivo - A colonização: Invenção do sertão

Nessa atividade serão introduzidas as noções da chamada expansão ultramarina, os porquês desse projeto e as suas dificuldades. Nesta sequência, procurar-se-á comparar a ideia do desbravamento, enfrentamento do desconhecido para se cumprir o projeto de expansão, compreendendo que a passagem do litoral para o interior faz parte do mesmo projeto político, social e econômico da expansão ultramarina, desenvolvido pela Coroa Portuguesa no processo de colonização brasileira.

Esse texto é para subsidiar você, professor(a), a refletir com os estudantes a categoria sertão, caso a definição abaixo não tenha aparecido no diagnóstico.

De sertão, sabe-se que desde o século XIV, os portugueses empregavam a palavra, grafando-a “sertão” ou “certão”, para referir-se a áreas situadas dentro de Portugal, porém distantes de Lisboa (Cortesão, 1958:28). A partir do século XV, usaram-na também para nomear espaços vastos, interiores, situados dentro das possessões recém-conquistadas ou contíguos a elas, sobre os quais pouco ou nada sabiam...Desde o século XVI, as duas grafias foram empregadas por numerosos viajantes e cronistas do nascente império português na África, Ásia e América, com o sentido já apontado, de grandes espaços interiores, pouco ou nada conhecidos.

Muito tempo se passou desde as grandes navegações. Até hoje a palavra sertão continua sendo utilizada de maneira polêmica¹².

b- Texto expositivo - Navegar é superar medos e limites



Nau e Caravelas Portuguesas da época das Grandes Navegações, na sala do Museu dos Jerônimos, dedicada às embarcações dos séculos XV e XVI.

Fonte Site: www.instituto-camoes.pt/cvc/ciencia/e11.html

¹² Uma sugestão de leitura para os estudantes é o paradidático de FERREIRA, Antônio Celso; IVANO, Rogério. *A conquista do sertão*. São Paulo: Atual, 2002.

O texto a ser trabalhado diz respeito ao enfrentamento dos mares por diferentes povos, em épocas diversas. É discutido também o sentido de navegar. Antes de trabalhar o texto, explique o que envolvia os projetos de navegação da Espanha e Portugal, Estados Modernos que estavam em processo de formação. Você pode recorrer ao livro didático que foi adotado em sua escola; selecione textos expositivos, documentos de época, imagens, para explicitar as questões presentes no processo de expansão marítima – o mercantilismo e o investimento na navegação, busca de especiaria, a procura do Paraíso Terrestre, situação de pobreza da população na Península Ibérica, relação Portugal e Espanha, Tratado de Tordesilhas.

Depois de sua exposição, encaminhe a leitura do texto, que pode ser em duplas ou individual. Instrua os estudantes a circular as palavras desconhecidas e depois procurá-las no dicionário.

Navegar é superar medos e limites

Há milhares de anos, as grandes civilizações, como por exemplo, os fenícios, construíram os primeiros navios e se aventuraram ao mar. No Império Romano, há mais de 2000 anos, os navios galeras cortavam continuamente o Mar Mediterrâneo, levando e trazendo mercadorias e viajantes para todas as regiões do Império.

Os marinheiros tinham muitos temores: pensavam que no mar houvesse monstros e temiam a ira dos deuses do mar e dos ventos. Mas mesmo assim, foram sempre aumentando a navegação e chegando cada vez mais longe nas viagens.

Durante a Idade Média, há mais ou menos 500 anos, os navegadores da Europa toparam a aventura de atravessar os oceanos em caravelas. Encontraram continentes que não conheciam e viram que a Terra era muito maior do que eles pensavam. Foi um tremendo avanço para a humanidade! As pessoas descobriram que nem sempre o visível e conhecido é tudo.

Depois, no século XX, vieram os astronautas que começaram a viajar pelo sistema solar em suas poderosas naves espaciais. As descobertas deles também trouxeram novos avanços ao conhecimento humano.

E agora, no século XXI, somos nós os novos conquistadores. Navegamos também e superamos todas as distâncias do planeta Terra com um simples movimento de nossa mão no comando do computador. Mas somos diferentes dos nautas que nos precederam porque nossa navegação é real, porém é invisível (CARNIATO, Maria Inês. *A religião no mundo*. 5ª série. Coleção Ensino Religioso Fundamental São Paulo: Paulinas, 2001, p.13, adaptado).

- Após a leitura do texto, discuta com os estudantes, o que significa a palavra **desconhecido** e a expressão **navegar**.

- A história pode colaborar na pesquisa. Eles podem buscar no seu livro didático informações sobre as **Grandes Navegações**.

c- Poema – “Mar Português”.

Fernando Pessoa (1888-1935) no poema Mar Português representa a dor do enfrentamento do mar. É importante que você explique quem foi Fernando Pessoa e o que ele escreveu.

Mar Português

Ó mar salgado, quanto do teu sal

São lágrimas de Portugal!

Por te cruzarmos, quantas mães choraram,

Quantos filhos em vão rezaram!

Quantas noivas ficaram por casar!

Para que fosse nosso, ó mar!(...) ¹³

- Peça para ler o poema em voz alta.

- Selecione alguns versos e peça para os/as estudantes interpretarem.

Provoque a discussão em sala de aula, de maneira que haja várias possibilidades de interpretação.

- Para Fernando Pessoa o que significa o enfrentamento do mar?

d- Relato e texto – os monstros imaginados pelos navegantes

Selecionamos dois trechos do livro: Navegar é preciso, da historiadora Janaína Amado. O primeiro trata de um relato explicitando o medo e as possíveis imagens que se fazia do desconhecido; o segundo texto retrata as descobertas que possibilitaram chegar ao “desconhecido” por meio das novas técnicas de navegação. Da ignorância nascia o medo. Os europeus acreditavam que nos oceanos desconhecidos moravam terríveis monstros, prontos a atacar os marinheiros, como se observa no documento seguinte:

[...] Tinha somente a aparência de homem na cara, na cabeça não tinha cabelos mas uma armação, como de carnei-

13 Poema de Fernando Pessoa “Navegar é preciso”, disponível no site: (<http://www.jornaldepoesia.jor.br/fpesso05.html>).

ro, revirada com duas voltas; as orelhas eram maiores que as de um burro, a cor era parda, a boca rasgada de orelha a orelha e duas ordens de dentes, as mãos como de bugio, os pés como de boi e o corpo coberto de escamas, mais duras que conchas. [...] (relatos do português Francisco Correia a respeito do naufrágio da nau Nossa Senhora da Candelária, na ilha Incógnita, século XVII. In:AMADO, 1989, p.26,27).

Antes das grandes navegações, portanto, foi necessário que ocorressem numerosas **transformações científicas** e técnicas, além de todas as transformações econômicas, sociais, políticas e culturais. Foi necessário inventar novos instrumentos, criar outros conhecimentos e aperfeiçoar os existentes. Algumas dessas transformações técnicas e científicas aconteceram antes das grandes navegações. A maioria delas, entretanto, foi ocorrendo à medida que portugueses e espanhóis se aventuravam pelos mares (AMADO, 1989, p.22).

- Dividir a turma em duplas, para que cada dupla possa **fazer um desenho** dos monstros que eram descritos pelos viajantes e para que os estudantes possam avaliar o que eles podem expressar.

- Expor os desenhos em um painel.

- Mostrar o mapa-múndi e/ou mapa histórico das grandes navegações e procurar discutir o desconhecido e também apresentar a América e Portugal no contexto das grandes navegações.

- A mesma dupla ou duplas alternadas, podem fazer uma pesquisa (navegar) na rede, bibliotecas, ou ainda no que o seu livro didático contempla, sobre a temática, para tentar descobrir quais eram os instrumentos disponíveis na época para facilitar a navegação.

- Assim, trazer como discussão para a sala de aula a importância da ciência para o nosso cotidiano, e a relação entre conhecimento científico e conhecimento popular.

- Sugerir aos estudantes a produção de um texto com o resultado da pesquisa sobre as descobertas científicas do século XV e XVI e a sua relação com o cotidiano nos dias atuais.

Uma boa pesquisa precisa conter variadas fontes, pois não encontramos tudo em uma única fonte, e as informações devem ser checadas, pois às vezes elas são contraditórias. É preciso uni-las e organizá-las para exposição.

A aprendizagem dos conceitos científicos

A ciência está no cotidiano do estudante de qualquer idade, criança ou adulto, de qualquer classe social, pois está na cultura, na tecnologia, nos modos de pensar da sociedade de nossos dias. Toda criança detém, então, um conhecimento que está contido na teoria científica. (Elvira Souza Lima)

“O cientista é, acima de tudo, alguém que contribui para a cidadania ativa e crítica, que vai levar a cabo a transformação social nesse sentido. O cientista não é um demiurgo, o cientista não é um herói, o cientista é um cidadão em quem nós confiamos particularmente, pela natureza confiável do conhecimento que transporta”. Boaventura Sousa Santos. In: *Ciência e cidadania: um desafio para a educação*; Entrevista no site: http://www.tvebrasil.com.br/salto/entrevistas/boaventura_santos.htm

e- Romancero brasileiro – Nau Catarineta

É importante que você verifique a possibilidade de realizar esta atividade junto com o professor (a) de Língua Portuguesa. Os estudantes trabalharão com poemas que fazem parte do gênero romancero, poemas épicos de origem medieval. A Nau Catarineta foi recriada em várias versões (veja marujada). Nos versos do poema é possível perceber os vários conflitos existentes no contexto das navegações e conquistas pós século XV.

Explique para os estudantes o que é romancero e, sobretudo, enfatize o sentido popular dessa literatura.

Romancero: poesia portuguesa e espanhola de caráter épico, anônima, destinada ao canto e transmitida por tradição oral, durante a Idade Média.

Para trabalhar com o texto sugere-se que os estudantes:

- façam uma leitura coletiva do texto;
- identifiquem as palavras desconhecidas no poema e busquem seu significado no dicionário.
- conversem com seus colegas, sobre o autor;
- façam um paralelo entre o poema e as grandes navegações;
- teçam alguns comentários sobre o poema e acerca das pesquisas realizadas no livro didático, focando a temática das viagens ao desconhecido para discutir a relação entre conhecimento tradicional/popular e o conhecimento científico;
- façam mais uma leitura com sua orientação, representando as personagens.

Verifique a possibilidade de realizar esta atividade junto com o professor(a) de Artes; proponha que façam a encenação para outras turmas da escola.

Obs: o texto abaixo sofreu uma intervenção da equipe de História, na medida em que foi dividido em falas como um gênero teatral, para facilitar a leitura.

Romance da Nau Catarineta

Recriação literária de romance tradicional por Ariano Suassuna

Fonte: Cd- Lunário Perpétuo - Antonio C. Nóbrega



Narrador

Ouçam, meus senhores todos,
Uma história de espantar!
Lá vem a nau catarineta
Que tem muito que contar.
Há mais de um ano e um dia
Que vagavam pelo mar:

Já não tinham o que manjar!
Deitam sortes à ventura
Quem se havia de matar:
Logo foi cair a sorte
No capitão-general!

Capitão

- tenham mão, meus marinheiros!
Prefiro ao mar me jogar!
Antes quero que me comam

Ferozes peixes do mar
Do que ver gente comendo
Carne do meu natural!
Esperemos um momento,

Talvez possamos chegar.
Assobe, assobe, gajeiro,
Naquele mastro real!
Vê se vês terras de espanha,
E areias de portugal!

Gajeiro

- não vejo terras de espanha
E areias de portugal!
Vejo sete espadas nuas
Que vêm para vos matar!

Capitão

- vai mais acima, gajeiro,
Sobe no tope real!
Vê se vês terras de espanha,
Areias de portugal!

Gajeiro

- alvíssaras, capitão,
Meu capitão-general!
Já vejo terras de espanha,

Areias de portugal!
Enxergo, mais, três donzelas,
Debaixo de um laranjal!
Uma, sentada a coser,
Outra na roca, a fiar,
A mais mocinha de todas
Está no meio, a chorar!

Capitão

- todas três são minhas filhas:
Ah quem me dera as beijar!
A mais mocinha de todas
Contigo a hei de casar!

Gajeiro

- eu não quero a vossa filha,
Que vos custou a criar!

Capitão

- dou-te o meu cavalo branco
Que nunca teve outro igual!

Gajeiro

- não quero o vosso cavalo,
Meu capitão-general!

Capitão

- dou-te a nau catarineta
Tão boa em seu navegar!

Gajeiro

- não quero a catarineta,

Que naus não sei manobrar!

Capitão

- que queres então, gajeiro?
Que alvissaras hei de dar?

Gajeiro- Diabo

- capitão, eu sou o diabo
E aqui vim pra vos tentar!
O que eu quero, é vossa alma
Para comigo a levar!
Só assim chegais a porto,
Só assim vos vou salvar!

Capitão

- renego de ti, demônio,
Que estavas a me tentar!
A minha alma, eu dou a deus,
E o meu corpo eu dou ao mar!

Narrador

E logo salta nas águas
O capitão-general!
Um anjo o tomou nos braços,
Não o deixou se afogar!
Dá um estouro o demônio,
Acalmam-se o vento e o mar,
E à noite a catarineta
Chegava ao porto do mar

Dica: Nau Catarineta é o mais célebre, o mais belo, o mais mítico dos romances marítimos do cancionero lusitano. Xácara anônima, oriunda da segunda metade do século XVI, é a perfeita prova do nível estético, da síntese lírica, da sabedoria e economia dramáticas a que pode chegar a poesia anônima do povo em seus maiores momentos. Uma longa pesquisa entre as inúmeras variantes do poema conduziu Roger Mello à excelente versão dramática desse livro.

5. Sistematização do Conhecimento

Com base nas aulas, nos textos lidos e nas pesquisas realizadas ajude os estudantes a construir um roteiro para escrever um texto, sistematizando as principais ideias trabalhadas.

Professor(a), você pode usar outras linguagens como a história em quadrinhos (HQ), para tanto é necessário trabalhar essas linguagens com os estudantes.

Leve para a sala de aula revistas em quadrinhos para fazer, juntamente com os estudantes, uma análise da estrutura destas. Explique que as histórias em quadrinhos têm como elementos principais: as personagens, o tempo, o espaço e a ação e os quadros que chamamos de cena. Delimitar o número de quadrinhos a serem feitos para estruturar a narrativa do texto e os desenhos que irão compor as cenas. Caso tenha dificuldades, faça uma parceria com o professor(a) de português e consulte o site www.ensino.net/novaescola/111_ab98/html/recepcapa5.htm.

6. Avaliação

A avaliação é diagnóstica, processual e contínua. É feita por meio de observação pontual nas pesquisas, debates, desenhos e produções: texto, história em quadrinhos, dramatização, consultas na internet e debates.

Abaixo apresentamos uma atividade que consideramos complementar a esta primeira parte da Sequência Didática, ficando a seu critério utilizá-la no cotidiano da sala de aula.

ATIVIDADE COMPLEMENTAR

Muitas foram as produções artísticas sobre as grandes navegações ao longo da História. Sugerimos um trecho adaptado do clássico da língua portuguesa: Os Lusíadas de Luis Vaz de Camões. Especificamente o **“Canto V – O Gigante Adamastor”**

Uma tempestade ameaça a esquadra de Gama, quando ela se aproxima do Cabo das Tormentas. Eis que uma figura gigantesca, horrenda e ameaçadora surge no ar. É Adamastor, que ameaça os portugueses, dizendo-lhes que

o preço de haverem descoberto seu segredo seria alto. Profetiza os naufrágios que ocorreriam em suas águas, e os horrores por que passariam os que àquela terra viriam a ter. Vasco interpela o Gigante, perguntando-lhe quem era. Disse ser ele o Tormentório [Cabo das Tormentas]. Muito tempo atrás, apaixonara-se pela bela ninfa [deusa das águas] Tétis, a quem vira um dia sair pela praia em companhia das nereidas [deusas que habitam o mar]. Compreendendo que por ser gigante, feio e disforme, não poderia conquistá-la por meios normais, ameaçou a mãe dela [a deusa Dóris] para que essa lhe entregasse a ninfa. Caso isso não se realizasse, ele a tomaria mediante o uso das armas. Dóris fez com que a bela Tétis lhe aparecesse nua... E ele, desesperado de desejo, começou a beijar-lhe os lindos olhos, a face e os cabelos. Mas, aos poucos, percebeu, horrorizado, que, na verdade, estava beijando era um penedo [rochedo] e ele próprio se transformara noutro penedo. Aquela Tétis que ele vira era apenas um ‘arranjo’ artificial que os deuses prepararam para puni-lo por sua audácia. Desde então deixou de ser um gigante mitológico e passou a cumprir seu castigo transformado num simples rochedo, e, a bela Tétis passeando nua pela praia. A única maneira que encontrava para desabafar o seu desespero e a sua frustração era destruir, com fantásticas tempestades, os navios que por ele tentavam passar”.

Fonte: adaptação dos HTTPdas, de Luis Vaz Camões. <http://www.algoso-bre.com.br/resumos-literarios/os-lusiadas.html>

-A partir da adaptação acima apresentada, sugerimos que seja feita uma pesquisa na internet ou ainda na biblioteca da escola, sobre a obra literária : Os Lusíadas, no seu texto completo.

-Pense em uma atividade a ser feita junto com a professora de Língua Portuguesa, como por exemplo, o uso da narrativa em forma de poema das obras clássicas e a sua relação com a oralidade. E, ainda, a mudança da linguagem, a necessidade do uso do dicionário e a presença dos personagens da mitologia grega na retomada da narrativa de Camões.

-Sugestão de site.: <HTTP://www.oslusiadas.com/content/view/22/45/>

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M^a Geralda e RATTS, Alex. *Geografia: Leituras Culturais*. Goiânia: Alternativa, 2003.

AMADO, Janaína. *Navegar é preciso: grandes descobrimentos marítimos europeus*/São Paulo: Atual, 1992.

DELUMEAU, Jean. *História do Medo no Ocidente, 1300-1800*. Uma cidade sitiada. Trad. bras. Maria Lucia Machado. São Paulo. Companhia das Letras, 1993.

FERREIRA, Antônio Celso; IVANO, Rogério. *A conquista do sertão*. São Paulo: Atual, 2002.

GOIÁS. Secretaria de Educação - SEE. Currículo em Debate: Expectativas de Aprendizagem - Convite à Reflexão e à Ação. Caderno 5. Goiânia: SEE - GO, 2008.

LEITE, Mario Cezar S.A. *Poética do Sobrenatural no homem ribeirinho: O minhocão*. São Paulo: FFLCH/USP, 1995. Mimeo

MATURANA, Humberto R. *A árvore do Conhecimento - as bases biológicas da compreensão humana*. São Paulo: Palas Athenas, 2001.

MICELI, Paulo. *O ponto onde estamos: Viagens e Viajantes na História da Expansão e da Conquista*. Portugal séculos XVI e XVII. Campinas: Unicamp, 1998.

NAU CATARINETA / Organização e Ilustração Roger Mello-Rio de Janeiro: Manati, 2004.

Sugestões de leituras para o professor

Sobre sertanista:

Blog de Mércio Pereira Gomes. <http://merciogomes.blogspot.com/2009/04/sertanista-jose-carlos-meirelles-fala.html>.

Livro de DIACON, Todd A. *Rondon: o marechal da floresta*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

Sobre os caminhos da vida cotidiana:

SOUZA, Laura de Mello. Formas Provisórias de existência: a vida cotidiana nos caminhos, nas fronteiras e nas fortificações. In *História da Vida Privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América Portuguesa*. Org. SOUZA, Laura de M. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

TAUNAY, Afonso de E. *Relatos sertanistas*. São Paulo: USP, 1981.

Sobre as Grandes Navegações:

DEL PRIORE, Mary. *Esquecidos por Deus: monstros no mundo europeu e ibero-americano: uma história dos monstros do velho e do Novo Mundo (séculos XVI-XVIII)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

DREYER-EIMBCKE. *O descobrimento da terra*. São Paulo: Melhoramentos; USP, 1992.

OLIVEIRA, André L. *Mensagem*. São Paulo: Eldorado/Áudio, 1997.

PALLAZO, Carmem LL. *Entre mitos, utopias e razão: os olhares franceses sobre o Brasil (século XVI e XVIII)*. Porto Alegre: Edipucrs, 2002.

[HTTP://74.125.93.132/search?q=cache:I_yjqawdjxoj:www.almanaque.cnt.br/mapamundi.htm+mapa+m%C3%bandi+s%C3a9culo+XIV&cd=1&hl=pt-br&ct=clnk&gl=br](http://74.125.93.132/search?q=cache:I_yjqawdjxoj:www.almanaque.cnt.br/mapamundi.htm+mapa+m%C3%bandi+s%C3a9culo+XIV&cd=1&hl=pt-br&ct=clnk&gl=br).

SEQUÊNCIA DIDÁTICA: 7º ano

SERTÃO GOIANO: DA FORMAÇÃO DAS IDEIAS À CONSTRUÇÃO DOS LUGARES

Equipe de História:

Adriane A. Damascena

Amélia C. da Rocha Teles

Janete Romano Fontanezi

Márcia Aparecida V. Andrade

Sequência didática em História

Esta Sequência Didática foi elaborada pela equipe de História da COREF para ser executada nos pólos regionais do Estado de Goiás, exercitando as novas abordagens contidas nas expectativas de ensino e aprendizagem da área de História, objetivando contribuir na prática cotidiana dos professores e na consolidação do Programa de Reorientação Curricular.

Eixos temáticos

Diversidade Cultural: encontros e desafios;

Terra, propriedade: poder e resistência;

Mundo dos cidadãos: lutas sociais e conquistas.

Objetivo

- Pensar a categoria de sertão e suas diversas interpretações do universal ao particular, buscando analisar as práticas sociais que constituíram a região. Estas práticas estão inscritas nas paisagens físicas e humanas, nas imagens e representações estabelecidas no processo de ocupação do território goiano e nas relações tempo e espaço.

Expectativas de aprendizagem

- Identificar o sertão como categoria definidora do espaço alheio ao domínio colonial, em contraste com arraiais, vilas e cidades que delineavam o processo de expansão da colonização.
- Elaborar hipóteses sobre a ocupação do sertão goiano e o surgimento dos primeiros arraiais.
- Caracterizar as bandeiras como expedições de conquista dos territórios pertencentes aos indígenas.
- Reconhecer a especificidade da experiência social (tempo/espaço) dos sertanejos
- Analisar o confronto de culturas entre europeus e ameríndios.

Material necessário e equipamentos

Som, CD, Papel branco, lápis de cor, mapas, livros e revistas, uso do laboratório de informática.

Quantidade de aulas

16 aulas

1- Apresentação da proposta

Sertão Goiano: da formação das idéias à construção dos lugares

Esta Sequência Didática foi pensada para você, professor (a), trabalhar com os estudantes do 7º ano da Rede Estadual, na implementação da Reorientação Curricular em curso no Estado de Goiás. O fato de o currículo ter sido repensado a partir de três eixos: leitura e escrita; cultura local e cultura juvenil levou a equipe de História a estudar as representações do sertão para que os estudantes do Ensino Fundamental compreendam o processo histórico e o cotidiano das pessoas que vivem nos lugares em que a cultura sertaneja é parte da identidade local.

A cultura sertaneja se apresenta nos documentos e no imaginário que definiram a cultura histórica goiana, desde a descoberta do ouro. Em diferentes fontes é possível encontrar a temática atraso/progresso, evidenciada na relação entre sertão e litoral. Nesse momento, cabe repensar Goiás desde sua ocupação, a construção dos lugares e as transformações que redefiniram as formas de ocupação e de representação do mundo sertanejo. Essa dinâmica se dá também na compreensão da noção de sertão e das transformações da própria identidade do lugar.

2- Sensibilização

Para iniciar o estudo sobre o sertão goiano sugerimos a canção “Saudade brejeira” de José Eduardo Moraes / Nasr Chaul. Há alguns cuidados necessários ao se trabalhar com esse gênero textual, propomos assim possíveis encaminhamentos:

- escreva o título da canção no quadro ou em um cartaz;
- peça aos estudantes para fazerem a leitura do mesmo;
- pergunte se conhecem o título desta canção e comente;
- fale sobre o cantor, Caetano Veloso, pergunte se conhecem este cantor e os compositores. Se conhecerem, peça que falem um pouco sobre eles, do contrário proponha aos estudantes que realizem uma pesquisa no laboratório de informática ou na biblioteca da escola;
- em seguida, convide os estudantes a ouvi-la, ou mesmo cantá-la;
- pergunte a eles qual sertão a canção está falando e peça que justifiquem a resposta com elementos do texto:
 - levante hipóteses sobre a escolha desta canção para o estudo do tema;
 - registre, no caderno, todas as hipóteses e retome-as no final, deste estudo.

Para trabalhar com diferentes gêneros textuais sugerimos a leitura do caderno Ler e Escrever, Prefeitura do município de São Paulo. Está disponível no site: http://portalsme.prefeitura.sp.gov.br/Documentos/BibliPed/EnsFundMedio/CicloII/LerEscrever/CadernoOrientacaoDidatica_Historia.pdf. Acesso em 03.08.09

Saudade Brejeira

Caetano Veloso

Composição: José Eduardo Moraes / Nasr Chaul

Que saudade do meu alazão
Do berrante imitando o trovão
Da boiada debaixo do sol
Nos caminhos gerais do sertão

Das estrelas a noite de luar
Capelobo na mata azul
Do arroz, com pequi do ingá

Dos amigos de fé da minha terra

Minha terra de Ribeirão das caldas
De olho d'gua magia e procissão
De congada do meu chapéu de palha
Desse amor natural do coração

Quando mãe traz notícias de lá
A vontade é de voltar pra ficar
Me abençoa o céu de acuã
De ripina e pinhé num pé de serra

Minha serra de ouro e dor dourada
Quanta tristeza nas tardes do sertão
Que a noite transforma em serenata
Cantoria que afasta solidão

O meu peito goiano é assim
De saudade brejeira sem fim
Quando gosto, ele diz “que trem bão!”
Quando canta a vida é paixão

3-Diagnóstico

Este momento é fundamental para identificar os conhecimentos que os estudantes têm a respeito do tema. Os jovens têm muitos saberes que devem ser socializados e considerados como ponto de partida no processo de ampliação dos conhecimentos.

Para levantar esses conhecimentos é importante propor situações-problema. Nessa sequência, partiremos de uma questão que será potencializada pela leitura de textos.

Professor (a), as atividades que sugerimos a seguir são a base para diagnosticar o que os estudantes sabem sobre o Estado de Goiás, sua população, ocupação e a formação de uma identidade.

- Divida a turma em grupos de no máximo 5 componentes. Distribua para cada grupo uma cartolina. Oriente o grupo para desenhar o que considera mais representativo do Estado de Goiás.
- Pergunte para o estudante se ele sabe onde fica e quem ocupa o sertão.
- Peça para que cada grupo explique as suas escolhas e faça uma defesa delas.

Chame a atenção para as diferentes representações do estado de Goiás demonstradas pelos estudantes. Potencialize a discussão sobre a diversidade cultural de Goiás e do sertão.

A palavra sertão é conhecida desde a época das grandes navegações. Nas conquistas ultramarinas do século XV e XVI, além dos interesses econômicos de expansão territorial, havia o sentido mitológico da busca do paraíso terrestre. Assim, para os navegantes, o mais comum, era entender o sertão como o lugar distante ou desconhecido, como a própria América. Numa visão do paraíso, que na realidade muitas vezes se transformou num infernal encontro com realidade.

Sugerimos também o seguinte texto:

“A origem da palavra sertão seria contemporânea ao descobrimento. Machado (apud SZTUM, 1995) registra que uma de suas primeiras referências encontra-se no Diário de viagem, de Vasco da Gama, em 1498. Aos portugueses, sem dúvida, não passaram despercebidas as grandes distâncias, as imensas vastidões, a raridade de marcas humanas, implicando um isolamento físico, psíquico e cultural nos ambientes dos chapadões, cerrados e caatingas, parecidos com os da África. De fonte etimológica duvidosa, a crença geral é a de que essa palavra foi uma invenção dos portugueses para definir o *deserto* africano, por onde se aventuraram antes das navegações. O termo seria, portanto, uma corruptela de grande deserto... sertão.”

Fonte: ALMEIDA. “Em busca do poético do sertão: um estudo das representações”. In: ALMEIDA e RATTS. Geografia: Leituras culturais. Almeida e Ratts. Goiânia: Alternativa, 2003.

4- Ampliação do Conhecimento

Para ampliar o conhecimento sugere-se desenvolver atividades em diferentes linguagens: mapas, documentos de época, textos didáticos expositivos, poemas. Cada uma delas deve acompanhar os procedimentos que ajudarão o estudante a desenvolver as habilidades de leitura, compreensão e interpretação; escrita e produção de texto.

As noções propostas nas expectativas de aprendizagem deverão ser enfatizadas: **sertão, sertanejo, tropeiro, colonização, arraiais, vila, cidade, bandeiras, territórios indígenas, quilombo e quilombolas, conflito cultural**. Neste sentido, as atividades assumem a forma de avaliações parciais que ajudarão o professor, caso necessário, a replanejar as atividades realizadas na sequência didática.

Atividade I: texto expositivo “O caminho das águas”

Professor (a), neste momento é muito importante observar se os estudantes têm alguns conhecimentos referentes ao texto. Para tanto, escreva o título do mesmo no quadro e levante algumas hipóteses.

Para encaminhar a leitura e a compreensão do texto, sugerimos algumas questões aos estudantes:

- Você pode imaginar, com base na representação cartográfica (mapa), de que se trata o texto?

- Com base no título, o que você imagina conter no texto?
- Você pode dar algumas informações tendo como referência o título e o que você imaginou conter no texto. Converse com seu colega do lado. Socialize o bate-papo com a classe.
- Faça a leitura silenciosa do texto.

Professor (a), outra sugestão de leitura sobre a *Rota das Águas em Goiás* você pode encontrar no livro *Goyaz* de Alfredo d' Escagnolle Taunay. Publicação das editoras Francisco Alves e ICBC de 2004.



Um evento em Minas Gerais intensificaria o uso do caminho das águas. Foi a Guerra dos Emboabas, ocorrida de 1707 a 1709, motivada pela recusa dos bandeirantes, descobridores do ouro, em admitir a presença dos que conside-

ravam forasteiros: portugueses atraídos pelos achados. Após uma série de assassinatos e combates, os paulistas perderam o controle das minas. Assumindo um domínio mais direto sobre a região, a coroa criou, em 1709, a Capitania de São Paulo e das Minas do Ouro, que em 1720 se dividiria nas capitanias de São Paulo e de Minas Gerais. Aos paulistas caberia novo impulso explorador para compensar a perda. Tanto é que, nos anos seguintes, se encontraram novos veios em Mato Grosso e Goiás.

Havia mais de cem saltos, cachoeiras e corredeiras a desafiar os viajantes. Era preciso contornar os trechos de navegação impossível, abrindo picadas e conduzindo nos ombros as canoas, até novo embarque rio abaixo. Sem esquecer o risco das febres, a insalubridade das águas de certos trechos, a escassez de víveres, o despedaçar das canoas lançadas contra as pedras, os naufrágios, os ataques de insetos, as feras e os índios. O tempo de viagem variava conforme o nível das águas. Mas o trajeto de ida nunca ficava por menos de quatro meses, podendo chegar a seis meses ou mais.

Em 1769, o sargento-mor Teotônio José Juzarte anotou no seu Diário da Navegação do Rio Tietê, Rio Grande Paraná e Rio Gatemi, que a navegação partindo de Porto Feliz “está hoje extinta por seguirem estes comerciantes por terra pela Capitania de Guaiazes, sendo que de antes por estes rios é que seguiam os comerciantes para Cuiabá e Mato Grosso, em cuja viagem gastavam seis e mais meses”. É certo que, àquela altura, já se verificava o declínio das expedições, seja em função da decadência da produção das minas, seja pela abertura da via terrestre, o Caminho de Goiás, percorrido por tropas de mulas, Ainda assim a negação prolongou-se até a terceira década do século XIX¹⁴.

Após a leitura individual:

Professor (a), observar se os estudantes compreenderam os conceitos a partir das leituras dos textos: Sertão goiano, Cultura caipira - Encontro entre culturas, Entradas e bandeiras - Tempo/Espaço.

- divida a turma em grupos. Solicite que grifem no texto as palavras e expressões que não souberem o significado;
- peça que registrem essas expressões e palavras no caderno e solicite que releiam o parágrafo e procurem encontrar o possível significado delas. Após, recorra ao dicionário para confirmar as hipóteses sobre os significados das palavras, verificando o significado mais adequado ao texto.

14 CENPEC – Coleção Terra Paulista – Jovens -1. São Paulo, 2005.

Atividade II: Trabalhando o Texto

- Solicite que grifem no texto os marcos de tempo (ano, século); sujeitos sociais envolvidos e lugares.
- Pergunte quais os acontecimentos / fatos são tratados no texto; onde ocorreram esses acontecimentos ou fatos; como e por que ocorreram esses acontecimentos.
- Reproduza para os estudantes o itinerário entre Porto Feliz, localizado na Capitania de São Paulo, até a capitania de Goiás e Mato Grosso.
- Pergunte aos estudantes qual o título deste mapa e o que você consegue visualizar nessa representação cartográfica.

Professor (a), explique o que é monção, o sentido original e o sentido dado no Brasil colonial, século XVIII.

Leve mapas político e hidrográfico do Brasil, atuais e históricos, para a sala de aula. Mostre os rios e o caminho utilizados pelos monçoeiros.

Peça para observarem os rios e pergunte se conhecem um deles, se sabem que eram utilizados como hidrovias. E se, atualmente, sabem de rios que são utilizados como tal.

Com essa atividade retome a leitura do texto "O caminho das águas".

Para se apropriar das ideias do texto sugerimos que você:

- proponha aos estudantes retomarem os registros e para elaborar um texto abordando as dificuldades encontradas pelos paulistas ao percorrerem rios e lugares desconhecidos. Mas por que os paulistas se aventuravam nesses caminhos?
- coloque em discussão quais os rios que conhece, e quais que ficam no seu município. Elencar as atividades que historicamente foram desenvolvidas no referido rio e quais as mudanças ocorridas nas atividades que atualmente se desenvolvem. (Aproveite para discutir a questão ambiental, a utilização dos rios, a pesca como viabilidade econômica, esportiva, manejo. Veja: <http://noticias.ambientebrasil.com.br/noticia/?id=19968>)
- socialize a leitura do texto produzido. Os grupos devem trocar os textos produzidos e, em seguida, comentá-los.

Você pode também, propor a produção coletiva do texto.

Professor (a), no final da sequência há sugestões de leitura referentes ao sertão.

Certamente os estudantes terão muitas dúvidas e curiosidades sobre o porquê dos paulistas realizarem esses caminhos. É importante que você contextualize esse período colonial para ajudá-los a compreender as noções de bandeiras, expansão colonial e o traçado do caminho dos “Guaiazes”.

Com essas atividades você está introduzindo as noções de Bandeiras, Expansão Colonial, traçados e caminhos; divisão territorial administrativa no período colonial.

Atividade III: texto expositivo: Os tropeiros e as cidades

Professor (a), antes de iniciar a leitura, incentive a participação de todos por meio das seguintes problematizações:

- o que estudante espera encontrar no texto a partir do título e desenho;
- o que já ouviu falar a respeito deste assunto. Se conhece o jornal do qual foi retirada esta matéria. Caso a resposta seja negativa, peça para pesquisar a respeito;
- se acha importante um texto como este para o trabalho enquanto fonte histórica.

Durante a leitura, siga as sugestões da atividade II, leitura do texto – Caminho das Águas.

TRIBUNA DO PLANALTO

Escola
Os tropeiros e as cidades



Você com certeza, já deve ter saboreado um bom feijão tropeiro, com farinha, couve e toucinho. O que a gente não faz idéia é do porquê esta forma diferente de se preparar o feijão recebe este nome. É aí que entra uma verdadeira viagem na história brasileira, que culmina com a formação de vários estados, incluindo Goiás.

Os tropeiros foram figuras decisivas na formação de vilarejos e cidades do Brasil colonial. A palavra tropeiro vem de ‘tropa’. Tropa, no passado, se referia ao conjunto de homens que transportava gado e mercadoria. Lá pelo século 18, muita coisa era levada de um lugar a outro no lombo das mulas, animais que tinham uma resistência muito grande para desbravar quilômetros e mais quilômetros de matas.

Tudo começou mais ao sul do País, em Rio Grande do Sul, e aos poucos foi se espalhando para os outros estados. O tropeirismo está associado à atividade mineradora, que teve seu auge com a exploração de ouro em Minas Gerais e, mais tarde, com a descoberta de minas em Goiás. As pedras preciosas atraíram uma grande população para as novas áreas e, por isso, era cada vez mais necessário dispor de alimentos e produtos básicos para estas pessoas.

No lombo das mulas

As tropas entram na história cumprindo esse papel relevante de abastecer as regiões mineradoras com os mais diversos tipos de produtos. Tanto os produtos manufaturados que chegavam de Portugal, quanto os gêneros agrícolas, eram transportados no lombo dos animais para a população das minas.

Isso porque as pessoas que buscavam o enriquecimento rápido não se importavam em produzir as coisas de que precisavam. O crescimento das cidades aumentou a necessidade de animais. A comunicação com o Rio de Janeiro era feita essencialmente pelos tropeiros. Ao mesmo tempo, a riqueza gerada pela mineração foi responsável por estimular uma série de atividades paralelas, que também eram desempenhadas pelas tropas. Além de transportar os mais variados produtos, os tropeiros eram também mensageiros.

Atuação decisiva

Historiadores concordam que a atuação dos tropeiros serviu para unir os diversos núcleos coloniais portugueses e possibilitou, anos depois, a comunicação entre eles, o que viria a se tornar um País. Mas o elo entre a região sul do Brasil com Goiás ocorreu de forma um pouco diferente de Minas Gerais.

É que para cá o transporte era feito mais por vias fluviais, num movimento chamado de monções. Ainda assim, a maioria das cidades goianas traz aspectos da

cultura desses desbravadores. Isso porque os tropeiros também foram responsáveis pela constituição de vilarejos que, posteriormente, se tornariam cidades.

Assim, instalaram-se tropeiros em Formosa (arraial dos Couros), Planaltina (Mestre D'Armas), Cavalcante, Posse e São Domingos. Do pouso dos tropeiros e carreiros originou-se o povoado de Calaça que, em 1.833, já constituía parte territorial e política de Catalão. (Matéria da Tribuna do Planalto de sexta-feira, 14 de dezembro de 2007).

Fontes: www.aguaforte.com, www.overmundo.com.br. Acesso em: 14.08.09

A cultura tropeira

Havia diversos personagens envolvidos no tropeirismo. Chamava-se tropeiro ao dono da tropa, aquele que assumia o intermediário de outros negócios, o transmissor de notícias e recados, o conselheiro de fazendeiros em vários empreendimentos. Assim, os ganhos proporcionaram a muitos deles a compra de terras, a aplicação de capitais em outras atividades e a ascensão social.

Fonte: Terra Paulista - jovens. Vol 1 (cenpec)

Para dar continuidade à discussão sobre a cultura do tropeiro sugere-se a leitura dos poemas do livro *Vida de Tropeiro* de Geraldo Coelho Vaz. Goiânia: Kelps, 2002.

Atividade IV: Lendo poemas

Essa atividade procura ampliar a noção de tropeiro, buscando aqui o modo de vida dos sujeitos que se dedicavam ao comércio interno por meio da cavalgada e enfrentavam os riscos e os rigores necessários para desbravar os caminhos para a prática dessa atividade econômica. Nesse sentido, está também ampliando a noção de **diversidade cultural**, uma vez que os tropeiros nesses percursos, nos encontros e desencontros entre os diferentes grupos sociais, difundiam modos de vida.

Os conceitos estruturantes da História - **permanência e mudança** - serão introduzidos quando comparados, por exemplo, com os alimentos transportados pelos tropeiros e a alimentação atual. Muitas dessas iguarias podem fazer parte do cardápio dos estudantes em seu cotidiano.

É importante deixar claro para os estudantes o gênero do texto a ser trabalhado. O poema é ficcional, revela a representação que o poeta tem de uma época. Ele possui ritmo, é escrito em versos e expressa sentimentos.

Para realizar essa atividade, incentive os grupos na elaboração das questões verificando se eles se apropriaram do processo de formação das vilas e cidades goianas. Sugerimos que:

- divida a turma em grupos – duplas ou trios;

- cada grupo precisa criar três questões referentes ao texto;
- cada dupla deve receber um poema, interpretá-lo e procurar fazer conexões com o “sertão” descrito no texto e já discutido em sala;
- registrem no caderno;
- socializem com a turma, pois cada poema remete a uma temática possibilitando, assim, várias atividades e várias interpretações.(será feito um movimento de reflexão entre o passado e presente, partindo de cada poema);
- perguntem aos colegas de seu grupo se sabem o significado de palavras estranhas. Caso desconheçam, proponha que recorram ao dicionário;
- cada grupo receberá as questões referentes ao poema que estiver encarregado de analisar.

Professor (a), a atividade a seguir é lúdica, no entanto você deve estar atento (a) e perceber se os estudantes compreenderam o processo histórico e a ocupação dos lugares denominado de sertão, suas transformações ao longo deste estudo. Verifique se os conceitos trabalhados estão claros - sertão goiano, cultura caipira, semelhanças, diferenças, permanências e mudanças, tempo/espaço.

Tropeiro

1º grupo

*“Triste sina
a do tropeiro.
Traz notícias
tristonhas,
desastrosas,
Traição no casamento,
e fora do casamento
que atravessam longes lugares
como correio ambulante.
Pilhando manadas de bilhetes
nos pousos,
estâncias preparadas
e esquecidas
na poeira dos tempos idos.
12 de abril de 1910”*

Questões específicas para o 1º grupo:

- Que possíveis notícias tristonhas seriam essas?
- Há notícias tristonhas do campo nos dias de hoje? Procure consultar jornal e internet sobre os problemas atuais de quem trabalha na terra (lavradores, camponeses).
- Que tal produzirem uma música retratando as dificuldades encontradas no campo?

2º grupo

O tropeiro

é antes de tudo

um descobridor em expedição.

Descobre matas,

árvores e pássaros.

Leitos de rios

e nuvens passantes.

Estrelas dirigentes

no caminho da solidão.

11 de março de 1910

Questões específicas para o 2º grupo:

- Por que no 2º verso diz que o tropeiro é “um descobridor em expedição”?
- O que significa no último verso – o tropeiro faz uma série de descoberta - “no caminho da solidão”?
- Hoje muito se discute sobre a importância do cerrado para o meio ambiente. Converse com seu colega para saber que pássaros eles conhecem que são do cerrado?
- Consulte em jornais e internet sobre a flora e fauna do cerrado. Você sabe se o cerrado está ameaçado?

3º grupo

O tropeiro

Segue a guia.

Mulas carregam bruacas
Com mantimentos reservados.
Alimentação perfeita,
- uma boa dose de cachaça-
Rapadura,
Queijo,
Paçoca,
Toucinho salgado
E o sabor da
Carne de manta.

Questões específicas para o 3º grupo:

- Que alimentos transportavam os tropeiros?
- Quais deles vocês conhecem? E quais desconhecem?
- Algum deles faz parte do seu cotidiano?
- Que tal conversar com os adultos e/ou com mais velhos para saber se conhecem os alimentos citados no poema.
- Além dos alimentos citados no poema há outros alimentos que são conhecidos como originários da cultura do tropeiro? Faça uma consulta na internet.
- Comente a frase “Você é o que você come...”

4º grupo

O tropeiro cavalga
Horas a fio.
Desafia as cavalgadas
Nos momentos
Do pasteio.
Carrega
Dores antigas,
Angústias no peito,
Chora na viola
Meia-verdade

E meia-mentira.

Questões específicas para o 4º grupo:

- Nos momentos de parada da tropa, qual era a distração do tropeiro?
- Você conhece música de viola (caipira, sertaneja) a chamada música de raiz? Se desconhece, procure na internet ou pergunte para as pessoas mais velhas. Selecione as que retratam o cotidiano do sertanejo.
- Escolha uma música sertaneja da atualidade e apresente-a para o grupo, cantando ou encenando.
- Há diferença entre algumas músicas sertanejas atuais e a chamada música caipira de raiz? Justifique.

5º grupo

O tropeiro

É vaidoso

Nos badulaques

E arrumações.

Primeiro a polaina

Sobre a botina chiadeira,

Meio-bombacho

Com a guaiaca

E correão.

Camisa de algodão cru,

Lenço no pescoço

E chapéu de aba larga.

O tropeiro sonha

Sua vaidade.

Questões específicas para o 5º grupo:

- Que trajes fazem parte do vestuário do tropeiro, citados nos versos do poema?
- Além dos trajes citados, que outros são conhecidos como pertencentes ao vaqueiro-sertanejo? Consulte na internet.
- Em que situações ou eventos urbanos podem ser encontradas pessoas usando adereços e objetos que são mais típicos dos sertanejos? Qual a sua opinião sobre esses hábitos?

- Confeccione um catálogo de roupas sertanejas em seguida apresente de forma criativa para o grupo.

Com base nos textos estudados e nas pesquisas realizadas elabore com os estudantes o *Diário do Tropeiro*.

Roteiro para a elaboração do diário do Tropeiro:

O diário deve conter:

- a rota a ser percorrida;
- as ocorrências da viagem tais como: conversas, histórias, causos e pousos;
- chegada ao local desejado.

Sugerimos que, ao final da atividade, seja feito um momento de confraternização no qual seria produzido uma comida/prato com a ajuda de todas os (as) estudantes. Ex: feijão tropeiro, arroz com carne seca, etc.

Professor(a) a palavra diário no dicionário de gêneros textuais de Sérgio Roberto Costa diz: Historicamente o diário é um fenômeno cultural de origem remota, de natureza pública e comunitária, como o são as tábuas de argila encontradas recentemente na Suméria, datadas de aproximadamente 3.000 a.C. Buscando-se a origem e o desenvolvimento do gênero, o diário é um dispositivo de produção de cultura tanto no Oriente (Japão) quanto no Ocidente. Como forma genérica de expressão pessoal, de registro de acontecimentos do dia-a-dia, consolida-se como público ou privado, comunitário ou individual, dependendo do tipo de função(pública) que ele vai representar na / para a comunidade ou(privada) para o indivíduo engajado nas redes sociais.

Atividade V : documento de época - Populações indígenas de Goiás

Inicie o trabalho com a discussão sobre o povo indígena. Pergunte a eles o que compreendem sobre o que é ser índio. Discuta com eles as possíveis visões estereotipadas dos povos indígenas. Para tanto, veja o depoimento de Marcos Terena:

Durante muito tempo na minha vida, eu comecei a ter vergonha de mim mesmo, de minha origem, das minhas tradições, do meu povo, até mesmo de meus pais. Mas, depois eu aprendi que sem eles eu nunca seria nada, eu nunca seria um branco, vamos dizer assim... um branco no sentido de pessoa da cidade, porque eu nasci índio Terena, e também morrerei um Terena. Então, com esses princípios, eu procurei trabalhar minha formação de código indígena. Ao mesmo tempo, eu procurei mostrar para a sociedade envolvente que o fato, por exemplo, de não estar com a orelha furada, de não estar usando o beijo de pau, de não estar usando cabelo comprido, não significava qu eu tinha deixado de ser índio, mas sim, que as características de meu povo eram um princípio próprio de meu povo, e que não me identifica na minha pessoa aquela generalização de ser índio, uma coisa que na verdade não existe. Então eu peço que os educa-

dores, eles contribuam com a formação do respeito mútuo desde as crianças. (...)

TERENA, M. “Identidade Terena em contextos pluriculturais”. In *LUZ, N.C.P. (org.) Pluralidade cultural e educação*. SECNEB, 1996 in. GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de. (org) *Diversidade cultura e educação: olhares cruzados*. São Paulo: Biruta, 2003

Professor (a), após introduzir as noções de bandeiras, tropeirismo que levaram à formação de Goiás, sugere-se trabalhar com as descrições do padre Silva e Souza em 1812, referentes a oitos nações indígenas de Goiás, buscando compreender as imagens, representações e conflitos, que se estabeleceram no processo de ocupação do território goiano.

Professor (a) é importante chamar a atenção dos estudantes para o fato de que o texto expressa a visão do autor e, provavelmente, de uma época sobre o índio, o que nem sempre corresponde à realidade. É necessário evitar que estes construam ou reforcem uma ideia negativa sobre o índio.

Populações indígenas de Goiás

Fragmentos da descrição do padre Silva e Souza.

“Descrição do padre Silva e Souza em 1812, referentes a oitos nações indígenas de Goiás:

Caiapós – Nação bravíssima e muito numerosa que, com os seus ataques, obistou em princípio ao aumento da capitania, e hoje residentes nas aldeias Maria e José; ainda existem muitos ao sul da Vila Boa, tendo diferentes aldeias, sendo a maior a que está nas vizinhanças de Camapuam.

Xavantes – Nação mais feroz e numerosa, residente na aldeia do Carretão, ainda que em grande número andam dispersos pelos bosques, entre os rios Araguaia e Tocantins, usam de arco e flecha. São cruéis e roubadores.

Goyazes – Nação mais branca que o ordinário dos índios desta Capitania, e domiciliária no lugar da vila e pelas vizinhanças da Serra Dourada, pacífica e já extinta...”¹⁵

Professor (a) existem vários tipos de documentos escritos (certidão de nascimento, de batismo, cartas e outros) e não escritos (fotografias, gravuras), no entanto nem sempre foi assim, nas sociedades ágrafas que não usam a escrita, a história das pessoas é lembrada a partir da memória oral, sendo os mais velhos os guardiões do conhecimento sobre seus integrantes. Na

15 – Silva e Souza, Luiz Antônio da. Memória sobre o descobrimento, governo, população e coisas mais notáveis da Capitania de Goiás. Goiânia: Ed. Oriente, 1978. p. 126 – 127. In História de Goiás em documentos I colônia. Palacin, Luis; Garcia, Ledonias ; Amado Janaina.

nossa sociedade, a escrita é uma das formas mais comuns de registro das experiências, o que nos permite preservar a memória e ajuda a construir a identidade pessoal e social.

Para trabalhar com esse documento sugerimos que pergunte o que os estudantes conhecem sobre o tema, após a leitura do título e peça para comentarem com os colegas o texto um documento, para fazer sua leitura é importante questionar a respeito deste: pergunte o que os estudantes entendem por documento. Incentive-os a falarem. Para trabalhar com o conteúdo do documento pergunte: O que este documento está abordando? Como foi feita esta abordagem? Quem escreveu este documento? Quando foi escrito? É possível perceber com qual propósito? Qual a relação do documento com o conteúdo trabalhado até agora.

A leitura e discussão do documento de época, Descrição do padre Silva e Souza em 1812 referentes às nações indígenas de Goiás, teve por finalidade apresentar a visão do padre acerca das sociedades indígenas em Goiás. Silva e Souza descreve rapidamente esses povos sem apresentar qualquer referência a conflitos sociais.

Atividade VI: mapa – regiões ocupadas por povos indígenas no Estado de Goiás no final do século XIX

Nessa atividade você oportunizará aos estudantes compararem a localização dos povos indígenas no passado no Estado de Goiás e atualmente. Para tanto, sugerimos que você visite o site do instituto socioambiental <http://pib.socioambiental.org/pt>. Acesso 04/08/09 e veja a localização atual desses povos indígenas. Você poderá trabalhar também com os estudantes no laboratório de informática, ajude-os a descobrir, onde, como vivem e os conflitos dos povos indígenas na atualidade em Goiás e no Brasil.

Dessa maneira você estará ampliando a ideia de ocupação do Estado de Goiás e ajudando o estudante a rever a noção de sertão. Sertão não como espaço longínquo e desabitado (vide texto de Janaina Amado sugerido no primeiro Box), mas habitado e repleto de diversidade cultural.

Para o trabalho com mapas, sugerimos as seguintes atividades:

- Comparar o mapa com o texto acima. Proponha que procurem as populações presentes nos dois documentos (texto e mapa).
- Estabelecer relações entre as população indígenas na colônia com os dias atuais.

Seguem algumas questões referentes aos dias atuais: que povos indígenas se localizam no território goiano? O que os estudantes conhecem sobre essas populações?

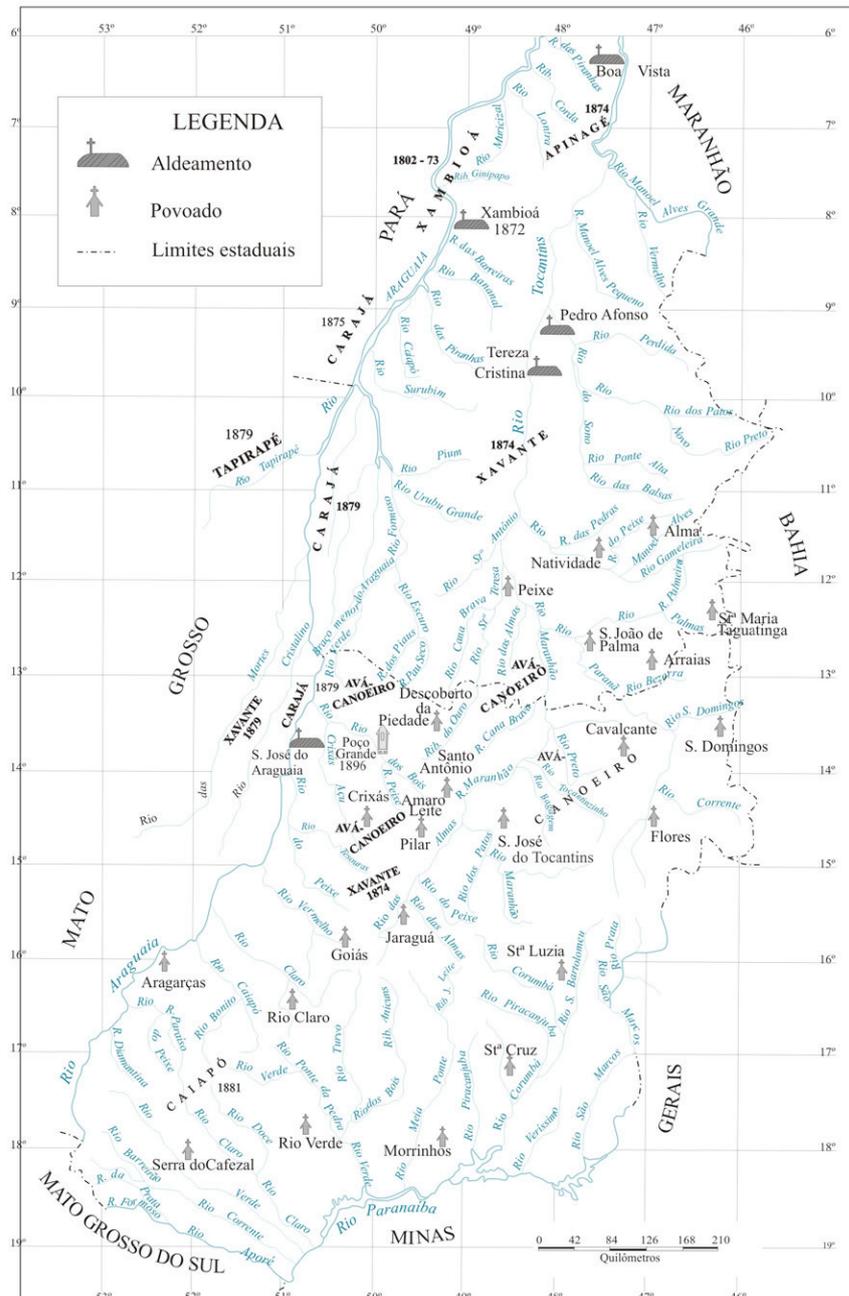
Proponha uma pesquisa sobre a formação do Estado de Goiás. Oriente-os a identificarem marcos de tempo: período colonial, pós independência, Repú-

blica (passagem de capitania a província até o momento da emancipação territorial tornando-se Estado de Goiás).

Indígenas em Goiás

Este mapa indica as regiões ocupadas por grupos indígenas em nosso estado no final do século XI:

Localização dos grupos indígenas da Província de Goiás 1871-1899



FONTE: PEDROSO, Dulce M. R. O povo invisível: a história dos avá-canoeiros nos séculos XVIII e XIX. Goiânia: UCG, 1994. P. 34.

Atividade VII: No Tempo dos Bandeirantes: Meninos - homens

Professor (a), a valorização da cultura juvenil é uma das metas do nosso currículo. Assim, como sugestão, pode ser interessante comparar a rotina dos jovens que participaram das bandeiras com os jovens de hoje. Para tanto, recorreremos a um texto que descreve a convocação de meninos para acompanhar as bandeiras. Oriente os alunos para que:

- façam a leitura do título e subtítulo do texto e levante hipótese referente ao mesmo.
- façam a leitura silenciosa.
- identifiquem a época tratada no texto. Como é descrito o espaço?
- identifiquem a idéia central do texto. Ele traz informações históricas importantes no que se refere à temática estudada.

No Tempo dos Bandeirantes: Meninos-homens

(...)

Pouco depois de 1670, parte de São Paulo uma grande bandeira comandada por Manuel de Campos Bicudo, rumo ao nordeste de Mato Grosso, a conquistar os índios “serranos”

A bandeira corta territórios hídridos e perigosos, habitados por numerosas tribos de índios antropófagos, e vai parar, finalmente, nas cabeceiras do rio Tapajós. Não cabe aqui o relato minucioso dessa audaciosa penetração. O que se deseja assinalar aqui é um fato sobejamente conhecido, mas não devidamente estudado: a presença de um menino nessa rude tropa. (grifo nosso)

Com efeito, acompanhando seu pai nessa longa, áspera entrada, vai um rapazi-
nho que não deve ter mais de quatorze anos de idade e que se chama Antônio Pires de Campos.

Aos quatorze anos de idade, o paulista do seiscentismo já se não considera um menino. Embora sem o mais leve indício de barba, mal podendo carregar os pesados mosquetes de seis palmos, mas sopesando galhardamente a ágil escopeta ou a sua tercerola, esses rapazinhos, vezes sem conta, embrenham-se pelos sertões, na ajuda de seus pais ou no serviço de Sua Majestade (...)¹⁶

Lembrar que o conceito de infância é do século XIX. Criança fazer o trabalho de adulto no século XVII, fazia parte da cultura, portanto como era infância no século XVII?

16 SANTOS, Belmonte. *História e Lendas*. In: <http://www.novomilenio.unf.br/santos/ho380c27.htm> Acesso em: 14.08.09.

Peça para que:

- identifiquem no texto o trecho que fala do trabalho exercido por uma criança no século XVI e transcreva-o para o seu caderno. Após a transcrição, leia-o novamente para verificar se será necessário fazer reescrita. Na época dos bandeirantes o trabalho exercido por criança era diferente de hoje (converse com os colegas e com o professor (a) a respeito do assunto).
- registrem as conclusões no seu caderno.
- digam se conhecem hoje alguma criança que trabalha? Qual a sua opinião a respeito do trabalho infantil?
- façam uma discussão sobre o trabalho infantil abusivo e porque ele nos causa indignação.
- pesquisem em seu livro didático a temática das entradas e bandeiras e a sua relação com o sertão.

Professor (a) antes de trabalhar outro texto é oportuno trazer algumas garantias dispostas no ECA, e o caráter histórico dos direitos da criança e do adolescente.

É interessante trabalhar neste momento o ECA. Para tanto, escolha os artigos e transcreva em uma folha de papel e distribua nos grupos. Cada grupo deverá ler o seu artigo e depois fazer o comentário. Após o trabalho, sugerimos a realização de uma pesquisa a respeito da história do ECA.

Atividade VIII: texto historiográfico- Ocupação do território por quilombos

Nesta atividade você introduzirá as noções de quilombo e quilombolas e ampliará a noção de diversidade cultural ao focar a ocupação do território de Goiás (sertão de Goiás) pelos quilombolas. Você pode explorar como esses grupos se apropriaram da natureza, seu modo de vida e as formas de sobrevivência. É importante discutir com os estudantes as ameaças que os quilombolas vêm sofrendo, pela expansão do agronegócio e a exploração do garimpo. Nesse sentido, você poderá desenvolver atividades que propiciem a comparação entre os quilombolas e os povos indígenas.

“Os quilombos em Goiás”

Cunha Matos, Governador das Armas de Goiás e um de seus historiadores, registra a existência de quilombos nas proximidades de quase todos os arraiais do ouro: em São José do Tocantins (Niquelândia), Arraias, Meia Ponte, Crixás, Paracatu, não se falando dos muitos nos arredores das minas de Sant’Ana, Barra, Ouro Fino e Ferreira, na região do rio Vermelho, afluente do Araguaia. (...)

Taunay dá notícia de um quilombo nas vizinhanças de Papuã (Pilar), refe-

rindo-se a ordens dadas pelo Coronel de Ordenanças e guarda-mor das minas daquele arraial, Baltazar da Cunha Bueno, para que índios carijós de Guarinos, povoado vizinho, o acompanhassem ao assalto a negros fugidos.

Pohl, pisando terras de Goiás em maio de 1820, informava que a três dias de viagem de Caldas Novas encontravam-se os negros escravos fugidos de São Paulo, ali levantando verdadeiro arraial, fortificado em pontos e fojos, acrescentando ser o número deles tão considerável que não eram agredidos, tendo mesmo entregue eles um sacerdote que celebrava missas. O arraial que passou a ser chamado Quilombo, localizava-se em zona rica em ouro, fazendo os negros comércio com Cuiabá.

A catorze léguas de São José do Tocantins (atual Niquelândia) agruparam-se numerosos escravos fugidos das minas da região do Tocantins. Dalí extraíram ouro, que ocorria juntamente com minério de níquel. Os negros, à falta do sal, assavam a carne colocando as postas num girau com braseiro em baixo, chamado moquém, daí o nome do povoado. A fumaceira é que denunciou a localização do quilombo, cercado e destruído pelos capitães-de-mato.

Nos sertões de Porangatu, Cavalcante e Araguaçu zanzavam negros africanos, quilombolas que não se misturavam com os brancos; chamados “negros de brabeza”, viviam hoje aqui, amanhã acolá. Comedores de cavalo, alimentavam-se também de mantimentos roubados nas roças dos brancos e de frutas e mel. (...)”¹⁷

Professor (a), incentive a participação de todos, na leitura silenciosa do texto, destacando o parágrafo que consideram mais importante com a devida justificativa da escolha. Em seguida comente sobre a origem e a existência atual dos quilombos:

Sabemos que o Brasil manteve por vários séculos o regime escravista, o qual produziu diversas reações e situações de resistência da população negra escravizada, dentre elas a fuga para os quilombos. Não dá para falar de ocupação do território goiano sem falar dos quilombos. Conforme o texto acima, havia em Goiás diversos quilombos, procure discutir com os seus estudantes sobre isso. Pergunte se eles já ouviram falar dessa palavra e se eles conhecem o seu significado. Peça para recorrer ao dicionário.

Atualmente em Goiás, há territórios considerados área de população remanescente de quilombo, o mais conhecido se chama kalunga. Pergunte se já ouviram falar dos Kalunga. Além dos Kalunga, que outras populações temos hoje em Goiás que são consideradas quilombolas? Estimule-os a conversar com os mais velhos para verificar se já ouviram falar de quilombos em sua região.

Proponha uma consulta ao laboratório de informática para saber mais sobre os quilombolas: os hábitos dessas populações com relação à natureza, seus

17 HERMANO, Amália Teixeira. FONTANEZI, Janete Romano, MENEZES, Eleuzenira Maria de. (Orgs.) *História de Goiás*- obra póstuma Goiânia (no prelo) IHGG/SEDUC..

conhecimentos e seu modo de vida. E as dificuldades e problemas que essas populações enfrentam na atualidade.

Com os materiais recolhidos, oriente os estudantes para escreverem um texto comparando a questão indígena e os quilombolas em Goiás. Os estudantes podem enfatizar diferentes aspectos (modo de vida, ameaças sofridas, origem, situação atual, conquistas realizadas).

5- Sistematização do Conhecimento

Para sistematizar os conhecimentos deve-se retomar a questão inicial da sequência: o que os estudantes compreendiam por sertão? Dessa maneira deve-se propor aos estudantes que respondam a pergunta com base nos conteúdos aprendidos no decorrer da sequência. Assim como as noções de sertão, sertanejo, tropeiro, colonização, arraiais, vila, cidade, bandeiras, territórios indígenas, territórios quilombolas e conflito cultural deverão estar presentes na sistematização.

Os estudantes poderão produzir textos com enfoques variados, por exemplo, A ocupação do sertão e as populações indígenas, ou ainda, Os quilombolas e o sertão de Goiás, ou ainda, As cidades e os caminhos – das bandeiras aos tropeiros. Você e seus alunos poderão pensar e selecionar os enfoques dos textos que serão produzidos.

Após a produção, será interessante que esses textos sejam socializados e discutidos.

6-Avaliação

Aqui a avaliação é diagnóstica, processual e contínua. É feita por meio de observação pontual nos debates, registros dos cadernos, produções coletivas. Também por meio da participação nas leituras dos textos (diferentes gêneros) individuais, coletivos; da leitura de mapas, da consulta na internet e debates.

Sugerimos, também, um processo de auto-avaliação de cada estudante: organize um roteiro para que cada um possa se auto-avaliar. Destaque a importância dos trabalhos coletivos e a postura necessária para que isso aconteça.

Sugerimos algumas questões que o professor pode fazer no processo de avaliação:

- como os estudantes conseguiram posicionar-se na discussão coletiva?
- como desempenharam a atividade da análise de mapas?
- como construíram o texto?
- como conseguiram interpretar os documentos?
- quais noções foram construídas e quais foram as dificuldades?

TEXTO COMPLEMENTAR

O DESENVOLVIMENTO URBANO EM GOIÁS: OS CASOS DE VILA BOA E MEIA-PONTE

Equipe de História

Amélia Cristina da Rocha Teles

Janete Romano Fontanezi

Márcia Aparecida Vieira Andrade

Noé Freire Sandes

O mapa de Goiás no século XVIII e XIX revela uma imensa região que aos poucos foi sendo desmembrada: perderam-se territórios para Minas Gerais e, mais recentemente, deu-se a emancipação política do Norte, com a fundação do Estado do Tocantins.

Esse imenso território era considerado sertão. O povoamento deveu-se ao ouro e a sua riqueza fugaz. Atribui-se a Bartolomeu Bueno da Silva (Anhangüera) a descoberta do ouro em Goiás entre os anos de 1722 a 1725. Tal descobrimento promoveu a ocupação da região, cujo nome é uma alusão a uma suposta tribo indígena aqui encontrada, então chamada *Goiá*. Sobre essa tribo afirma Silva e Sousa: “Nação mais branca que o ordinário dos índios desta capitania e domiciliaria no lugar da vila e pelas vizinhanças da Serra Dourada, pacífica e já extinta” (1967,63). O intenso movimento de homens e de capitais deu origem a uma nova sociedade na região das minas, mais distinta ainda com a separação de Goiás da capitania de São Paulo, efetivada em 1749 com a posse do primeiro governador de Goiás, D. Marcos de Noronha. Nessa perspectiva, os goianos são filhos do ouro e das bandeiras.

Os primeiros arraiais se formaram com a descoberta do ouro pelos bandeirantes. As bandeiras eram sociedades em que homens livres pediam autorização para adentrarem o sertão em busca de índios e ouro. Essas expedições desbravariam o sertão, território considerado, aos olhos dos conquistadores, deserto. Entretanto, o sertão era refúgio de índios, negros (quilombos) e homens livres pobres. Na verdade, os que percebiam o sertão como deserto negavam o reconhecimento das atividades de homens que viviam fora do controle do espaço colonial.

O primeiro arraial fundado, em 1727, na proximidade do rio Vermelho foi o de Sant’Ana: a existência de água e de ouro determinava a criação desses primeiros aglomerados de homens. Por volta de 1731, ricas jazidas foram encontradas na serra dos Pirineus, essas duas aglomerações formaram duas das principais cidades goianas: Vila Boa, em alusão ao nome de Bartolomeu Bueno, e Meia-Ponte.

O arraial de Sant'Ana se tornou vila em 1736, mas teve que aguardar mais três anos para demarcação final dos espaços definidores da nova condição: a matriz, a câmara e a cadeia. Por determinação da Coroa Portuguesa, Vila Boa de Goiás teria por missão ordenar o instável mundo das minas por meio da estrutura administrativa implantada. A vila zelaria pela ordem necessária aos negócios no tumultuado ambiente das descobertas.

A cidade colonial representava, portanto, os interesses da metrópole portuguesa em terras americanas, entretanto, os colonos interessados na fácil riqueza do ouro fugiam de impostos e obrigações, criando arraiais em inúmeras regiões da capitania de Goiás.

A riqueza do ouro é enganadora. Em pouco mais de cinquenta anos o ouro se tornou escasso. O decréscimo da produção de ouro, no final do século XVIII, não foi sucedido por outra atividade que refizesse os fluxos econômicos, restando aos goianos dedicarem-se às atividades ligadas ao setor de subsistência, situação que se alongou por mais de um século. Comparado ao período em que o ouro movimentava a economia, vivia-se, no século XIX, um período de refluxo: a moeda circulava em quantidade reduzida e o escambo, troca de mercadorias, se generalizava.

Em 1727, se inicia o povoamento de Meia Ponte como desdobramento da conquista do ouro em Goiás. Em 1736, o Distrito foi promovido a arraial. Com a crise do ouro as atividades foram reduzidas as atividades de subsistência. Em meados do século XIX, a cidade vive um momento de crescimento, fundando-se, em 1830, o primeiro jornal do Centro-Oeste, *Matutina Meia-pontense*.

Em 1832, foi elevada à condição de Vila. Meia-Ponte então vivia um período de abastança resultante das atividades do comendador Joaquim Alves de Oliveira. Os fluxos comerciais no sertão goiano tinham limites e é preciso apontá-los de imediato. O crescimento da economia de Meia-Ponte dependia, fundamentalmente, das atividades do comendador concentradas na fazenda Babilônia. A sua morte desarticulou os frágeis fluxos comerciais daquela economia sertaneja. Em 1853 a vila se transmudou em cidade de Meia Ponte e em 1890 passa a se chamar Pirenópolis, a cidade dos Pirineus.

Faz-se necessário compreender a diversidade do que se denominava sertão: não se trata de uma região específica, pois ao afastar-se do litoral e da dinâmica da economia colonial, chegava-se ao sertão, portanto há sertões em todos os cantos do Brasil. Para se ter uma medida das distâncias entre o litoral e o sertão goiano basta imaginar que se demorava em torno de dois a três meses, nos períodos secos, numa viagem entre Goiás e o Rio de Janeiro.

A documentação oficial se esmerou em registrar o empobrecimento de Goiás. Porém, na mesma medida que se falava do estado deplorável das vilas e estradas, também exagerava na importância dos recursos naturais da região.

A pretensão era de chamar a atenção das autoridades imperiais para o coração do Brasil para que, nesse lugar, se fomentasse o comércio e a agricultura. Os relatórios dos Presidentes da Província e os relatos dos viajantes europeus que percorreram o território goiano são pródigos em atestar o isolamento e a pobreza da região, conclamando o Estado a obrigar os homens ao trabalho na agricultura e na navegação. Dessa forma, pretendia-se combater os que vagavam no sertão à cata de ouro vivendo longe da disciplina do trabalho regular, exigido pela agricultura e pela pecuária

DOCUMENTO

(...) Falta um poderoso braço que tire o povo da apatia em que se conserva: falta restabelecer e restaurar a boa fé nos comerciantes; falta obrigar os homens aos trabalhos da agricultura; falta compeli-los a empregarem-se na navegação; falta dar nova vida às construções de grandes barcas chatas mui diferentes, e com aparelhos diversos daqueles de que usavam nas passagens perigosas dos rios; falta consertar e desobstruir estradas e abrir outras mais diretas e mais cômodas; falta reformar as pontes agora arruinadas, e as que antigamente existiam; falta dar prêmios aos maiores exportadores e tirar todos os embaraços aos importadores; falta abolir o direito do quinto, acabar com as alfândegas ou registros internos; repelir os índios ferozes; estabelecer postos militares; fortes sobre os rios; abrir alguns canais mui praticáveis aos lados das cachoeiras, quebrar as pedras em algumas entaipavas; em conclusão, falta quase tudo para dar algum vigor ao comércio da comarca de Goiás; mas os elementos existem na província: nada se carece de fora dela; nada é impossível, uma vez que possível for ressuscitar ou criar algum patriotismo no coração dos governantes e governados. (Matos, José Raymundo da Cunha. Corografia histórica de Goiás, 1824.).

Raymundo José da Cunha Matos (1776-1839) foi Governador das Armas e deputado pela Província de Goiás e escreveu esse trabalho para o Imperador D. Pedro I em 31 de dezembro de 1824. A publicação ocorreu em 1824, na Revista do Instituto Histórico Geográfico e Etnográfico do Brasil. O fragmento citado foi transcrito de uma reedição da Corografia Histórica organizada pelo governo do Estado de Goiás em 1979. A presença de Cunha Matos em Goiás, na década de 1820, vincula-se ao receio de que um movimento separatista ocorresse no norte de Goiás, num momento em que as forças regionais se posicionavam em relação ao projeto de emancipação política liderado pelas elites fluminenses que se reuniram em torno do príncipe D. Pedro. O general Cunha Matos foi figura proeminente no processo de independência e na vida política brasileira na 1ª metade do século XIX.

Raymundo José da Cunha Matos (1776-1839) foi Governador das Armas, deputado pela Província de Goiás e escreveu esse trabalho para o Imperador

D. Pedro I em 31 de dezembro de 1824. A publicação ocorreu em 1874, na Revista do Instituto Histórico Geográfico e Etnográfico do Brasil. O fragmento citado foi transcrito de uma reedição da Corografia Histórica organizada pelo governo do Estado de Goiás em 1979. A presença de Cunha Matos em Goiás, na década de 1820, se vincula ao receio de que um movimento separatista ocorresse no norte de Goiás, num momento em que as forças regionais se posicionavam em relação ao projeto de emancipação política liderado pelas elites fluminenses que se reuniram em torno do príncipe D. Pedro. O general Cunha Matos foi figura proeminente no processo de independência e na vida política brasileira na 1ª metade do século XIX.

<http://www.pirenopolis.tur.br/portal/index.php?id=saint-hilaire>

August de Saint-Hilaire Famoso botânico e naturalista francês, esteve em Meia Ponte (Pirenópolis) em 1819, por ocasião de uma viagem ao interior do Brasil. Seu relato é de grande importância histórica, pois além de identificar e catalogar plantas, escreve com minúcias a região, os costumes e histórias da época.

O arraial foi construído numa pequena planície rodeada de montanhas e coberta de árvores de pequeno porte. Estende-se ao longo da margem esquerda do Rio das Almas, numa encosta suave, e defronta o prolongamento dos Montes Pireneus. Tem praticamente o formato de um quadrado e conta com mais de trezentas casas, todas muito limpas, caprichosamente caiadas, cobertas de telhas e bastante altas para a região. Cada uma delas, conforme o uso em todos os arraiais do interior, tem um quintal onde se veem bananeiras, laranjeiras e cafeeiros plantados desordenadamente. As ruas são largas, perfeitamente retas e com calçadas dos dois lados. Cinco igrejas contribuem para enfeitar o arraial. A igreja paroquial, dedicada a Nossa Senhora do Rosário, é bastante ampla e fica localizada numa praça quadrangular. Suas paredes, feitas de adobe, tem 12 palmos de espessura e são assentadas sobre alicerces de pedra. O interior da igreja é razoavelmente ornamentado, mas o teto não tem forro.

Da praça, onde fica situada essa igreja, descortina-se um panorama que talvez seja o mais bonito que já me foi dado a apreciar em minhas viagens pelo interior do Brasil. A praça foi construída sobre um plano inclinado; abaixo veem-se os quintais das casas, com seus cafeeiros, laranjeiras e bananeiras de folhas largas; uma igreja que se ergue um pouco mais longe e contrasta, pela brancura de suas paredes, com o verde escuro da vegetação; à direita há também casas e quintais, e ao fundo outra igreja; à esquerda vê-se uma ponte semidesmantelada, com um trecho do Rio das Almas coleando por entre as árvores; do outro lado do rio avista-se uma igrejainha rodeada por uma pequena mata, com grupos de árvores raquíticas mais além, confundindo-se com ela. Finalmente, a cerca de légua e meia do arraial o horizonte é limitado ao norte por uma cadeia pouco elevada, que constitui um prolongamento dos Montes Pireneus. Nela se vê um pico arredondado a que dão o nome de Frota, o qual se projeta acima dos morros vizinhos.

Enquanto que os outros arraiais contavam, no máximo, com um professor de primeiras letras, Meia Ponte tinha um professor de Gramática Latina pago pelo governo. Tenho minhas dúvidas, porém, de que fosse grande o número de seus estudantes e de que seus ensinamentos dessem resultados práticos.

Assim como em Tijuco, no distrito dos diamantes, existe em Meia-Ponte um asilo dos Irmãos da Ordem Terceira de S. Francisco, os quais se encarregam de recolher as esmolas dos fiéis para manutenção do Santo Sepulcro. Por ocasião da minha viagem, esse asilo contava apenas com um Irmão. A quantia reunida por ele era entregue a um tesoureiro leigo do próprio lugar, o qual por sua vez a enviava ao tesoureiro geral, no Rio de Janeiro, que também era leigo. É bem difícil acreditar que, após passar por tantas mãos, entre Meia-Ponte e Jerusalém, esse dinheiro chegasse intato a seu destino.

Como já disse, o clima de Meia Ponte parece muito salubre. À época do calor mais forte todos os habitantes do lugar -- homens e mulheres -- banham-se regularmente no Rio das Almas, o que contribui para mantê-los em boa saúde. A doença mais comum ali é a hidropisia, não sendo rara também uma forma de elefantíases a que eles dão o nome de morfêia.

O local onde hoje está situado o arraial foi descoberto em 1731 por um certo Manuel Rodrigues Tomaz. Os primeiros que se estabeleceram ali foram os caçadores de ouro, que queriam explorar as margens do Rio das Almas. Entretanto, como o povoado que então se formou ficasse situado na junção das principais estradas da província e por ali passasse antigamente um grande número de tropas, os seus habitantes, certos de que poderiam vender proveitosamente os produtos da terra, logo desistiram dos trabalhos de garimpagem, da qual atualmente restam poucos vestígios. Foram eles, ao que parece, os primeiros em toda a capitania que tiveram a glória de se dedicar ao cultivo da terra. As matas, abundantes nos arredores do arraial, favoreceram o trabalho dos agricultores. Foram derrubadas pelos antigos colonos e substituídas por plantações de feijão e milho. Atualmente abandonadas, essas lavouras cederam lugar às capoeiras.

Sugestões para o professor:

AMANTINO, Marcia. Mundo das feras: os moradores do sertão Oeste de Minas Gerais - século XVIII - Tese de doutorado. 2001. Disponível em: <http://www.homedocerrado.com/PDF/mundodasferas.pdf>. Acesso em 04.08.09.

FLORENCE, Hercules. *Viagem Fluvial do Tietê ao Amazonas (1825 a 1829)*. São Paulo: Cultrix, USP, 1977.

GOIÁS. Secretaria de Educação - SEE. Currículo em Debate: Expectativas de Aprendizagem - Convite à Reflexão e à Ação. Caderno 5. Goiânia: SEE - GO, 2008.

HOLANDA, Sergio Buarque. *Caminhos e Fronteiras*. Cia das Letras, 1994.

_____. *Monções*. Brasiliense, 2000.

NOBREGA, Melo. *História do rio Tietê*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: USP, 1981.

TAUNAY, Afonso de. *Relatos monçoeiros*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: USP, 1981.

Você pode consultar também:

Conferência Regional dos Povos Indígenas de Goiás, Tocantins e parte de Mato Grosso. Disponível em: <http://www.funai.gov.br/projetos/Conferencias/piri/4%20-%20Documento%20Final%20-Piren%F3polis.pdf> ou <http://www.funai.gov.br/projetos/Conferencias/piri/4%20-%20Documento%20Final%20-Piren%F3polis.pdf>. Acesso em 04/08/09.

Conflito indígena. Disponível em: http://www.proec.ufg.br/revista_u fg/agosto2007/textos/memoriaedocumentacao.pdf. Acesso 04/08/09

AVÁ-CANOEIRO: NO CONTEXTO DO CERRADO DO NORTE GOIANO
http://egal2009.easyplanners.info/area08/8176_SILVA_Lorraine_Gomes_da.doc.
Acesso 04/08/09

AVÁ- CANOEIRO -<http://pib.socioambiental.org/pt/povo/ava-canoeiro/print>. Acesso 04/08/09.

Xingu na mira da soja: <http://www.socioambiental.org/esp/soja/2.shtm>. Acesso 04/08/09.

Povos indígenas no Brasil Mirim. <http://pibmirim.socioambiental.org/>. Acesso 04/08/09.

Colonizadores em Goiás e o contato com a diversidade indígena. Disponível em: <http://www.pegue.com/indio/tapuio.htm>. Acesso 04/08/09.

Carta em genebra pede defesa dos direitos quilombolas. <http://www.socioambiental.org/nsa/detalhe?id=2871>. Acesso 04/08/09.

Quilombo em Goiás. <http://www2.ucg.br/flash/Quilombo.html>. Acesso 05/06/09.

Eu, um negro. <http://umnegro.blogspot.com/2008/01/kalunga-uma-remanescente-de-quilombo-no.html>. Acesso 05/08/09.

Kalunga. Kalunga, uma remanescente de quilombo no sertão de Goiás. <http://www.brasiloste.com.br/noticia/1007/kalunga>. Acesso 05/08/09.

LEAL, HERMES – *Quilombo*: uma aventura no vão das almas. São Paulo: 1995.

Do peão ao tropeiro. in HOLANDA, Sérgio Buarque. Caminhos e Fronteiras. São Paulo: Companhia das Letras, 1994

Caminhos do Comércio Interno. In KEATING, Vallandro. MARANHÃO, Ricardo. Caminhos da conquista- a formação do espaço brasileiro. São Paulo: Terceiro Nome, 2008.

<https://literaturadoBrasil.websiteseuro.com/livro.php?livro=105&cap=3777>. Acesso em 05.08.09.

REFERÊNCIA

BERTRAN, Paulo. *História da terra e do homem no planalto central: Eco-História do Distrito Federal. Do Indígena ao colonizador*. Brasília: solo, 1994.

CENPEC – *Coleção Terra Paulista – Jovens -1*. São Paulo, 2005.

CHAUL, Nasr. *Caminhos de Goiás*. Da construção de Goiânia aos limites da modernidade. Goiânia: UFG, 1997.

ECA – *Estatuto da Criança e do Adolescente*. Brasília, Secretaria Especial dos Direitos Humanos. MEC / ACS. 2005.

FREITAS, Lena Castelo Branco Ferreira de. *Goiás*. História e cultura. Goiânia: Descubra, 2004.

HERMANO, Amália: *História de Goiás*. Fontanezi, Janete Romano. Menezes, Eleuzenira Maria de. (orgs.). Obra póstuma. IHGG/SEDUC, Goiânia: (no prelo).

HOLANDA, Sergio Buarque. *Caminhos e Fronteira*. Cia das Letras, 1994.

HOLANDA, Sergio Buarque. *Monções*. Brasiliense, 2000.

MATTOS, Raymundo José da Cunha. *Chorographia Histórica da província de Goyaz*. Goiânia: Governo de Goiás, 1979, pp. 69 e 70.

PALACÍN, Luís. *Goiás 1722-1822*. Goiânia: Oriente, 1976.

PALACÍN, Luís e MORAES, Maria Augusta de Sant'Anna. *História de Goiás*. Goiânia: UCG, 1986.

RIBEIRO, Darcy. *Povo Brasileiro*. Cia das Letras, 1994.

SANDES, Noé Freire. Memória e história de Goiás. IN: ____ (org). *Memória e região*. Brasília: Ministério da integração nacional, Universidade Federal de Goiás. 2002, pp. 17-37.

SOUZA, Luís Antonio da Silva. *O descobrimento da capitania de Goyaz*. Goiânia: UFG, 1967.

VAZ, Coelho. *Diário de Tropeiro* (Poemas). Goiânia, Kelps, 2002.

www.instituto-camoes.pt/cvc/ciencia/e11.html



SEQUÊNCIA DIDÁTICA - 7º ANO

FESTAS POPULARES REGIONAIS

HISTÓRIA

“Adorei porque tive a oportunidade de socializar as minhas experiências com meus colegas de trabalho e enriquecer a minha prática diária através das seqüências didáticas.”

Depoimento de professora da Metropolitana .
Eva Ferreira da Rocha.

FESTAS POPULARES REGIONAIS

Subsecretarias de Educação: Rubiataba e Goiânia

Eixos Temáticos

- Diversidade Cultural: encontros e desafios;
- Terra, propriedade: poder e resistência;
- Mundo dos cidadãos: lutas sociais e conquistas

Objetivo

Identificar e avaliar nas práticas e crenças presentes em manifestações culturais nos dias atuais as permanências de traços dos modos de vida de outras sociedades em diferentes temporalidades e espaços. Esses traços ganham outro sentido no presente. Esta sequência propiciará a identificação de elementos da cultura medieval européia, por volta dos séculos V – XV, nas Cavallhadas praticadas em Goiás.

Expectativas de Aprendizagem

- Caracterizar a sociedade e a cultura medieval.
- Discutir o significado das cruzadas na Idade Média.
- Identificar as representações das cruzadas nas festividades religiosas em Goiás, as cavallhadas.
- Relacionar festejos populares como resultantes da interação entre as distintas culturas.
- Reconhecer o significado simbólico das recriações do ambiente medieval.
- Reconhecer nas cavallhadas a apropriação e recriação de símbolos relacionados ao ambiente medieval.
- Enfatizar a tolerância religiosa como valor ético, valorizando a formação de uma sociedade multicultural.

Material Necessário e Equipamentos

Aparelho de som, vídeo, revistas, jornais, internet, mapas, livros didáticos, textos complementares.

Quantidade de Aulas

Aproximadamente 10 aulas

1) Apresentação da Proposta

Nessa sequência didática procurar-se-á desenvolver as noções de permanência e mudança tendo como foco as festas populares e regionais em Goiás. Nelas poderão ser encontrados elementos ressignificados da cultura medieval (séculos V a XV) que serão trabalhadas para se compreender a historicidade do modo de vida em tempos e espaços diferentes (outro tempo e outro lugar).

2) Sensibilização

Apresentação do vídeo documentário “As Cavalhadas¹⁸” sobre as cavalhadas de Pirenópolis.

Após a exibição do vídeo, colocar a turma em círculo e selecionar cenas que mostrem:

- os personagens e suas vestimentas;
- objetos;
- local da encenação;
- aspectos profanos e religiosos presentes na encenação. Professor(a) é importante explicar as diferenças entre profano e religioso para os estudantes);

Solicite que levantem hipóteses sobre:

- Que lutas a festa representa?
- Onde e quando aconteceram as lutas representadas na festa?
- Como, quando e por que esta festa chegou a Goiás?

3) Diagnóstico

Peça para os estudantes imaginarem, narrarem e depois desenharem elementos da Idade Média: construções, vestimentas, instrumentos utilizados nas danças e torneios (pode-se colocar um fundo musical que esteja relacionado à expectativa desenvolvida).

Após concluírem os desenhos, socializá-los com a turma.

18 As Cavalhadas, 2005. Duração de 5 min. Disponível em: <http://www.camera3.com.br/>. Acesso em: 02.10.09. Outro vídeo interessante esta disponível em: <http://www.camara.gov.br/internet/tvcamara/default.asp?selecao=MAT&velocidade=100k&Materia=36230>.

Dando continuidade ao diagnóstico, questionar:

- **Você sabe o nome de algum país que é governado por rei ou rainha?**

- **O que você conhece sobre festas populares?**

Professor(a) não esquecer que há diferença entre a monarquia medieval, a monarquia absoluta e a constitucional. E isso deve ser trabalhado depois da discussão preliminar.

Professor (a), anote as falas dos estudantes em um cartaz para ser retomado depois.

4) AMPLIAÇÃO DOS CONHECIMENTOS

Professor(a), use o livro didático para trabalhar elementos da Idade Média, contextualizando o momento passado que está buscando como permanência, no caso a Idade Média, tempo de Carlos Magno, por volta do século VIII e o lugar em que se passaram diferentes histórias, a Europa Ocidental. Então o estudante poderá compreender o modo de vida, a mentalidade, a organização social e política desse momento e lugar. Deve-se trabalhar com as noções que constituíram a história desse período como: relações de vassalagem, suserania e servidão. Essas relações se estabelecem a partir do conceito de fidelidade, por isso a importância do papel da Igreja (clero) e da nobreza, que tem a terra como benefício (diferente do momento atual em que é mercadoria). A relação servil deve ser abordada, buscando-se compreender o trabalho e as resistências dos camponeses à exploração dos senhores (pagamento das corvêias, talhas).

O livro pode também ser retomado para os estudantes compreenderem a cultura árabe, as lutas de conquista e reconquista da Península Ibérica.

Professor (a), antes da leitura dos textos, apresente aos estudantes os títulos e levante hipóteses sobre os mesmos.

ATIVIDADE 1: Leitura dos textos “A medição do tempo na Idade Média” e “Astronomia Árabe na Idade Média”.

A medição do Tempo na Idade Média

Apesar de já serem conhecidos alguns dispositivos de medição de tempo, como o relógio d'água e o relógio de sol, o ritmo do tempo na Idade Média era regulado principalmente pelo curso do sol: ele era curto no inverno, longo no verão.

Os horários eram referenciados através do badalar dos sinos dos mosteiros, que anunciavam os ofícios mais ou menos a cada três horas: matinas à meia-noite, laudes às três da manhã, prima às seis, terça às nove, sexta ao meio-dia, nona às três da tarde, vésperas às seis e completas às nove da noite.

Essas horas canônicas não eram regulares, variando de acordo com a latitude, a estação ou a pontualidade do monge encarregado de tocar o sino.

Na Inglaterra terça, sexta e nona eram anunciadas mais cedo que em outras regiões do continente europeu, razão pelo qual “*noon*”, em inglês, originado da nona, acabou por designar meio-dia.

Fonte: No tempo dos cavaleiros da tábua redonda - Michael Pastoureau - Companhia das Letras

Disponível em: <http://fernandes-escritor.blogspot.com/2009/06/medicao-do-tempo-na-idade-media.html>. Acesso em: 25.09.09.

Astronomia Árabe na Idade Média

A fé islâmica inicia-se em 622 D.C., quando o profeta Maomé convoca os árabes à Meca para adorar o “único Deus verdadeiro”. A partir desse ano, em que Maomé faz a sua viagem conhecida por “*Hégira*”, o islamismo espalha-se rapidamente pelo Egito, Iraque, Norte de África e Espanha.

Tal como os cristãos dependem dos astros para a determinação da Páscoa, também os árabes dependeram das datas astronômicas para definir as suas cinco horas de oração diárias, para definir a direção de Meca e o seu calendário lunar.

No início, a Astronomia islâmica teve como suporte a Astronomia persa e indiana, mas por volta do século IX já incorporava a Astronomia grega clássica, em particular as cosmologias de Aristóteles e Ptolomeu.

Entre os séculos IX e XII surgiram e desenvolveram-se três grandes centros de Astronomia árabes.

O primeiro foi na região de Bagdad, onde a “Casa da Sabedoria” criada pelos Califas Abbasid encorajou o desenvolvimento da Ciência como uma forma de louvar a Alá, tendo tido institutos em mais de um local.

Al-Battani (850-929) começou no início do observatório por estudar a Astronomia matemática de Ptolomeu, enquanto no final do século XIII, o Observatório de Maraghah no Irão forneceu as bases para os cálculos de Nasir al-Din al-Tusi (1201-74) que foi um dos grandes matemáticos de órbitas planetárias do Islão.

Já entre os árabes se verificava alguma inquietação com a questão de tirar a Terra do centro de rotação artificialmente introduzida por Ptolomeu e, sobretudo, a questão do equanto. Ibn al-Shatir, um dos grandes astrónomos árabes medievais, viria a desenvolver um modelo que, mantendo a Terra no Centro, continha epiciclos.

Disponível em: http://www.ccvalg.pt/astrologia/historia/idade_media.htm Acesso em: 25.09.09

- Fazer uma leitura silenciosa para reconhecimento do texto.
- Identificar quem escreveu o texto, quando e onde e por quem foi publicado.
- Destacar os sujeitos, o tempo e o espaço presentes no texto.
- Identificar e buscar o significado das palavras desconhecidas do texto.
- Debater dos textos com a turma, trazendo para nossa realidade. O debate sobre a medição do tempo hoje e na Idade Média.
- Diferenciar a forma de medição do tempo apresentada nos dois textos?
- Verificar qual a posição da Igreja e do Islã sobre a teoria de Ptolomeu? Se necessário, realizar pesquisa sobre essa teoria?
- Pesquisar quais instrumentos eram utilizados pelos Árabes na astronomia? E pelos Europeus?

Professor (a), a seguir elabore um texto coletivo com a classe.

ATIVIDADE 2: Construção de um roteiro para análise do filme *Shrek 3* de Raman Hui, Chris Miller, 2007.

Professor (a), antes de exibir o filme para os estudantes, você deve assisti-lo e identificar os elementos que serão solicitados, bem como o tempo do mesmo, talvez seja mais interessante usar apenas as partes que se relacionam com o tema em estudo.

É preciso também conversar com eles sobre o filme antes de exibir.

Explicar o porquê do uso do filme e qual a relação com a atividade anterior.

Você pode usar o roteiro sugerido ou construir outro com seus estudantes.

Roteiro de análise do filme *Shrek 3*

a) Identificação do título, ano, atores, diretor, tempo, categoria, período histórico.

b) Descrição do cenário, dos personagens, suas vestimentas, adornos, do grupo social a que pertencem.

c) Resumo do enredo (tema) do filme.

Professor (a), ajude os estudantes estabelecerem relações entre os textos e a representação do filme.

Para abordarmos elementos da religiosidade medieval e sua recriação no Brasil sugerimos o trabalho com a música de Elomar, pois a mesma expressa a medievalidade em sua letra e melodia.

ATIVIDADE 3: Música “O Violêro” de Elomar

- Tocar a canção O Violêro de Elomar¹⁹.

O Violêro

*Vô cantá no canturi primero
as coisa lá da minha mudernage
qui mi fizero errante e violêro
eu falo séro i num é vadiage
i pra você qui agora está mi ôvino
juro intê pelo Santo Minino
Vige Maria qui ôve o qui eu digo
si fô mintira mi manda um castigo
Apois pro cantadô i violero
só hai treis coisa nesse mundo vão
amô, furria, viola, nunca dinhêro
viola, furria, amô, dinhêro não
Cantadô di trovas i martelo
di gabinete, ligêra i moirão
ai cantadô já curri o mundo intêro
já intê cantei nas prtas di um castelo
dum rei qui si chamava di João
pode acriditá meu companhêro
dispois di tê cantado u dia intêro
o rei mi disse fica, eu disse não
Si eu tivesse di vivê obrigado
um dia inantes dêsse dia eu morro
Deus feis os homi e os bicho tudo fôrro
já vi iscrito no Livro Sagrado
qui a vida nessa terra é u'a passage
i cada um leva um fardo pesado
é um insinamento qui derna a mudernage
eu trago bem dent' do coração guardado
Tive muita dô di num tê nada*

Glossario

Furria: Folia, alegria, farra

Apois: Então, pois

Hái: Há

Lijêra e Moirão: Gêneros de cantoria

19 Professor(a) para trabalhar essa canção é necessário que você saiba o que é o Cancioneiro Medieval Português e como Elomar o retoma em suas composições. Veja Glosas Marginais – Ao Cancioneiro Medieval Português. Yara Frateschi Vieira, José Luís Rodriguez, M. Isabel Morán Cabanas, José António Souto Cabo. Editora Unicamp, USC Universidade de Santiago de Compostela. Acesse o site: <http://auladeliteraturaportuguesa.blogspot.com/2008/07/cancioneirosmedievais.html>. Acesso em: 17.10.09. http://www.revistarepertorioteatroedanca.tea.ufba.br/11/arq_pdf/cantigadoboiencantado.pdf. Acesso em 17.10.09

*pensano qui êsse mundo é tud'tê
mais só dispois di pená pelas istrada
beleza na pobreza é qui vim vê
vim vê na procissão u Lóvado-seja
i o malassombro das casa abandonada
côro di cego nas porta das igreja
i o êrmo da solidão das istrada
Pispiano tudo du cumêço
eu vô mostrá como faiz o pachola
qui inforca u pescoço da viola
rivira toda moda pelo avêssô
i sem arrepará si é noite ou dia
vai longe cantá o bem da furria
sem um tustão na cuia u cantadô
canta inté morré o bem do amô.*

Após ouvir a canção, pergunte aos estudantes o que entenderam e depois solicite que, em duplas, busquem o significado das palavras desconhecidas e montem um glossário. Peça que identifiquem que elementos da Idade Média aparecem na canção. Oriente-os a produzir um desenho ou charge individual a partir do que entenderam da canção e que esteja ligado aos textos “Ano 1000 – Tempo de medo ou de Esperança?”²⁰ e depois socializem com a turma.

Disponível em: www.elomar.com.br

Professor(a), pergunte aos estudantes:

- Que elementos da religiosidade aparecem na canção? Estes elementos pertencem a qual religião?
- E você, a qual religião pertence?
- Que tipo de festividades religiosas são realizadas em sua cidade? Elas podem ser consideradas festas populares?

Oriente-os a seguir a:

- Pesquisar em grupo tipos de festas realizadas na Idade Média, socializando os resultados com a classe.

20 Professor(a) você pode encontrar esse livro na biblioteca de sua escola. As referências completas sobre o mesmo são: JUNIOR, Hilário Franco. *O ano 1000 tempo de medo ou esperança?* São Paulo: Companhia das Letras, 1999. ou MACEDO, José Rivair. *Movimentos populares na Idade Média*. São Paulo: Moderna, 2003.

ATIVIDADE 4: Leitura do texto “Os Mascarados”

Professor (a), contextualize as cavalhadas.

“As Cavalhadas de Pirenópolis fazem parte das lutas entre mouros e cristãos que marcam os séculos finais da Idade Média. Representam também a vitória dos cristãos nas Guerras de Reconquista e ainda a vitória de Carlos Martel, que impediu a propagação dos mouros, para além da Península Ibérica”.

- Antes da leitura do texto, solicite aos estudantes para levantarem hipóteses a partir do título “Os mascarados”.
- Você conhece a festa das Cavalhadas de Pirenópolis?
- Já esteve lá alguma vez?
- Que elementos mais lhe chamou a atenção?
- Proponha a leitura do texto em duplas.

Os Mascarados



Cavaleiro Mascarado típico de Pirenópolis

“Os Mascarados são tão grande atração quanto os cavaleiros mouros e cristãos. Conhecidos também como “Curucucús”, por causa do som que emitem, são pessoas que se vestem com máscaras, roupas coloridas, luvas e botas. Mudam a voz ao falar e cobrem todo o corpo para que ninguém os reconheçam. Enfeitam seus cavalos com fitas, tecidos, plantas e tudo quanto a criatividade mandar. Tradicionalmente, existem vários tipos. Os mais tradicionais são aqueles com máscara de cabeça de boi, seguidos pelos que usam máscaras de onça, máscaras de homem e, mais recentemente, apareceram aqueles com máscaras de borracha, com cara de monstro, desfocando um pouco a originalidade da festa. Mas isso não diminui a beleza e o entusiasmo dos Mascarados, que já no sábado saem às ruas a galope em

algazarra. Pedem, com vozes fanhosas, cerveja, e cigarro, aos transeuntes e divertem a população com suas acrobacias e brincadeiras.

A máscara de boi é a mais tradicional e só é encontrada entre os Mascarados de Pirenópolis. Outro mascarado muito interessante é o São Caetano, chamado assim pois orna seu cavalo, escondendo-o, com ramas de Melãozinho de São Caetano, erva trepadeira muito comum, e folhas de bananeiras. Leva na cabeça uma máscara de homem, com um chifre reto na testa, e na mão uma cesta de frutas que atira para a platéia. Outro muito engraçado veste-se com um macacão extremamente grande de tecido de colchão que recheia com capim, ficando enormemente gordo, envolvem a cabeça com um pano preto onde pintam em branco a face de uma caveira.

Não se sabe a origem destes personagens, que são encontrados em todas as cavalcadas do Brasil, com diversas diferenças entre as cidades. Eles se fundem com os cristãos e mouros num trinômio perfeito. Representam o papel do povo e daqueles que não tem acesso à pompa dos cavaleiros, que representam socialmente a elite e o poder. São irônicos e debochados, fazendo críticas aos poderosos e ao sistema. E, ao contrário da rigidez dos Cavaleiros, entre os Mascarados não há regras, tudo é permitido, menos mostrar sua identidade”.

Disponível em: <http://www.pirenopolis.tur.br/portal/index.php?id=cavalcadas>. Acesso em: 03.09.09.

Após a leitura do texto e do vídeo, das pesquisas e das aulas proponha as seguintes questões aos estudantes:

- Qual a origem das Cavalcadas?
- Quais as variações que existem nas representações dos mascarados?

Professor(a), você pode usar como subsídios os textos de: BRANDÃO, Carlos R. O que é folclore. São Paulo: Brasiliense, 1986 e MEYE, Marlyse. Caminhos do imaginário no Brasil. São Paulo: EDUSP, 2001 e Cavalcadas de Pirenópolis, do mesmo autor. São Paulo: Oriente, 1974.

- Quais as críticas sociais que os cavaleiros mascarados tecem sobre as relações de poder existente na sociedade atual e medieval?
- Qual a relação que eles perceberam entre cultura medieval e as cavalcadas? Qual o sentido atual?

5) Sistematização

Para sistematizar os conhecimentos trabalhados os estudantes poderão representar a história lida em desenhos, organizar um mural com festas populares. Além disso, poderão organizar uma exposição em sala de aula com as produções (desenhos, textos e outros).

É importante que essas produções expressem o que perceberam de mudanças e permanências.

6) Avaliação

A avaliação é contínua e processual, acompanhando a produção cotidiana dos estudantes como: pesquisas, debates, produções (desenhos, textos).

É importante saber como os estudantes se apropriaram das noções, por exemplo, de vassalagem, suserania, servidão e festas populares. Ter claro o tempo, o espaço e os sujeitos.

EQUIPE DE ESTUDO DE RUBIATABA

Denilza Araújo de oliveira
Deuzelina Janse Pereira da Silva
Euruleydes Fátima de Sousa
Ise Helena Miguel de Oliveira
Formadora: Márcia Aparecida Vieira Andrade

EQUIPE DE ESTUDO DE GOIÂNIA - Sub-grupo Palmito

Aparecida de Fátima Carvalho
Elizabete Nunes de Paula
Fabiana S. G. Mendonça
Formadora: Maria Geralda de A. Moreira

EQUIPE DE ESTUDO DE GOIÂNIA – Sub-grupo Assis Chateaubriand (Olavo Bilac)

Maria Lúcia Santos Meira
Uilma da Glória de Siqueira
Vanderlucy R. da Silva
Walmir Vidal
Ionilda Carmo de Souza
Ketlin Lamounier de Couto
Formadora: Amélia Cristina da Rocha Teles

REFERÊNCIAS

Os Mascarados. Disponível em: <http://www.pirenopolis.tur.br/portal/index.php?id=>. Acesso em: 03.09.09.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O que é folclore. São Paulo: Brasiliense, 1986.
----- . Cavalhadas de Pirenópolis. São Paulo: Oriente, 1974.

GOIÁS. Secretaria de Educação - SEE. Currículo em Debate: Expectativas de Aprendizagem - Convite à Reflexão e à Ação. Caderno 5. Goiânia: SEE - GO, 2008.

JÚNIOR, Hilário Franco. Ano 1000 tempo de medo ou esperança? São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

MACEDO, José Rivair. Movimentos Populares na Idade Média. São Paulo: Moderna, 2003.

MEYE, Marlyse. Caminhos do imaginário no Brasil. São Paulo: EDUSP, 2001.

Astronomia Árabe na Idade Média. Disponível em: http://www.ccvag.pt/astromia/historia/idade_media. Acesso em: 25.09.09.

A medição do tempo na Idade Média. Disponível em: <http://fernandes-escritor.blogspot.com/2009/06/medicao-do-tempo-na-idade-media.html>. Acesso em: 25.09.09.

